

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA**

JULIETA MARIA HAICAL HADDAD

**JORNADA E PARCERIA DO CASAL NO TRABALHO DOMÉSTICO:
UM ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

NÚCLEO DE ESTUDOS JUNGUIANOS

**São Paulo
2018**

JULIETA MARIA HAICAL HADDAD

**JORNADA E PARCERIA DO CASAL NO TRABALHO DOMÉSTICO:
UM ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba.

**SÃO PAULO
2018**

JULIETA MARIA HAICAL HADDAD

**JORNADA E PARCERIA DO CASAL NO TRABALHO DOMÉSTICO:
UM ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba.

Aprovada em:

Prof.^a Dr.^a Liliana Liviano Wahba – PUC-SP

Prof.^a Dr.^a Lilian Wurzba – IJEP/FACIS

Prof. Dr. Durval Luiz de Faria – PUC-SP

AGRADECIMENTOS

Agradeço, com saudades, ao meu pai, pela confiança e entusiasmo que me indicavam caminhos e me apoiavam na livre escolha de um deles. E a minha mãe, por me entender com amor naquilo que não compreende.

Agradeço ao meu amor Cirineo, por tantas vezes optar por ficar comigo na chuva, podendo se abrigar na marquise; por ter o olhar capaz de me fazer reagir nos momentos de maior desânimo.

Agradeço a Angelita França, por me ajudar na construção da estrutura que tornou tudo isso possível.

Agradeço a Marilene Krom, pelo apoio e amizade diante dos desafios emocionais da vida.

Agradeço aos meus gatos Ulisses, Julietinha e Donatello pela paciência de ouvir milhares de: “mamãe não pode agora” e, ainda sim, se empoleirarem em meu entorno.

Agradeço ao “meu” Jung, por ter feito o que acho que fez, enfrentado o que acho que enfrentou, suportado o que acho que suportou e me dado o que sinto que ganhei.

Agradeço à Liliana Wahba pelo abraço carinhoso, pela orientação cuidadosa e por me desafiar a ir além do que eu achava possível.

Agradeço a essa fantasia que me levou até a PUC-SP ao encontro da realidade do olhar carinhoso e das palavras de incentivo de Fábio Cavale, Michel Fillus, Luna Gimenez, Barbara Tancetti, Ana Paula Navarro, Ezequiel Braga e Carlos Bichuetti, com toda beleza e harmonia que uma amizade pode oferecer.

Agradeço a Lilian Wurzba, por me ensinar sem restrições, participar e ainda me motivar em meus projetos repentinos.

Agradeço a Durval Faria, pelos ensinamentos e pela gargalhada contagiante.

Agradeço a Helena Carvalho, por todo carinho e paciência com que se debruçou sobre cada ideia, ajudando a mostrá-las do melhor modo.

Agradeço a Vitor Bottacin e a Cláudio Selleri, por tornarem possível que minha coluna suportasse as viagens semanais por dois anos.

Agradeço aos colegas Carolina Menezes, Antony Simões, Amanda Iasuki, Tércio Oliveira e Rafael Barduchi pela curiosidade, pelas dúvidas e pelo incentivo de sempre.

Agradeço a Livian Moura e a Sérgio Juvenal, por tantas vezes me socorrerem nos bastidores em Lavras.

Agradeço aos funcionários do Hotel Transamérica, que sempre me receberam com um sorriso, fazendo com que eu pudesse descansar e me sentir em casa.

Agradeço aos participantes da pesquisa, que aceitaram oferecer tempo que lhes é precioso para contribuir com o conhecimento.

Agradeço a Deus.

Agradeço ao acaso, ao ato e ao fato.

Agradeço ao sincrônico, ao riso e ao sonho.

Agradeço ao leão, ao apetite e ao amor, que me permitiram persistir quando o conhecimento me convidava a ver aquilo que eu não queria.

E, para finalizar, agradeço à minha sempre querida, escolhida, meu porto seguro, minha amada Bauru.

Ninguém pode fazer história se não quiser arriscar a própria pele, levando até o fim a experiência de sua própria vida, e deixar bem claro que sua vida não é uma continuação do passado, mas um novo começo. (JUNG, 1927/1993a, par. 268)

HADDAD, J. M. H. **Jornada e parceria do casal no trabalho doméstico: um enfoque da psicologia analítica.** Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

RESUMO

O presente trabalho objetivou investigar, a partir do discurso dos casais, o modo como a distribuição dos afazeres domésticos é estabelecida e identificar concordâncias e discordâncias entre os cônjuges e as atitudes com respeito à divisão das tarefas dentro do lar. O estudo de caráter qualitativo e exploratório utilizou como instrumento a entrevista semiestruturada baseada em roteiro especificamente desenhado para a pesquisa. Participaram cinco casais heteroafetivos com filhos, com idades entre 21 e 58 anos, residentes em cidade do interior paulista. O exercício de ocupação remunerada externa ao domicílio por ambos os cônjuges e o apoio de profissional para realização dos serviços domésticos no máximo uma vez por semana constituíram também critérios de inclusão. A análise das entrevistas levou ao estabelecimento de categorias que foram articuladas e interpretadas com base no arcabouço teórico da Psicologia Analítica. Os resultados indicam que o comportamento desses casais não mais obedece a uma concepção tradicional dos papéis de gênero, mas antes se estrutura em torno de um acordo que prevê uma relação direta entre o trabalho remunerado e o doméstico, a responsabilidade com este dependendo do tempo investido naquele. Os relatos apontam ser essa uma solução ditada por necessidades práticas e que não elimina conflitos, pois considera apenas uma variável – tempo disponível para a realização das tarefas domésticas – e não inclui a apreciação das preferências individuais. Não foram encontrados indícios de que o novo arranjo tem por base atitudes que levem em consideração a igualdade de gêneros em termos de direitos e deveres. Destaca-se que o fato de enfrentarem uma dupla jornada de trabalho contribui para que ambos atribuam emoções negativas ao trabalho doméstico. No entanto, há mais relato de emoções desagradáveis por parte das mulheres, o que dá a entender que não seria uma tarefa tão natural para elas e que talvez o desagrado provenha do sentimento de obrigação culturalmente imposto, que não afeta os homens. Conclui-se que a compreensão do psicólogo clínico pode ser enriquecida ao levar em conta que os casais, em sua rotina privada – como visto no estudo –, não percebem o entrechoque entre suas escolhas acordadas e conflitos ou motivações inconscientes.

Palavras-chave: Conjugalidade. Trabalho doméstico. Papéis de gênero. Psicologia Analítica.

HADDAD, J. M. H. **The journey and partnership of couples in household chores: a Jungian approach.** Dissertation (Master in Clinical Psychology) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2018.

ABSTRACT

This study aimed at exploring, from the discourse of couples, the way household chores are shared and at identifying agreements and disagreements between spouses and their attitudes toward the distribution of these chores at home. The instrument of this qualitative and exploratory research was a semi-structured interview based on a script specifically designed for the purpose of the study. Participants were five heterosexual couples, aging from 21 to 58 years old, with children and living in a city in the countryside of the State of São Paulo. Other inclusion criteria were that both spouses had a paid job and the aid of a housemaid once a week at most. The analysis of the interviews led to the establishment of categories which were articulated and interpreted based on the theoretical framework of the Analytical Psychology. The results indicate that the behavior of these couples no longer follows a traditional conception of gender roles, but rather it is structured around an agreement that implies a direct relation between paid and domestic work, the responsibility with the latter depending on the time invested on the former. The narratives suggest that this is a solution dictated by practical needs and does not eliminate conflicts, since it considers only one variable – time available for the accomplishment of house chores – not including the appreciation of individual preferences. No evidence has been found that this new arrangement is based on attitudes that take into account gender equality regarding rights and responsibilities. It is noteworthy that the fact of facing the burden of a double working day seems to contribute to both spouses associating negative emotions with domestic tasks, although there are more mentions of unpleasant emotions on the part of the wives, which implies that it would not be such a natural task for them and that perhaps the dissatisfaction comes from a culturally imposed sense of obligation that does not affect men. The research points to the conclusion that clinical psychologists may have their comprehension enriched by taking into consideration that couples, in their daily private routine – as seen in the study – do not realize the clash between their agreed choices and their unconscious conflicts or motivations.

Key words: Conjuality. Household chores. Gender roles. Analytical Psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Descrição dos participantes	48
Quadro 2 – Emoções desencadeadas pelos trabalhos domésticos: respostas comparativas por casal.....	52
Quadro 3 – Emoções desencadeadas pela percepção do lar: respostas comparativas por casal.....	54
Quadro 4 – Expectativas: respostas comparativas por casal	57
Quadro 5 – Atitudes: respostas comparativas por casal	60
Quadro 6 – Padrões familiares: respostas comparativas por casal.....	63
Quadro 7 – Noções sobre o trabalho doméstico: respostas comparativas por casal.....	65

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 OBJETIVOS	15
2.1 Objetivo Geral	15
2.2 Objetivos específicos	15
3 REVISÃO DE PESQUISAS	16
4 PAPÉIS E PROJEÇÕES DE GÊNERO: PERSONA, ANIMA E ANIMUS	20
4.1 Identidade de gênero e papel de gênero	20
4.2 Persona e papéis de gênero	21
4.3 Anima e animus – evolução do conceito	23
4.4 Gênero na Psicologia Analítica	26
4.5 A condição feminina	29
5 CONJUGALIDADE	33
5.1 As mudanças na conjugalidade	36
6 MÉTODO	44
6.1 Características do estudo	44
6.2 Participantes	44
6.3 Instrumento – roteiro de entrevista semiestruturada	45
6.4 Procedimentos	45
6.4.1 Teste piloto do roteiro de entrevista semiestruturada.....	45
6.4.2 Seleção dos participantes e convite à participação	45
6.4.3 Local e data.....	46
6.4.4 Coleta de dados	46
6.4.5 Análise de dados.....	47
6.4.6 Procedimento ético.....	47
7. ANÁLISE DOS RESULTADOS	48
7.1 Descrição dos participantes	48
7.2 Análise das entrevistas	48
7.2.1 Quem trabalha mais tempo fora de casa, trabalha menos nas tarefas domésticas	49
7.2.2 Emoções desencadeadas pelos trabalhos domésticos	50
7.2.3 Emoções desencadeadas pela percepção do lar.....	52
7.2.4 Expectativas	55
7.2.5 Atitudes	58

7.2.6 Padrões familiares.....	61
7.2.7 Noção sobre trabalho doméstico.....	64
7.3 Síntese.....	65
8 DISCUSSÃO	67
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
REFERÊNCIAS.....	82
ANEXO A - Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável	87
ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	888
ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP – PUC-SP	900
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada	933
APÊNDICE B – Entrevista – Célia, 28 anos	944
APÊNDICE C – Entrevista – Andressa, 35 anos	1011
APÊNDICE D – Entrevista – Rose, 37 anos	1044
APÊNDICE E – Entrevista – Carmem, 39 anos.....	1066
APÊNDICE F – Entrevista – Laura, 45 anos	1088
APÊNDICE G – Entrevista – Samuel, 36 anos.....	1111
APÊNDICE H – Entrevista – Luciano, 39 anos	1133
APÊNDICE I – Entrevista – Márcio, 40 anos.....	1155
APÊNDICE J – Entrevista – Sérgio, 40 anos	1177
APÊNDICE K – Entrevista – Raul, 49 anos.....	11919

1 INTRODUÇÃO

A relação entre homens e mulheres tem se modificado em decorrência das transformações ocorridas nas sociedades ocidentais a partir do século XX. Com novas maneiras de constituir o casamento e a possibilidade de mais equidade entre os gêneros, os casais se veem diante da tarefa de se adaptar a circunstâncias que exigem atitudes e comportamentos diferentes dos estabelecidos por uma tradição que não mais responde aos novos tempos.

Dentre os fenômenos que marcaram o século passado, destaca-se o fortalecimento da presença feminina no mercado de trabalho nas últimas décadas. No período em que aos homens cabia serem os provedores materiais da vida em família, às mulheres eram atribuídas as tarefas domésticas de manutenção do lar e da prole (Bruschini & Ricoldi, 2012). Todavia, na medida em que, em razão de passar a exercer atividade profissional remunerada, a mulher veio a contribuir também para o sustento material da família, surgiu, no ambiente doméstico, a necessidade da reconfiguração da divisão de tarefas entre o casal.

Cada vez mais, o trabalho doméstico tem sido objeto de interesse, inclusive em estudos sobre a população e foi assim definido em publicação divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE):

Considera-se afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadram no conceito puramente econômico de trabalho) de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar estas tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; ou limpar o quintal ou terreno que circunda a residência (SABOIA & SOARES, 2007, p. 10).

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD Contínua 2017, publicada em 18 de abril de 2018, dá conta que persiste a discrepância entre os sexos no que se refere às atividades domésticas (IBGE, 2018). Na população geral, as mulheres têm dedicado aproximadamente o dobro de horas do que os homens ao cuidado com a casa e com pessoas: para elas, a média semanal é de 20,9 horas, ao passo que eles ocupam 10,8 horas por semana. Já quando se consideram apenas aquelas pessoas que trabalham fora, os homens dedicam em média 10,3h semanais

com o cuidado com o lar e filhos, enquanto as mulheres empregam 18,1h nessas atividades.

Comumente, na prática clínica, as dificuldades de relacionamento dos casais aparecem nos conflitos oriundos da convivência e na aparente ausência de compreensão recíproca. Na clínica, fica claro o quanto o entrelaçamento de diferentes expectativas referentes a diversos aspectos do convívio e das atribuições interfere na possibilidade de diálogo entre os casais, causando sofrimento. Parte das dificuldades encontradas pode derivar de eventuais resistências a modificar uma visão tradicional dos papéis feminino e masculino que, estando circunscritas à vida privada, nem sempre são detectáveis socialmente, escapando, desse modo, à discussão e ao questionamento.

Consideramos, de um lado, que a observação de como se dá a divisão das tarefas dentro do lar ajudaria a compreender de que forma as relações de gênero estão se transformando no ambiente privado e, de outro, que uma compreensão mais aprofundada dos fatores subjacentes aos conflitos que surgem nessas circunstâncias pode lançar luz sobre os aspectos psicológicos que se opõem às novas concepções de gênero e dos papéis de homens e mulheres no mundo atual. Se a sociedade modificou suas exigências, é importante que, clinicamente, entendamos como os casais têm se resolvido diante das novas exigências de paridade, de modo a compreendermos quais dinâmicas conscientes e inconscientes influenciam o processo. Intentamos, assim, analisar como o casal entende e se organiza para as responsabilidades domésticas, levando em conta que as necessidades atuais da divisão de tarefas entre o casal constituem, dentro dos campos social e psicológico, um amplo espectro de investigação científica.

Esta pesquisa visa, assim, observar e clarificar como homens e mulheres que vivem uma relação conjugal, formalizada ou não, lidam com as obrigações domésticas e como esses arranjos podem ser compreendidos a partir de uma abordagem psicológica. Entendemos que a observação da rotina no ambiente familiar amplia o conhecimento sobre o que mudou e o que perdura na vida dos casais diante das questões de gênero. Nosso compromisso clínico revela-se na atitude de considerar a necessidade de mudanças a partir de uma abordagem que busque compreender os determinantes dos conflitos e evite oferecer respostas com base em pressupostos fixos.

O arcabouço teórico para a compreensão dos resultados encontrados foi o da Psicologia Analítica e, em especial, os estudos de gênero e contrassexualidade a partir de textos de Jung e de pós-junguianos. Todavia, como, até onde foi possível pesquisar, não existem estudos junguianos que tratem especificamente do foco de trabalho ora proposto, também foram utilizados, como referencial, pesquisas da psicologia social e da sociologia que investigam como a divisão dos trabalhos domésticos tem se realizado. Abrangendo um aspecto da rotina diária dos casais, a temática a ser explorada amplia o campo de investigação e conhecimento junguiano sobre as dificuldades nas relações e no convívio dos casais.

O trabalho a seguir apresentado inicia com a exposição detalhada dos objetivos do estudo, seguidos pela revisão das pesquisas mais recentes sobre o tema. Na sequência, a fundamentação teórica está estruturada em dois capítulos. O primeiro, *Papéis e projeções de gênero: persona, anima e animus*, discute a dinâmica consciente e inconsciente, presente em homens e mulheres, que permeia o espaço doméstico e a divisão das tarefas, focalizando os aspectos relacionados à atribuição de papéis de gênero. O segundo capítulo, *Conjugalidade*, discorre sobre a convivência conjugal como uma experiência de complementariedade. Após a descrição do *Método* empregado nesta pesquisa, são expostos e discutidos os *Resultados*. As *Considerações Finais* são apresentadas ao final deste estudo, com o objetivo de apontar caminhos e sugerir futuras pesquisas.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Investigar o discurso do casal em relação à distribuição dos afazeres domésticos.

2.2 Objetivos específicos

Investigar a divisão de tarefas domésticas na rotina diária do casal.

Investigar concordâncias e discordâncias nos discursos do homem e da mulher sobre os afazeres domésticos.

Investigar a distribuição dos afazeres domésticos nas famílias de origem.

Questão: observar se há indícios de que, na atualidade, homens e mulheres têm diferentes atitudes com respeito à divisão das tarefas dentro do lar.

3 REVISÃO DE PESQUISAS

O levantamento das pesquisas referentes ao tema proposto ocorreu em meios eletrônicos e impressos. Foram consultadas as teses e dissertações da *Pacific Graduate Institute* e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, bem como as publicações das seguintes fontes e bases de dados: *C. G. Jung page*, *International Journal of Jungian Studies*, *Journal of Analytical Psychology*, Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica e Google Scholar. As palavras-chave utilizadas na pesquisa, em português e em inglês, foram: trabalho doméstico, serviço doméstico, o homem e o trabalho doméstico, a mulher e o trabalho doméstico, trabalho de casa, cuidados do lar e limpeza doméstica. Até onde foi possível identificar, não foram encontradas pesquisas na abordagem junguiana. Para enriquecer a análise, foram explorados artigos e pesquisas da psicologia social e da sociologia que se dedicam ao levantamento dos dados sobre a divisão dos trabalhos domésticos entre o casal. Dos artigos e pesquisas levantados, foram utilizados aqueles publicados nos últimos dez anos, com prioridade para os mais recentes.

Jablonski (2010), no artigo sobre “A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres”, afirma que o casamento vem enfrentando um estado de instabilidade ocasionada pelas transformações culturais e socioeconômicas, instabilidade essa revelada pelo aumento das separações de casais com poucos anos de convivência. O autor destaca que esse fenômeno é concomitante com o aumento significativo do número de lares em que ambos trabalham fora de casa e são responsáveis por prover as necessidades materiais das famílias.

Para as mulheres, o trabalho remunerado externo ao lar conduz a uma ampliação das conquistas materiais e da qualidade de vida das famílias, abrangendo, também, um sentido de realização pessoal por meio da conquista do sucesso profissional. Contudo, mesmo no âmbito do trabalho formal, a mulher ainda empreende constante luta e busca pela igualdade de responsabilidades, direitos e oportunidades. A desigualdade experimentada no ambiente profissional parece se repetir, de forma ainda mais intensa, no âmbito das tarefas domésticas, provavelmente em razão da concepção tradicional dos papéis de gênero, concepção essa que diverge das idealizadas possibilidades atuais, mais igualitárias.

O autor afirma, ainda, que, de 1900 a 1970, o modelo divisão de tarefas que atribuía aos homens o papel de provedores e às mulheres o cuidado da casa e dos filhos fincou raízes profundas na sociedade. Estaríamos lidando com essa visão até hoje, mesmo que ela pareça não bastar para sustentar uma relação nos moldes desejados nos dias atuais. Ainda que pequenas mudanças já tenham ocorrido, o autor constata que há uma promessa de transformação e, até mesmo, interesse por parte dos homens em dividir o trabalho e as responsabilidades. Todavia, no que concerne à prática, pouco acontece efetivamente. O exercício das atividades domésticas por parte dos homens parece restringir-se a ações esporádicas, muitas vezes referidas, tanto por homens quanto por mulheres, como uma “ajuda”.

Essa situação de disparidade de papéis seria vivenciada pelas mulheres, aparentemente, de forma dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções, alimentada por atitudes dos próprios homens, o que ocasiona uma expressiva fonte adicional de conflitos dentro de uma área já suficientemente carregada de problemas (JABLONSKI, 2010, p. 266s).

Considerando a falta de habilidade, experiência e prática dos homens em relação às tarefas domésticas, o autor afirma, ainda, que as mulheres acabam se ressentindo como se fossem traídas. Sem que a divisão de papéis se efetue de forma igualitária, elas se veem sempre solitárias com sua dupla jornada de trabalho.

A compreensão que o homem tem quanto a ajudar nas práticas domésticas também aparece em Filgueiras (2008), em seu elucidativo texto: “Amélia, a mulher de verdade, ainda vive e sofre calada”, em que o autor salienta que o homem, quando executa alguma tarefa em casa, não se vê cumprindo uma obrigação que é dele. Percebe-se “ajudando” e, por isso, acredita ser um parceiro “legal”. Bruschini e Ricoldi (2012), em razão dos resultados obtidos em pesquisa qualitativa e quantitativa, com dois grupos de dez homens sobre o envolvimento destes no trabalho doméstico, concordam que tanto as mulheres como os homens consideram que estes (maridos ou filhos) “ajudam” nas tarefas, indicando que o trabalho doméstico:

1) é uma atribuição feminina (portanto, os homens não o encabeçam, mas tão somente “ajudam” a realizá-lo); e 2) essa forma “periférica” que a “ajuda” masculina assume significa que essas tarefas estão entre o que sobra para ser feito (quando as mulheres não dão conta) ou o que os homens gostam ou preferem fazer (BRUSCHINI & RICOLDI, 2012, p. 263).

As autoras salientam que os estudos de gênero já há muito apontam a necessidade de uma maior participação da mulher na “esfera pública”, como também o aumento do compromisso do homem com a “esfera privada”. A pesquisa também aponta para o fato de que as próprias mulheres deveriam ser as responsáveis por definir o que seus parceiros devem ou não fazer, e quando.

Abordando outro ângulo da questão, Albrecht e Lisboa (2011) afirmam que nossa sociedade, por ser patriarcal, determina que algumas obrigações, tais como o cuidar da casa e do marido, bem como aquelas relacionadas à maternidade, fiquem ao encargo das mulheres e que essas devem basear sua realização no cumprimento dessas tarefas. As autoras ainda ressaltam que, mesmo estando em desacordo com a opinião de alguns homens, muitas mulheres aceitam que devem ser as responsáveis pelo trabalho doméstico por se tratar de “tarefas femininas”. Note-se que a afirmativa das autoras não necessariamente se sustenta em todas as circunstâncias.

Pinheiro também aponta que o lar é visto como “um lugar de mulher”, tendo sido legitimado pela cultura dessa forma, ou seja, o espaço doméstico é “um lugar de campo de forças sociais de onde parte um leque de expressões, manifestações, revelações e enunciados que reforçam hierarquias de gênero” (PINHEIRO, 2009, p. 15). O “lugar do homem” seria, então, o espaço público, assim definido a partir do patriarcado e da dominação masculina, demonstrando que essa divisão de “espaços” é conservadora, com base em um senso comum.

Assim, o que se observa é que a cultura articula simbologias e subjetividades que mantêm o *status quo* da masculinidade como referência social, na qual os sujeitos não percebem as estruturas sociais que agem sobre eles. As pessoas se mantêm presas a discursos e práticas conservadoras que procuram legitimar as hierarquias de gênero (PINHEIRO, 2009, p. 75).

Considerar as tarefas diárias dentro do lar como uma atribuição feminina, deixando implícito que seria a mulher “naturalmente” a mais habilitada a delas se desincumbir, pode fomentar nas mulheres uma identidade fixa e limitadora do

desenvolvimento de seus potenciais. Tendo sido capaz de romper, no mercado de trabalho, com uma visão restritiva das suas competências, e mesmo tendo se tornado a provedora de muitos lares, a mulher, contudo, ainda tem que lidar com esse aspecto da desigualdade, o qual parece persistir dentro das relações conjugais, ainda que em muitos casos disfarçadamente.

Nessa direção, a dupla jornada enfrentada predominantemente pelas mulheres retrata as desigualdades de gênero existentes no cotidiano familiar. Expressa o quanto as raízes do patriarcalismo e do machismo ainda continuam impondo ao corpo feminino o papel de “cuidado”, dos filhos, do marido, do espaço doméstico (ALBRECHT & LISBOA, 2011, p. 115).

Silva, Jorge e Queiroz (2012), no artigo “Divisão sexual do trabalho doméstico: entre representações e práticas”, afirmam que os homens possuem opiniões que diferem de suas práticas no concerne à igualdade referente ao trabalho doméstico. Isto é, quando participam de alguma das atividades do lar, atribuem um valor demasiado ao que fazem, e isso se agrava na medida em que as mulheres acabam por aceitar tal responsabilidade como pertencente a elas, “aceitando ou relativizando a ausência de participação ou irregularidade de colaboração dos homens nas tarefas domésticas” (SILVA, JORGE & QUEIROZ, 2012, p. 16), embora algumas mudanças já ocorram, havendo diminuição da assimetria entre os gêneros diante das tarefas domésticas.

A literatura levantada indica que a divisão de tarefas entre homens e mulheres que vivenciam um relacionamento heterossexual e dividem a casa não ocorre de forma igualitária. A mulher aparece, na maioria das vezes, como aquela que, mesmo trabalhando fora de casa, é cobrada pelos compromissos com o cuidado, com a higiene e a alimentação do casal. O homem aparece “ajudando”, sem considerar ser de sua responsabilidade, como parceiro, compartilhar os esforços necessários para a manutenção do lar. Os motivos para tanto parecem estar na permanência de visões sobre as atribuições de gênero características de períodos históricos em que estavam presentes condições socioculturais diversas das que atualmente prevalecem.

4 PAPÉIS E PROJEÇÕES DE GÊNERO: PERSONA, ANIMA E ANIMUS

Passaremos a abordar os conceitos de persona, anima e animus, de modo a enriquecer a compreensão dos fatores que podem estar atuantes, de modo inconsciente, no desempenho de papéis de gênero e na formação das expectativas de homens e mulheres em seus relacionamentos conjugais. Para tanto, exploraremos como esses constructos são vistos tanto pela assim chamada escola clássica da Psicologia Analítica, quanto por autores considerados pós-junguianos.

4.1 Identidade de gênero e papel de gênero

A palavra gênero se inseriu no contexto social com os movimentos feministas posteriores à II Guerra Mundial que almejavam mudanças na vida da mulher – até então considerada como “sexo frágil” – que, a despeito das conquistas do séc. XIX, ainda experimentava situações de opressão e submissão no lar, bem como no campo profissional e político. Concomitantemente, historiadores levantavam a questão de o sexo de nascimento não necessariamente determinar comportamentos especificamente masculinos ou femininos.

Samuels, em diálogo com outras abordagens, cita a distinção feita pelo psicanalista Robert Stoller, na obra *Sex and Gender* (STOLLER, 1968 apud SAMUELS, 1989, p. 246-247). Stoller sugere que o termo sexo se refere aos aspectos biológicos que distinguem macho e fêmea, enquanto o termo gênero é de natureza cultural ou psicológica e trata da masculinidade ou feminilidade expressa por determinada pessoa. A partir daí, propõe outros dois conceitos: identidade de gênero, referente à percepção consciente de si como sendo de determinado gênero, seja em concordância ou discordância com o próprio sexo ou com o socialmente definido; e papel de gênero, relativo aos comportamentos socialmente considerados adequados para cada gênero.

Tem-se assim que Stoller, já na década de 1960, lança conceitos que promovem a discussão sobre a distinção existente entre sexo e gênero. Cardoso (2008) esclarece que, na proposta daquele estudioso, a identidade de gênero não está diretamente determinada pela constituição biológica, mas antes tem suas raízes em aspectos psicológicos subjetivos. O papel de gênero se refere às construções e exigências da sociedade em torno das características masculinas e femininas.

Spizzirri, Pereira e Abdo (2014) contextualizam o uso do termo gênero como distinto do termo sexo, ressaltando que mesmo o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* de 2013 – DSM 5 possui uma visão ampliada sobre a distinção, corroborando Stoller. No entender desses autores:

Sexo refere-se tanto a masculino quanto a feminino, relacionado aos aspectos biológicos e de reprodução; gênero é utilizado para designar o papel social, menino ou menina, homem ou mulher e na maioria das pessoas relacionado ao sexo de nascimento. Entretanto, o desenvolvimento individual do gênero sofre influências biopsicossociais e nem todos os indivíduos perceber-se-ão como homens ou mulheres. (SPIZZIRRI, PEREIRA & ABDO, 2014, p. 44)

Schiaverin (2010) também discute a importância da diferenciação entre sexo e gênero. Considerá-los como tendo um significado equivalente pode promover situações abusivas com consequentes prejuízos nos relacionamentos. Assim, por exemplo, a criança, ao ser repreendida por demonstrar aptidões consideradas como do outro sexo, como se estivesse em questão o seu gênero, sentir-se-á tolhida e rejeitada, sentimentos esses que tendem a se perpetuar na idade adulta.

Nesse ponto, pode-se salientar a possibilidade do estabelecimento de um diálogo com a Psicologia Analítica. O compromisso de se apresentar de acordo com as características socialmente definidas para um determinado gênero – ou seja, o papel de gênero –, parece ser uma ideia que vai ao encontro daquilo que Jung conceituou como *persona*.

4.2 Persona e papéis de gênero

Jung define *persona* como “um complexo funcional que surgiu por razões de adaptação ou de necessária comodidade” (JUNG, 1921/2011, par. 755), comparando-a a uma máscara, uma vez que, ainda que aparente uma individualidade, está, na realidade, circunscrita ao desempenho de papéis visando à adaptação social. Sob essa perspectiva, representaria mais o compromisso com as expectativas de um dado contexto social e, portanto, teria um caráter mais coletivo do que individual. Portanto, sua função é de adaptação social.

Tendo em vista que os papéis de gênero são, em grande parte, culturalmente determinados, comporiam aqueles aspectos abrangidos pela *persona*, ajudando homens e mulheres a se adaptarem à sociedade. Isso implica que “a *persona* é o

lugar da psique onde estão localizados os papéis sexuais tradicionais para homens e mulheres” (HOPCKE, 1995, p. 11).

Para Jung (1928/2001), a adaptação social pressupõe uma persona adequada, ou seja, aquela que favorece o desempenho de papéis condizentes com o socialmente esperado em um dado momento histórico e em uma dada cultura. Ainda que algo de individual permeie a constituição da persona, quanto maior a exigência de adaptação externa, maior seria o risco de o indivíduo deixar em segundo plano sua adaptação interior, ou seja, quanto mais identificado com seu papel social, mais inconsciente estaria de si. Nesse sentido, a identificação com a persona tenderia a manter outros aspectos da personalidade em um nível inconsciente e, portanto, como potenciais não desenvolvidos ou como fonte de projeções.

A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro auto-sacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona. Isto leva certas pessoas a acreditarem que são o que imaginam ser. (JUNG 1928/2001, par. 306)

Jung (op. cit.) refere-se aos complexos a que deu o nome de anima e animus como aqueles que abrigariam, dentre outros aspectos, as características contrassexuais da personalidade que não encontram espaço de expressão no contexto do desempenho dos papéis de gênero. Ainda segundo Jung (1934/2000a), complexos são fatores psíquicos dotados de energia, constituindo-se de aglomerados coerentes de imagens e sensações ao redor de um tema central. Em razão de sua autonomia, escapam às intenções conscientes e promovem projeções e reações, especialmente quando ativados por experiências cujo valor afetivo esteja relacionado ao tema nuclear.

É possível concluir, portanto, que as expectativas sociais relativas ao exercício dos papéis de gênero não modularão apenas a forma como homens e mulheres se apresentam diante da sociedade. Se tais expectativas forem de tal ordem que favoreçam a identificação dos indivíduos com sua persona, influenciarão, também, os conteúdos que serão inconscientemente atribuídos (projetados) ao sexo oposto, desse modo permeando os conflitos que podem surgir no relacionamento entre casais.

A seguir, os conceitos de anima e animus serão explorados em maior profundidade, com o objetivo de entender como se articulam em relação às questões de gênero e que função desempenham nos relacionamentos entre homem e mulher.

4.3 Anima e animus – evolução do conceito

Em *Tipos Psicológicos*, quando Jung abordou, pela primeira vez, os conceitos de animus e anima, definiu-os como “imagens da alma”: “Para o homem, o portador mais adequado da imagem da alma é a mulher, por causa das qualidades femininas de sua alma e, para a mulher, é o homem” (JUNG, 1921/2011, par. 843). Em texto posterior, apresenta anima e animus como complexos psíquicos autônomos, passíveis de serem projetados e de caráter oposto e compensatório em relação à identidade sexual. São considerados, portanto, complexos contrassexuais (JUNG, 1928/2000b) com função de adaptação interna.

No texto “Aspectos gerais da psicologia do sonho”, Jung (1928/2000b), esclareceu o que entendia sobre a projeção, mecanismo psíquico por meio do qual aspectos subjetivos inconscientes são vistos como pertencentes ao outro. Considerado como algo natural e bastante frequente, seria um processo que permite a ligação entre o indivíduo e o mundo que o cerca, conferindo às relações humanas um traço de fantasia. No que diz especificamente respeito às escolhas amorosas, entende-se que essas sofreriam a influência da projeção de aspectos da anima e do animus, principal responsável pela força da atração entre o casal, ou seja, pela paixão. Por outro lado, as relações que têm como fundamento mais importante tais elementos inconscientes não estariam isentas de dificuldades, uma vez que a projeção implica necessariamente uma distorção da percepção. Somente a tomada de consciência daquilo que foi projetado teria o condão de libertar o outro dos conteúdos que não lhe pertencem, ou pelo menos não lhe pertencem de determinada forma ou intensidade.

Jung (1928/2001) postula haver uma relação de complementariedade ou de compensação entre anima/animus e persona. Enquanto esta última seria responsável pela adaptação social ou externa, anima/animus teriam como função possibilitar a relação com o inconsciente, o contato com a realidade interna. Para tanto, seria importante reconhecer suas manifestações e sobre elas refletir conscientemente:

Habitam uma esfera de penumbra, e dificilmente percebemos que ambos, anima e animus, são complexos autônomos que constituem uma função psicológica do homem e da mulher. Sua autonomia e falta de desenvolvimento usurpa, ou melhor, retém o pleno desabrochar de uma personalidade. Entretanto, já podemos antever a possibilidade de destruir sua personificação, pois os conscientizando podemos convertê-los em pontes que nos conduzem ao inconsciente. (JUNG, 1928/2001, par. 339)

Já em obra posterior – *Aion* –, Jung (1950/1982) enfatizou a base arquetípica de anima e animus. Portanto, os conteúdos a eles associados derivam não apenas da experiência pessoal mas também do inconsciente coletivo. Na qualidade de arquétipos, não podem ser totalmente integrados à consciência, conquanto seja possível tornar conscientes certos aspectos relacionados ao modo como se expressam e influenciam comportamentos e escolhas. Por outro lado, animus e anima podem ser entendidos como “funções que transmitem conteúdos do inconsciente coletivo para a consciência” (JUNG, op. cit., par. 40).

Samuels (1989) também considera animus e anima como fatores de atração entre o casal, de um lado, e de desenvolvimento psíquico, de outro, uma vez que, por meio da projeção de aspectos ligados a esses complexos, forma-se um campo favorável à comunicação e à compreensão do outro e do próprio indivíduo. O autor afirma que “a projeção do que é sexualmente oposto é uma projeção de potencial inconsciente: ‘imagem da alma’” (SAMUELS, 1989, p. 253). Entende que, ao se referir à alma, Jung a está considerando como uma “personalidade interior”. Assim, homens e mulheres quando se encontram experimentariam partes próprias e desconhecidas, mas necessárias. Por outro lado, decepções seriam o resultado de projeções massivas que não podem ser suportadas por quem delas é objeto.

Ainda segundo esse autor, Jung utilizou simbolicamente as imagens de homem e mulher para representar a dicotomia básica do funcionamento psíquico, já que, em alguns de seus textos, afirma que ambas as qualidades – femininas e masculinas –, estão disponíveis para todos e que sua integração é a questão fundamental. Samuels conceitua animus e anima como manifestações imagéticas do sexo oposto e esclarece que dizem respeito à maior oposição possível em relação àquilo que cada um vivencia como o próprio corpo. O sexo oposto apareceria como uma metáfora: “um outro, estranho, talvez misterioso, porém certamente cheio de possibilidades e potencialidades” (SAMUELS, 1989, p. 252). Desse modo, os conteúdos relativos à anima e ao animus poderiam ser compreendidos como

alternativas para comportamentos, percepções e valores consolidados, sendo indicativos da capacidade psicológica de diálogo entre o que o indivíduo é e aquilo que ele pode ser. Quando tais aspectos são projetados em pessoas reais, provocam uma atração interpessoal que possibilita o diálogo e incita à transformação da personalidade. Para o autor, “animus e anima são maneiras de comunicar a alteridade, a diferença, aquilo que momentaneamente está indisponível devido à inconsciência” (SAMUELS, 1989, p. 254), ressaltando que nem todos os aspectos referentes à própria masculinidade estão claros e conscientes para os homens e nem todos aqueles referentes à própria feminilidade são conscientes para as mulheres.

Contraopondo-se em parte a uma visão mais clássica dos conceitos junguianos, Young-Eisendrath (1995) menciona uma série de autoras feministas que apontam aspectos androcêntricos na teoria junguiana. A autora tende a concordar com esse ponto de vista uma vez que julga que, em alguns momentos, Jung teria se equivocado ao descrever a anima como similar às mulheres reais, o que desencadeou a construção de um quadro sobre as mulheres embasado no desenvolvimento da anima do homem. Faltaria a Jung, ainda, a devida consideração da situação da mulher em seu contexto social e histórico. Assim, a descrição que ele fez da personalidade feminina e da sua contraparte sexual, o animus, estaria, de certo modo, contaminada pela expressão do feminino possível em uma determinada época. Apesar disso, a autora entende que Jung nos legou uma teoria que possibilita o encontro com o simbólico capaz de restaurar suas limitações.

Colman (1998) é outro autor pós-junguiano que aponta a história e a cultura como fatores importantes na determinação dos modos de expressão de anima e animus. Para ele, esses não são apenas termos que designam aspectos masculinos e femininos. Na verdade, "referem-se a uma variedade caleidoscópica de imagens" (COLMAN, 1998, p. 200) que são manifestações arquetípicas. O autor reconhece que, conquanto não seja possível, por definição, ter acesso ao arquétipo como tal, é possível observar que as manifestações arquetípicas estão atreladas à conjuntura psicológica e social de cada indivíduo, o que inviabilizaria qualquer declaração final sobre masculino e feminino.

Em linha com essa perspectiva, Fillus (2012) traz uma interessante discussão em seu artigo “Anima e animus na contemporaneidade”. Para esse autor, é necessária uma revisão dos conceitos junguianos clássicos já que “a divisão entre

o inato e o adquirido parece mais delicada, pois entre o individual e o cultural parece haver diferenças não tão facilmente delimitadas com a lente clínica” (FILLUS, 2012, p. 40). Afirmar que as mudanças sociais e as descobertas da neurociência pedem uma atualização dos conceitos de anima e animus para que, mantendo-se aqueles aspectos importantes para a clínica, seja possível dar conta das necessidades dos dias atuais. De acordo com o autor, uma separação de gêneros baseada apenas no aspecto biológico reafirma relações de poder, ao passo que o mundo contemporâneo demanda abertura para novas formas de comportamento e relacionamento.

Mais recentemente, Albert (2015) retoma o papel dos arquétipos contrassexuais dentro do relacionamento, apontando que Jung oferece uma base para a compreensão do que ocorre no casamento, ao conceituar animus e anima como dinamismos arquetípicos que têm a projeção como uma das formas de expressão. Se o relacionamento for criativo e possibilitar a tomada de consciência e retirada das projeções, cada parceiro poderá desenvolver facetas da sua personalidade que até então permaneciam inconscientes e de difícil acesso. Há, todavia, o risco de conflitos quando os cônjuges se identificam com as projeções mútuas e passam a exibir aspectos que o parceiro não reconhece ou rejeita em si.

Pode-se dizer que, entre os vários autores, há o reconhecimento da existência de conteúdos inconscientes relacionados ao sexo oposto que, projetados nos parceiros, influenciam o relacionamento entre homens e mulheres, e tanto podem promover o crescimento – dos indivíduos e do relacionamento – quanto podem ser fonte de conflitos e desentendimento. O modo como tais conteúdos se expressam e as atitudes que fomentarão estão, em boa parte, relacionados ao momento histórico e cultural.

4.4 Gênero na Psicologia Analítica

Samuels (1989) explicita que Jung parecia falar de sexo e gênero sem fazer uma diferenciação entre esses termos. Prossegue sua análise considerando que a discussão relativa a sexo e gênero depende das ideias sobre o que seria inato e aquilo que seria desenvolvido em razão das exigências culturais. Afirmar quais são as características especificamente masculinas ou femininas de maneira

estereotipada não contribuiria para uma melhor compreensão da expressão desses aspectos em cada indivíduo.

Abordando os princípios arquetípicos do funcionamento psicológico referidos por Jung, Samuels (1989) atenta para a distinção feita entre Eros (princípio feminino) e Logos (princípio masculino) como uma dicotomia existente de forma geral em todas as pessoas, com o mesmo valor. Contudo, considera que, no momento em que Jung tenta relacionar cada um desses princípios a um gênero específico, estabelece-se uma diferenciação fixa entre homens e mulheres que mereceria ser questionada. Em termos neurocientíficos, correlacionar tais princípios com os hemisférios cerebrais não é esclarecedor, uma vez que homens e mulheres possuem os dois hemisférios e, portanto, ambos estariam sob a influência tanto de Eros quanto de Logos.

Considerando que as expectativas sociais influenciam, desde o nascimento, o modo como cada um se identificará com seu gênero – e, portanto, como se constitui a identidade de gênero, Samuels (1992) aponta que, ainda que não se possa provar que homens e mulheres têm um funcionamento psicológico diferente, as experiências por que passam meninos e meninas são muito diversas. Há uma transição vivida especificamente pela menina, que deverá, em seu desenvolvimento, deixar de ter a mãe como objeto de amor, elegendo o pai em seu lugar. Por outro lado, não precisará, necessariamente, superar sua relação com a mãe para se entender com sua feminilidade, enquanto o menino terá que se afastar da influência materna para buscar sua masculinidade.

Além de Samuels, outros autores pós-junguianos se interessaram pelas discussões relacionadas a gênero e passaram a buscar uma atualização de conceitos que possibilitasse o diálogo com as novas descobertas científicas e as mudanças ocorridas na sociedade.

Young-Eisendrath (1998) discorre sobre os estudos que já iniciam partindo do pressuposto e buscando a confirmação de que as diferenças psicológicas existentes entre homens e mulheres seriam determinadas biologicamente. A autora ratifica o ponto de vista de Samuels de que a Psicologia Analítica diferenciou os dois sexos de maneira estrita, desconsiderando a influência da cultura. Lembra, todavia, que a maioria das teorias psicológicas seguiu um padrão que privilegiava o masculino, com exceção de Jung, o primeiro a alertar a respeito da projeção de aspectos contrassexuais sobre pessoas do sexo oposto e da importância do resgate desses

conteúdos ao longo do processo de individuação. Ainda assim, Jung teria conceituado uma contrassexualidade baseada no essencialismo biológico, nos hormônios, na morfologia do sexo oposto. Desse modo, anima e animus adquiriram um caráter estereotipado com descrições previsíveis e limitadas.

Essa autora entende, ainda, que a cultura atribui papéis diferentes segundo o gênero e, com isso, divide as tarefas entre homens e mulheres, restringindo potenciais. Esse processo teria início muito cedo: ao nascer o bebê é visto como pertencente a um dos dois grupos, considerados como opostos, o que provoca consequências tanto conscientes como inconscientes. Os indivíduos acabam por incorporar tais padrões em seus relacionamentos, mesmo que isso signifique o aprisionamento a modos de ação, pensamentos e hábitos que limitam seu desenvolvimento como pessoas.

Em sua prática psicoterapêutica, Young-Eisendrath trabalha com a ideia de animus e anima na qualidade de complexos, ou seja como “um complexo de ações, símbolo, imagem e emoção habituais, organizados em torno do núcleo do Outro” (YOUNG-EISENDRATH, 1998 p. 32), referindo-se ao que foi rejeitado pela identidade de gênero. Assim, os complexos contrassexuais abrangeriam uma vasta gama de potenciais necessários à adaptação à vida e qualquer definição do que sejam de antemão os torna limitados diante da amplitude das exigências e das conquistas do desenvolvimento individual. Para a autora, a divisão do gênero em dois conduz a uma construção de identidade que, se reduzida aos traços biológicos, inibe o diálogo interior e a autorização das experiências com o complexo contrassexual cujas formas e símbolos encontram-se em permanente mutação. Para a integração de complexos, o indivíduo necessitaria comprometer-se com a relação com o outro, interpessoal ou intrapsíquico, que se expressa como o diferente.

Colman (1998), assim como Young-Eisendrath, considera que Jung estava à frente de seu tempo ao teorizar que homens teriam aspectos femininos, podendo se relacionar e ter uma vida emocional, e mulheres, aspectos masculinos, como intelecto e criatividade. Contudo, para Colman, da mesma forma que para os autores citados anteriormente, Jung se prendeu a aspectos essencialistas ao postular que os aspectos masculinos e femininos são inatos e específicos por gênero, atribuindo a características historicamente datadas o valor de verdades eternas. Ainda que, atualmente, seja questionado se esses seriam atributos de gênero ou características atribuídas pela cultura ao gênero, é importante levar em conta que Jung demonstrou

a sofisticação de seu pensamento teórico, pois, ao conceituar a dinâmica dos complexos contrassexuais, não limitou homens e mulheres ao exercício do respectivo papel de gênero e esclareceu por que cada sexo pensa o que pensa sobre o outro.

Goss (2010) adota uma perspectiva complementar ao fazer referência ao impacto que o modo de constituição da identidade de gênero tem sobre o desenvolvimento da personalidade. A aprendizagem do que é específico de homens e mulheres tem consequências ao longo da vida. Se a construção da identidade de gênero se dá com base única e exclusiva nas expectativas familiares ou em indicadores socialmente estabelecidos, o indivíduo corre o risco de não levar em consideração aquilo que lhe é próprio, particular. Vale lembrar, ainda, que, para o autor, há aspectos que deveriam ser considerados comuns aos dois gêneros, tais como a busca por realização individual e nos relacionamentos, a capacidade de compartilhar potenciais, a necessidade de satisfação profissional e os valores de igualdade e respeito. Para ele, é fundamental que exista na psique a possibilidade de construir uma visão de si que não seja baseada apenas naquilo que se imagina ser aceito socialmente. O entendimento que se tem daquilo que o próprio gênero comporta estaria associado a uma tensão inconsciente: de um lado a vontade de não enfrentar dúvidas e, de outro lado, aspectos da história de vida que abalam a certeza e que podem provocar angústia e/ou sensação de vazio.

4.5 A condição feminina

Segundo Young-Eisendrath (1998), foi o feminismo empenhado no estudo do gênero que levantou dúvidas sobre a existência de uma diferença inata do funcionamento psicológico de homens e mulheres e a resposta, até o momento, parece ser negativa, a distinção ocorrendo em razão da variação de contextos individuais e grupais. A crítica feminista entende, além disso, que os postulados essencialistas são conceitos ultrapassados que teriam como consequência a submissão da mulher. A valorização dos aspectos ditos masculinos como ideais e pertencentes exclusivamente ao homem, ao permear as diversas leituras do ser humano, tenderia a construir uma ilusão que afasta os questionamentos necessários e consolida o poder dos homens sobre as mulheres.

Já em 1995, Young-Eisendrath considerou que a cultura tem dificultado a apropriação pelas mulheres de atributos que a elas também pertencem, como o direito à autoridade e outras características vinculadas a um adulto salutar, mas comumente associadas exclusivamente ao masculino. Segundo a autora, não haveria motivos para entender que a identidade de gênero da mulher é incompatível com autoridade e que, para exercê-la, seja preciso identificar-se com sexo masculino. Essa seria uma visão preconceituosa, ainda aceita por muitos. Por outro lado, o meio cultural tem facilitado a identificação das mulheres com características socialmente desvalorizadas como a submissão e o sentimentalismo, que são incorporadas ao papel feminino assim como a função de mãe e a responsabilidade pelo cuidado da casa e da família – prerrogativas associadas a seu destino em razão de características biológicas que acabam se tornando obrigações psicológicas.

A visão da mulher como submissa ao homem se encontraria enraizada na tradição judaico-cristã, como aponta Goss (2010). O homem estaria relacionado ao céu e é ele que deve se deitar sobre a mulher, subjugando-a; a mulher é referida à terra, submetida e limitada ao controle do homem. O autor elucida que tais territórios não são facilmente modificáveis e necessitam ser conscientizados para que a mudança ocorra tanto em nível individual quanto coletivo. As consequências da cultura para a vida de homens e mulheres são muitas e, para esse autor, as mulheres têm sua vida limitada pelas expectativas e demandas sociais fundadas na tradição do patriarcado. Assim, elas tenderiam a procurar se enquadrar ao padrão estabelecido para seu gênero, deixando de estabelecer relacionamentos autênticos ao evitar atitudes e comportamentos inadequados sob o ponto de vista das normas patriarcais. Goss (2010) apresenta como um dos exemplos o caráter pejorativo que estaria implícito no conceito “possessão de animus”. O autor considera que, ao apresentar o animus em seu aspecto mais negativo, ou seja, como um julgador com opiniões, Jung depreciou a contraparte sexual da psique feminina. A julgar pela ideia ali contida, não caberia à mulher não possuída pelo animus – e, portanto, em pleno exercício de sua feminilidade – mostrar-se combativa e determinada, nem expressar suas ideias com firmeza. Como resultado de sua identificação com a própria mãe, deveria restringir-se a exercer as funções de cuidado, que são aquelas reconhecidas como próprias do seu gênero.

Wahba (2016) esclarece que, com a teoria da contrassexualidade inconsciente, Jung estabeleceu uma conexão entre os sexos, mas não foi além no que diz respeito aos conteúdos inatos da mulher e à definição do que seria o feminino. A autora apresenta vários teóricos que estão renovando a teoria junguiana sobre gênero, destacando a questão levantada pela psicanalista Jane Gallop (1988 apud WAHBA, 2016, p. 225) sobre a separação necessária entre pênis e falo. Se entendido apenas como sinônimo de pênis, o falo, símbolo de poder, tende a deixar subentendida a ideia da supremacia do homem sobre a mulher.

Para Wahba (op. cit.) a mulher atual não precisa mais ser submetida à autoridade do homem, mas há antigos conceitos associados ao feminino que são transmitidos de mãe para filha e que confundem aquelas que, nos dias de hoje, buscam uma identidade feminina mais autônoma. A autora considera que a luta da mulher por sua independência e “seu lugar” ainda é muito árdua. Analisando o filme *Blancanieves* de 2012, dirigido por Pablo Berger, faz referência à mulher destituída de seu direito à autonomia, que se aprisiona a superficialidades como forma de obter poder e prazer, tal como a madrasta do filme. Ou como a jovem heroína que, desconhecendo seus próprios potenciais, submete-se à imagem utilitarista da mulher reificada pelo homem que a teme. Wahba levanta, ainda, uma interessante discussão ao indicar que o filme propõe que uma mulher pode, sem deixar de ser feminina, desenvolver atributos considerados masculinos pela cultura. As lições aprendidas com o pai não precisam, necessariamente, compor um animus que inibe o feminino por meio de críticas mordazes. Podem constituir ferramentas úteis para cinzelar os talentos da mulher em desenvolvimento. Para a autora, não é mais possível, como antes, falar de qualidades masculinas inacessíveis às mulheres. Por outro lado, ressalta situações em que a mulher nega a si mesma o direito à agressividade como se isso fosse contrário à sua feminilidade inata, quando não se protege e não percebe as más intenções alheias, quando se nega a abandonar a ingenuidade infantil, quando não reconhece que possui o direito legítimo de dizer não ao que a desagrada.

Para o tema que nos ocupa, a aplicação de conceitos estreitamente definidos e que consideram a mulher como sendo preponderantemente feminina e o homem como sendo preponderantemente masculino é uma forma de atribuir papéis fixos e compromissos pré-estabelecidos dentro do relacionamento. A considerar esse raciocínio, pode-se entender que o trabalho doméstico é responsabilidade da

mulher, à medida que o feminino é culturalmente visto como acolhedor, nutriente, submisso, o que seria limitar a mulher a um padrão patriarcal ainda vigente.

Levando em conta o período histórico de Jung, sua análise do comportamento de homens e mulheres parece adequada, mas é insuficiente para ajudar a compreender os desafios que ambos os sexos enfrentam nos dias atuais. Entretanto, a compreensão de Jung sobre a função de anima e animus como fundamentais para o desenvolvimento da personalidade parece ainda necessária desde que consideremos tais conceitos sem a eles atribuirmos características demarcadas e fixas. Parece-nos importante vê-los como aspectos desconhecidos da personalidade que se manifestam no encontro com o outro e podem levar a uma ampliação da consciência.

Entendendo que o processo de retirada de projeções contribui para o desenvolvimento psíquico, é possível divisar uma trajetória a ser percorrida pelos casais, trajetória essa que incluiria não apenas a revisão de papéis de gênero – que podem ser mais ou menos conscientes – mas também a conscientização dos conteúdos relacionados a anima/animus. Desse modo, de um lado, o parceiro seria mais bem visto e compreendido para além das expectativas geradas pela projeção e, de outro, cada um dos integrantes do casal passaria a ter à sua disposição possibilidades de atuação e de relacionamento menos condicionadas por padrões coletivos.

5 CONJUGALIDADE

Uma vez que, sob a influência da paixão, a percepção é modulada por aspectos psíquicos inconscientes, ambos os integrantes do casal se veem limitados pelas projeções que recebem do parceiro. Além disso, a inconsciência tende a produzir indiferenciação e teria como consequência concreta o fato de cada um dos parceiros pressupor que o outro lhe é psicologicamente semelhante, o que se constituiria em uma das fontes de desentendimentos (JUNG, 1925/2012a).

Nesse sentido, para Jung um relacionamento sincero pressupõe consciência e distinção do outro, ou seja, quanto mais presentes estiverem os aspectos inconscientes, menos se pode falar de uma relação autêntica e individual. Lembra que “os motivos ainda inconscientes podem ser de natureza tanto pessoal como geral” (JUNG, op. cit., par. 328). Assim, a escolha do parceiro na juventude não seria apenas movida pela paixão, mas estaria sujeita à influência dos pais e às injunções da sociedade e, sob esse aspecto, pode vir a ter um caráter mais coletivo do que individual.

Como suas bases são inconscientes, sobre elas apenas se pode estabelecer uma espécie de relacionamento impessoal [...]. Se é que se pode falar aí de algum “relacionamento”, somente seria no sentido de relacionamento apagado e distante, de natureza acentuadamente impessoal, regulado completamente por costumes tradicionais e por preconceitos, enfim um modelo para qualquer casamento convencional. (JUNG, 1925/2012a, par. 329).

Tendo se estabelecido a conjugalidade, Jung alude, ainda, a outro fator que tende a gerar conflitos entre o casal: o desencontro das trajetórias de desenvolvimento e amadurecimento individual. Em especial na segunda metade da vida, quando é possível que as pessoas busquem mais conscientemente encontrar suas verdadeiras motivações e conhecer suas peculiaridades, acontecem descobertas que permitem que se tenha uma visão mais crítica e objetiva de si e do outro – o que se caracterizaria como um momento importante no processo de individuação. Nesse momento, é possível a retirada das projeções que até então permeavam a relação. A crise no relacionamento que a partir daí se desencadeia é considerada por Jung como essencial para o desenvolvimento psíquico dos esposos

Todavia, “nem sempre tal estado ocorre simultaneamente nos dois esposos” (JUNG, 1925/2012a, par. 331b). A existência de uma “desigualdade de tempo no desenvolvimento” dos parceiros residiria no fato de que, no casal, uma personalidade “mais simples” estaria se relacionando com uma personalidade “mais vasta”. Jung designa essa situação como “o problema do envolvente e do envolvido” (JUNG, op. cit., par. 331c).

O “envolvido” está essencialmente dentro do matrimônio, não havendo fora dessa relação qualquer outro campo que lhe desperte o interesse e, por isso, encontra-se dependente do “envolvente”. O “envolvente”, por sua vez, encontra-se às voltas com questões mais complexas e ao buscar amplitude no “envolvido” acaba frustrado, tanto mais quanto maior a dependência do parceiro.

A visão de envolvente e envolvido de Jung não parece dar conta de todos os aspectos que enfrenta um casal nos tempos atuais, apesar de discutir coerentemente os desafios de dominação e poder que costumam trazer insatisfação para as relações. As mudanças nos papéis desempenhados socialmente, que serão a seguir discutidas, abrem possibilidades de uma maior paridade e por isso parece mais realístico que nos tempos atuais consideremos os parceiros se alternando nessas posições em diferentes aspectos da relação. O que parece coerente com este trabalho é o fato de tanto envolvente como envolvido precisarem do outro como o desconhecido que traz o novo e a possibilidade de uma ampliação da consciência.

Na esteira das ideias junguianas sobre os aspectos inconscientes que permeiam o estabelecimento da conjugalidade, Reis (2007) também considera o papel da projeção de animus e anima na constituição da forte atração que une o casal no estado de apaixonamento. Todavia, entende que as pessoas tendem a se encontrar mais receptivas à paixão em momentos de pouco entusiasmo, certa apatia e rebaixamento da consciência, quando, então, estariam mais vulneráveis a se sentirem atraídas por alguém que pareça atender a um “ideal de amor” que é a tradução de aspectos inconscientes. Diante daquele que parece encarnar tal ideal, surge a sensação inspiradora de renovação. Caso os aspectos projetados possam ser integrados à consciência, saem enriquecidos tanto os indivíduos quanto o relacionamento. Todavia, no entender desse autor, sob a influência da paixão, torna-se difícil, na maioria das vezes, enxergar o outro como alguém distinto das expectativas e necessidades inconscientes que nele foram projetadas.

Uma vez constituído o casal, Ventura (2007) considera a relação conjugal como um modo de experiência em que ambos terão de compartilhar o desconhecido que há no outro, como também o existente em si mesmos. Os desafios da vida a dois causam sofrimentos, e o casal tende a romper com a projeção, o que parecia impossível no início do relacionamento. As decepções e frustrações são comumente atribuídas ao cônjuge, que pouco a pouco deixa de ser tela para projeção de uma imagem idealizada e objeto de investimento libidinal maciço (BENEDITO, 2014).

Temos assim que uma relação amorosa implica o encontro entre duas pessoas com histórias de vida repletas de escolhas, vitórias e derrotas. Aspectos conscientes e inconscientes determinam o interesse mútuo. A depender da disponibilidade de cada um para incluir o outro em sua vida, a paixão sentida pode levar à busca de proximidade, envolvimento e intimidade. Em um primeiro momento, esse sentimento mais intenso tende a prevalecer, e as pessoas não se dão conta de tudo que estão investindo e esperando de si e do parceiro, expectativas essas no mais das vezes baseadas em idealizações e projeções. Assim, no estado da paixão, as pessoas se envolvem com alguém que acreditam irá corresponder ao seu ideal amoroso, quase sempre sem questionar tal ideal e sem ter clara consciência de si ou do outro.

Enamorados, movidos pela paixão, costumam sentir a necessidade de estar mais com o outro, de partilhar o dia a dia, desejo esse que pode levar à opção por uma vida conjunta. O investimento afetivo passa a ser depositado na relação. Conteúdos inconscientes, de natureza pessoal e coletiva, continuam a influenciar atitudes e comportamentos e vão compor os conflitos presentes na conjugalidade. Com o passar do tempo, tais dificuldades do relacionamento têm que ser enfrentadas, e os parceiros percebem o quão desconhecido é aquele ou aquela com quem decidiram dividir a casa.

Entretanto, deve-se ter em conta que esse é um caminho que pode levar, não sem percalços, a oportunidades de crescimento, como afirma Guggenbühl-Craig (1980). Para esse autor, é uma falácia acreditar que o casamento tenha como objetivo proporcionar bem-estar e felicidade. Melhor seria falar de uma oportunidade para o processo de individuação, processo esse não isento de sofrimentos. Lembrando que “individuação não é individualismo”, menciona que o desenvolvimento psíquico não leva a pessoa ao isolamento, mas, ao contrário, implica incluir o outro – quer seja o outro interior quer seja aquele que se faz

presente nas relações e nas questões coletivas. O casamento seria, em especial, uma via para tal desenvolvimento, uma vez que envolve sofrimento, sacrifício e adaptação à outra pessoa. Reis corrobora a importância do outro no processo de individuação ao afirmar que “o processo de individuação se, por um lado, é um processo interior e subjetivo de integração, por outro, é um processo objetivo de relação com o outro” (REIS, 2007, p. 98).

Vargas (2004), ao se referir ao casamento, salienta que a grande maioria das pessoas tende a não se dar conta de que está embarcando em uma jornada de autodescoberta e autodesenvolvimento. Para o autor, o objetivo do casamento é o desenvolvimento da personalidade dos parceiros em seu âmbito mais profundo, desenvolvimento esse postulado por ele como “processo de individuação conjugal” (VARGAS, 2004, p. 38). Esse autor considera a conjugalidade como uma terceira entidade no casamento e, para ele, a individuação conjugal teria como meta a realização do potencial de união das duas pessoas envolvidas. Para tanto, o pressuposto é que os parceiros não se limitem à atribuição de papéis, de modo a que o relacionamento mais genuíno possa colaborar com a ampliação da consciência de cada um dos envolvidos.

5.1 As mudanças na conjugalidade

Guggenbühl-Craig (1980), ao discorrer sobre as mudanças ocorridas ao longo da história, afirma que o casamento e a família são construções humanas artificiais e não uma produção natural e instintiva. Portanto, as relações conjugais estão submetidas às mesmas forças históricas que levam às transformações culturais.

A mudança dos papéis desempenhados por homens e mulheres já era percebida por Jung (1927/1993a), em seu artigo *A mulher na Europa*. Mesmo considerando que não havia como discorrer genericamente sobre a mulher europeia – uma vez que o continente abarcava muitas e variadas circunstâncias sociais – entendia que ao tratar da minoria que vivia nas cidades estaria flagrando a “mulher que exprime o ponto de vista social e espiritual da Europa contemporânea”, isto é, aquela que mais claramente conseguiria expressar “o espírito de uma época” (JUNG, 1927/1993a, par. 238). Seria essa mulher, portanto, aquela que não apenas passava pela mesma transição que o homem daquele período, mas também participava ativamente das transformações que a sociedade europeia estava

enfrentando, mudanças essas que, a partir dos grandes centros urbanos, tenderia a se difundir para grupos menores, interioranos.

O fato de a mulher estar, desde o século XIX, assumindo profissões e ocupando posições até então consideradas masculinas levava Jung a constatar que já havia uma prontidão para a superação de padrões femininos restritos, de inconsciência e passividade. Para ele, todavia, isso representava “uma concessão à psicologia masculina” (JUNG, 1927/1993a, par. 242), isto é, as circunstâncias presentes na sociedade europeia haviam forçado a mulher a adquirir traços masculinos em sua busca por visibilidade e autonomia econômica e social. Em contrapartida, o homem teria sido forçado a desenvolver um lado feminino. Do ponto de vista individual, do “mundo das aparências”, argumenta Jung, essa “mútua assimilação é uma inferioridade”, com consequências para a estabilidade do casamento que passa a ser permeado por conflitos. Contudo, em termos sociais mais amplos, em termos da espécie humana, esse seria um movimento na direção da “superação do isolamento pessoal”, em prol de “uma participação ativa na solução” dos problemas então enfrentados pela sociedade (JUNG, op. cit., par. 262).

Portanto, se a mulher de hoje, consciente ou inconscientemente, afrouxar a firme consistência do matrimônio, por sua independência psíquica e econômica, isso não quer dizer que o faz por mero capricho pessoal, mas impelida pela vontade de toda a espécie humana que a transcende e faz dela, como mulher individual, seu instrumento. (JUNG, 1927/1993a, par. 262)

A respeito de como tais transformações estavam afetando os homens, Jung, em 1955, ao ser entrevistado por Frederick Sands, refere-se às reações advindas de uma forte necessidade de manutenção da virilidade, à dificuldade de serem sinceros consigo mesmos e aos temores que surgiram em decorrência do sentimento de insegurança: medo de doenças e preocupações financeiras. As mulheres, ao buscarem uma maior compreensão do que ocorria com seus parceiros, não eram entendidas por eles. Jung menciona, ainda, na mesma entrevista, que o desempenho dos papéis impedia os homens de demonstrarem para sua parceira que sofriam adversidades em suas atividades profissionais, não sendo tão superiores e destacados como gostariam de fazer parecer (MCGUIRRE & HULL, 1977).

A perspectiva sociológica de Rodrigues et al. (2015) contribui para enriquecer a compreensão das transformações cujo início Jung testemunhou. De acordo com esses autores, por muito tempo, os papéis a serem desempenhados por homens e mulheres eram claros e distintos. Cada um sabia exatamente como devia se posicionar em uma relação conjugal. O homem era o provedor do lar, a cabeça pensante que assumia as decisões, enquanto a mulher era a responsável pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos. A Revolução Industrial, todavia, deu início a mudanças sociais significativas que viriam a alterar esse quadro. Em especial a partir do século XIX, a consolidação do capitalismo transformou o modo de produção e de remuneração do trabalho. Nas cidades que cresciam em razão do intenso processo de urbanização, os homens da assim chamada classe trabalhadora nem sempre ganhavam o suficiente para suprir as necessidades de suas famílias. Coube à mulher sair de casa e buscar trabalho assalariado, a princípio uma atividade de complementação da renda familiar, decorrente de condições materiais difíceis. Mesmo que ganhasse menos que os homens, tornara-se capaz de ajudar com o sustento da família.

A mulher que assim procedeu teve que conviver com o preconceito e a subjugação dentro do ambiente de trabalho. Enfrentou, também, críticas por não mais se dedicar exclusivamente ao cuidado da casa e da família, tendendo a ser, por isso, vista como a responsável por destruir seu casamento ou deixar de contribuir suficientemente para o desenvolvimento de seus filhos. Quer para os homens, quer para aquelas que permaneciam restritas ao ambiente doméstico, a mulher trabalhadora parecia representar uma ameaça a tudo que estava estabelecido e que oferecia a segurança da já conhecida experiência.

Essa situação deixou de predominar na atualidade. O papel feminino, no mundo ocidental atual, não está mais unicamente condicionado à atuação no lar, a menos que a própria mulher assim o decida.

Em nossas sociedades, o trabalho profissional das mulheres tornou-se amplamente autônomo em relação à vida familiar, passou a ser um valor, um instrumento de realização pessoal, uma atividade reivindicada e não mais sofrida (LIPOVETSKY, 2000, p. 221).

A mulher, desde a infância, tem acesso ao estudo de forma similar ao homem e se vê responsável, como adulta, não apenas por um trabalho, mas por uma

carreira profissional. No campo da realização pessoal, a profissão surge como espaço de desenvolvimento de seu potencial, ou seja, faz parte do desenvolvimento psicológico feminino a relação com o trabalho, com as conquistas profissionais e com o uso de seus talentos. Se considerarmos que Jung (1921/2011) propôs que o processo de individuação seria um movimento de diferenciação e de autorrealização por meio do qual a pessoa se torna “ela mesma”, isto é, integra diversos potenciais, pode-se dizer que a relação com o trabalho, entendido como o exercício de uma profissão, cada vez mais faz parte das alternativas disponíveis para o processo de individuação feminino.

Em decorrência, tornou-se mais difícil a manutenção da estrutura tradicional do casamento, que restringe a expressão das potencialidades femininas ao ambiente doméstico. Vale lembrar que não apenas as mulheres como também os homens se viram obrigados a reescrever seus papéis, particularmente no que diz respeito à conjugalidade. Não deixam, contudo, de esbarrar em limites, quer esses sejam provenientes da pressão exercida por parcelas da sociedade que defendem a segurança da tradição, quer sejam oriundos de aspectos pessoais que precisam ser refletidos e transformados.

Ainda hoje os homens continuam a ser cobrados, em muitas ocasiões, pelo sustento familiar e destaque profissional. Guggenbühl-Craig (1980) ressalta que o homem ainda está preso a seu papel de provedor, o que reduz seu campo de possibilidades. Hollis (2008) em um texto que alerta sobre os limitadores sociais do homem, traz como exemplo os valores que foram encarnados e vividos por seu próprio pai e transmitidos para ele, com uma mensagem clara e chamada pelo autor de “saturnina”: para ser um homem era fundamental trabalhar. Esse mesmo autor afirma que os homens também sofrem com a imposição dos papéis que devem desempenhar. Ter produtividade, ser um ganhador é uma medida de masculinidade com a qual eles sempre precisam se haver, temendo não estar à altura da tarefa.

Vargas (2004) vai ao encontro dessas ideias ao afirmar que não é o homem o inimigo da mulher; ambos possuem o mesmo inimigo, qual seja, o padrão patriarcal que preestabelece as atitudes sociais do homem e da mulher inclusive no relacionamento entre eles. Mas, assim como as mulheres, os homens também podem experimentar de maneira positiva a derrocada dos papéis fixos como modificações enriquecedoras na relação com as parceiras e com seus filhos.

A convivência mútua constitui um palco para o enfrentamento de muitos desafios. Hábitos consolidados precisam ser revistos, regras que muitas vezes garantem a sensação – mesmo que ilusória – de segurança precisam ser questionadas. Ainda que refletir sobre o ponto de vista do outro represente um esforço salutar e leve a uma abertura renovadora, aceitar rever posições nem sempre é uma tarefa fácil, pois pode significar o questionamento de aspectos até então valorizados como constituintes da identidade pessoal.

Jung (1936/2000c) considera que a reflexão é um instinto inerente ao ser humano, que, ao se dobrar sobre si mesmo, é capaz de questionar pontos fixados, compreendê-los e transformá-los por meio de um diálogo interior promovido pela consciência. Sem a reflexão, há o risco de aprisionamento a valores e ideais coletivos, eventualmente relacionados a regras sociais obsoletas ou a conceitos aprendidos na casa paterna, que impedem o indivíduo de alcançar a maturidade de um adulto que enfrenta os desafios e escreve a própria história.

Um dos maiores promotores de reflexão é a relação interpessoal. Também nesse aspecto, o relacionamento conjugal se apresenta como *locus* de intensas e íntimas trocas e, portanto, de questionamentos e aprendizado. Vargas (1997) salienta que o casamento oferece a possibilidade de uma experiência criativa e dialética, experiência essa que requer o confronto com as polaridades psíquicas e, dentre essas, aquela que diz respeito aos aspectos masculino e feminino. Na conjugalidade, o ideal é a complementaridade, um precisando do outro para uma vida mais ampla e melhor. Esse autor também afirma que isso não significa inexistência de conflitos ou manutenção de um *status quo*, caso contrário seriam estancadas as possibilidades de crescimento. Por mais que um casal procure por estabilidade e segurança, é preciso abrir espaço para o novo e para os desafios ou, dito de outro modo, para “novas interpretações do conhecido” (VARGAS, 1997, p.12). Para tanto, os cônjuges não deveriam ter seus comportamentos e atitudes rigidamente estruturados segundo os cânones sociais, pois esse seria um fator impeditivo para o exercício da criatividade na transformação do campo relacional (VARGAS, 2004). Jung (1924/1993b), dentro do contexto de uma sociedade com valores culturais que determinava os papéis de homens e mulheres já percebia a necessidade de uma abertura e da mudança dos papéis, e se refere ao compromisso dos parceiros na construção do relacionamento:

Faz parte do amor a profundidade e a fidelidade do sentimento, pois sem elas o amor não seria amor, mas simples capricho. O verdadeiro amor sempre pressupõe um vínculo duradouro e responsável. Precisa da liberdade para a escolha, não para a realização. Todo amor verdadeiro e profundo é um sacrifício. A gente sacrifica suas possibilidades, ou melhor, as ilusões de suas possibilidades. Se não houvesse necessidade desse sacrifício, nossas ilusões impediriam o surgimento do sentimento profundo e responsável e, com isso, ficaríamos privados também da possibilidade de experimentar o verdadeiro amor (JUNG, 1924/1993b, par. 231).

A conjugalidade, inscrita no mundo atual, parece exigir, de fato, que os casais reescrevam as relações com base em papéis que não estão mais rigidamente definidos. A ausência de parâmetros claros tende a gerar ansiedade que, se conscientemente confrontada, pode levar a mudanças em direção a um relacionamento que valorize mais o afeto e a parceria do que a competição e a depreciação de um ou de outro.

Sob outro ponto de vista, Benedito (2014) aponta que aquilo que costuma causar grandes problemas no casamento é mais o esforço que os integrantes do casal fazem para se desviar das questões que levam ao conflito. É como se os indivíduos não se dessem conta da própria rigidez quando evitam uma comunicação sincera com o outro, como se estivessem se recusando a ver o quanto suas percepções distorcem a realidade e o quanto tendem a culpar o parceiro sem, antes, buscar compreendê-lo verdadeiramente. A autora considera que é possível que as pessoas assim reajam por temer aquilo que lhes é desconhecido e que veem como diferente, preferindo a segurança das crenças estabelecidas, já que o novo abre portas para a dúvida e traz à consciência conflitos internos e externos.

Reis (2007), ao se referir às oportunidades presentes nas crises do casamento, menciona que, na conjugalidade, cada um dos cônjuges lida de modo particular com seu repertório interno e que a convivência diária, com seus encontros e desencontros, pode ser fonte de informações que contribuam para que ambos se autoavaliem e revejam posições.

Dentre os muitos fatores implicados na convivência cotidiana, a divisão do trabalho doméstico merece um olhar particularizado. A adequada manutenção do lar inclui, dentre outras atividades, organização e limpeza, provisão de alimentos e de outros itens de uso comum, preparo da alimentação, reparos diversos e contratação de profissionais que possam auxiliar nessas tarefas. Para os que já são pais, cuidar do lar significa, ainda, atender às necessidades dos filhos e estabelecer as

condições para o seu desenvolvimento. Como afirma Lipovetsky (2000), tais cuidados foram, durante muito tempo, uma atribuição basicamente feminina. Até a década de 1950, cabia ao marido garantir os rendimentos financeiros e tomar as decisões pertinentes à família. A principal responsabilidade feminina – estabelecida de modo nítido e exclusivo – dizia respeito à coesão afetiva do grupo doméstico, à manutenção da casa e à criação dos filhos.

Todavia, a partir do momento em que o homem deixa de ser o único provedor e o trabalho feminino se torna valorizado – e não apenas considerado como mera fonte de complementação da renda familiar –, um novo modelo de casal se impõe, modelo esse de natureza mais igualitária e que requer a participação dos dois cônjuges nas tarefas domésticas. Lipovetsky (op. cit.) adverte, contudo, que tal mudança, posto que significativa, ainda é lenta. O autor cita pesquisas que demonstram que as mulheres continuam maciçamente a serem as principais responsáveis pela educação dos filhos e pelas tarefas de casa, de tal maneira que essas atividades acabam por consumir em torno de 35 horas semanais, constituindo uma verdadeira jornada extra de trabalho. Em relação à participação masculina nessas tarefas, o autor conclui que:

Mesmo que os homens intervenham mais do que antigamente nas atividades domésticas, a gestão da vida cotidiana cabe sempre, prioritariamente, às mulheres, e isso em todos os meios. [...] Sua participação é pontual, muito raramente estrutural; é mais a título de auxiliar ou de ajudante que eles contribuem para o trabalho doméstico do que como responsável primeiro ou permanente (LIPOVESTSKY, 2000, p. 249).

Tem-se assim que, em um momento de rediscussão dos papéis familiares, a divisão das atividades domésticas torna-se objeto de deliberações e, possivelmente, de crises. Pode-se supor que parte dos conflitos que surgem deriva do fato de que o cuidado com o lar, estando associado a papéis de gênero, é condicionado por valores que determinam o que é da ordem do masculino e aquilo que pertence à esfera do feminino.

Nesse sentido, tais valores, muitas vezes inconscientes, de um lado relacionam-se, a aspectos ligados à autoimagem de cada um dos cônjuges, como representantes dos respectivos gêneros. De outro, representam uma adesão ao coletivo que precisaria ser repensada no processo de individuação. O espaço da conjugalidade seria, a um só tempo, o cenário de tais confrontos e o ambiente que poderia propiciar resoluções criativas levando indivíduos a se modificarem e a própria relação a se transformar.

6 MÉTODO

6.1 Características do estudo

Esta foi uma pesquisa de campo exploratória, em que os dados foram tratados qualitativamente, e que almejou compreender como homens e mulheres que vivem em conjugalidade estão lidando com os afazeres domésticos e com a divisão de papéis de gênero.

6.2 Participantes

Os participantes da pesquisa foram cinco casais, convidados mediante indicação de profissionais conhecidos. Os critérios de inclusão foram: idade entre 21 e 58 anos¹; heteroafetividade; exercício de atividade profissional remunerada externa ao domicílio por ambos os elementos do casal; apoio de profissional para realização dos serviços domésticos (diarista) no máximo uma vez por semana. Foi requerido que o casal tivesse filhos para equalizar algumas condições da rotina diária.

Incapacitante limitação física ou mental foi considerada como critério de exclusão.

¹ A delimitação etária foi baseada nas características da Geração X e Y. O termo “geração X” foi inventado pelo fotógrafo Robert Capa na tentativa de caracterizar aqueles que viveram sua juventude após a Segunda Guerra mundial. Refere-se aos nascidos entre 1960 e 1976. Nesse grupo, destaca-se o conjunto de mulheres que passaram a usufruir de maior autonomia no mercado de trabalho e de maior liberdade no exercício dos papéis sociais. No Brasil, são os jovens que viram o fim da ditadura militar. A “geração Y” refere-se aos nascidos entre 1977 e 1996. Considerados como conhecedores de tecnologias, são criativos, gostam de desafios profissionais. As mulheres puderam experimentar a liberdade com mais facilidade dentro das famílias de origem. fotógrafo Robert Capa na tentativa de caracterizar aqueles que viveram sua juventude após a Segunda Guerra mundial. Refere-se aos nascidos entre 1960 e 1976. Nesse grupo, destaca-se o conjunto de mulheres que passaram a usufruir de maior autonomia no mercado de trabalho e de maior liberdade no exercício dos papéis sociais. No Brasil, são os jovens que viram o fim da ditadura militar. A “geração Y” refere-se aos nascidos entre 1977 e 1996. Considerados como conhecedores de tecnologias, são criativos, gostam de desafios profissionais. As mulheres puderam experimentar a liberdade com mais facilidade dentro das famílias de origem. (PEREIRA & BLANES, 2014)

6.3 Instrumento – roteiro de entrevista semiestruturada

A técnica utilizada foi a entrevista, por se tratar de “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto” (LAKATOS & MARCONI, p. 195, 2003).

O roteiro de entrevista (Apêndice A) foi elaborado com base nos pressupostos teóricos da pesquisa, da revisão de pesquisas e literatura realizada sobre a técnica da entrevista e dos pressupostos teóricos da Psicologia Analítica. O áudio das entrevistas foi gravado digitalmente como explicitado do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) e autorizado pelos participantes da pesquisa. Para tanto, foi utilizado aplicativo específico para gravação de voz instalado no aparelho celular e no *tablet* da pesquisadora. Posteriormente, a entrevista foi transcrita para permitir a análise das respostas obtidas.

6.4 Procedimentos

6.4.1 Teste piloto do roteiro de entrevista semiestruturada

Foi realizada uma entrevista como um estudo piloto para testar a compreensão das perguntas do roteiro e a reação dos participantes, particularmente dos homens, considerando-se o fato de a pesquisadora ser mulher.

O que se verificou foi uma atitude diferente entre homens e mulheres no que dizia respeito às pausas durante as respostas. No caso das mulheres, o silêncio após uma resposta implicava que não havia mais nada a dizer em relação à pergunta. Quanto aos homens, o silêncio ao responder uma dada questão significava apenas uma pausa, uma vez que, a seguir, a resposta era retomada, com acréscimo de informações. Isso permitiu que a pesquisadora modulasse o tempo de apresentação das perguntas diferentemente para homens e mulheres.

6.4.2 Seleção dos participantes e convite à participação

Os participantes foram selecionados a partir de indicações dos grupos de estudos da pesquisadora, por meio do método “bola de neve” (*snowball*),

apresentado por Baldin e Munhoz (2011) como técnica no qual os primeiros convidados de uma pesquisa indicam novos participantes até ser atingido o número de participantes almejado pelo estudo. Após a indicação dos casais, foi feito, pessoalmente ou por telefone, o seguinte convite:

“Estou realizando uma pesquisa na PUC, que faz parte de minha dissertação de mestrado, sobre a participação do casal no trabalho doméstico. Para tanto, preciso de alguns casais que se disponham a participar de entrevista, com duração aproximada de uma hora. Gostariam de contribuir com a pesquisa? Agradeço muito sua disponibilidade, caso possam”.

Após esse convite, a pesquisadora pediu informações sobre meios de contato para marcação do dia e horário da entrevista. Durante o contato para marcação da entrevista, a pesquisadora perguntou se o(a) possível participante aceitaria que suas respostas fossem gravadas em áudio, como condição necessária à participação, e respondeu às eventuais dúvidas sobre a pesquisa.

6.4.3 Local e data

As entrevistas ocorreram no mês de janeiro de 2018, em dia e horário definidos em comum acordo pela pesquisadora e pelo(a) entrevistado(a). Foram realizadas na sala de uma clínica de atendimento psicológico, em uma cidade do interior de São Paulo, de modo a garantir as condições necessárias de privacidade e sigilo.

6.4.4 Coleta de dados

Os membros do casal foram entrevistados individualmente, cada um em horário diferente. Após a rerepresentação da natureza e dos objetivos da pesquisa, foi solicitado que o(a) participante lesse e assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo B), em que estava explicitada a utilização de gravador de áudio para registro das respostas dadas e foi garantido que tal registro seria apagado, assim que a entrevista fosse transcrita, e assim ocorreu.

O pesquisador passou, então, a ler cada pergunta para o(a) participante, seguindo o roteiro de perguntas apresentado no Apêndice A. O tempo total para

cada entrevista, com a elucidação de objetivos e esclarecimento de dúvidas, foi de aproximadamente 40 minutos.

6.4.5 Análise de dados

A transcrição das entrevistas foi a base de dados que fundamentou a análise das respostas coletadas. A análise se deu conforme John W. Creswell (2007) propõe em sua obra *Projeto de Pesquisa*. De acordo com o autor, a análise detalhada começa por um processo de codificação que irá organizar o material em um pequeno número de temas ou categorias. Optou-se pelo processo de classificação dos elementos em categorias chamado de “acervo”, por meio do qual as categorias foram definidas posteriormente às entrevistas, e o título conceitual de cada uma foi definido apenas no final do levantamento dos dados nas entrevistas (BARDIN, 2016). Posteriormente, tais temas ou categorias foram interpretados com base no arcabouço teórico da Psicologia Analítica.

Tomando como base as respostas em cada categoria, e com o intuito de identificar se haveria diferenças de atitude a respeito da divisão de tarefas, buscou-se agrupar e analisar separadamente as respostas masculinas e femininas. A comparação foi feita por casal e na amostra como um todo.

6.4.6 Procedimento ético

A pesquisa foi realizada de acordo com os requerimentos éticos em pesquisa envolvendo seres humanos preconizados pela Resolução CONEP 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, pela Resolução CNS/MS 510/2016 e pelo Regimento dos Comitês de Ética em Pesquisa da PUC-SP, tendo sido aprovada pelo parecer Nº 2.352.028 de 26 de outubro de 2017.

Constam em anexos o Termo de Compromisso do Pesquisador (Anexo A) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B), bem como o Parecer do Comitê de Ética (Anexo C).

7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

7.1 Descrição dos participantes

Foram entrevistados cinco casais com idade entre 28 e 45 anos. Todos se caracterizaram por: (1) serem heteroafetivos; (2) viverem uma relação conjugal formal ou informalmente; (3) ambos os parceiros exercerem atividade profissional remunerada; (4) contarem com apoio de profissional para realização dos serviços domésticos (diarista) no máximo uma vez por semana e (5) terem filhos. Com vistas a garantir o sigilo de suas identidades, neste trabalho todos os entrevistados estão identificados por nomes fictícios. O quadro a seguir apresenta a descrição sucinta dos participantes:

Quadro 1 – Descrição dos participantes

	Participante	Idade	Número de filhos	Profissão
Casal 1	Carmem	39	2	psicóloga
	Márcio	40		farmacêutico, atua em informática
Casal 2	Laura	45	2	comerciante
	Raul	49		funcionário público
Casal 3	Andressa	35	1	psicóloga
	Samuel	36		designer
Casal 4	Célia	28	1	carteira
	Luciano	39		eletricista industrial
Casal 5	Rose	37	1	fisioterapeuta
	Sérgio	40		economista

7.2 Análise das entrevistas

As entrevistas realizadas sugerem que os papéis tradicionais – o homem, como aquele que trabalha e provê o sustento, e a mulher, como aquela que cuida dos afazeres domésticos – não se sustentam na contemporaneidade. Os casais consultados se baseiam em um novo arranjo, fruto de um diferente acordo sobre as responsabilidades de cada um. Essa nova regra, que aparece no discurso de todos

os entrevistados, constituiu-se no primeiro tema a ser incluído nas categorias de análise: (a) quem trabalha mais tempo fora de casa, trabalha menos nas tarefas domésticas.

Entretanto, aparentemente, tal acordo não daria conta de todos os aspectos da vida dos casais, causando insatisfações. Parte dos desencontros que daí decorrem deve-se ao desconhecimento das próprias emoções e das do parceiro, com relação tanto ao exercício das tarefas quanto à percepção do lar. Observou-se, ainda, que surgem expectativas fundamentadas em uma visão particular do acordo, expectativas essas que desencadeiam atitudes nem sempre desvinculadas dos padrões da família de origem. Considerando-se importante entender (1) como essas questões impactam homens e mulheres; e (2) o que tem dificultado a satisfação dos casais e o cumprimento do acordo, foram levantados os seguintes temas como categorias de análise:

- b) emoções: desencadeadas pelos trabalhos domésticos;
- c) emoções: desencadeadas pela percepção individual do lar;
- d) expectativas;
- e) atitudes;
- f) padrões familiares.

Com o intento de verificar se a participação na pesquisa promoveu nos participantes uma ampliação de suas percepções sobre o tema proposto, a primeira pergunta do questionário foi repetida ao final das entrevistas. As respostas obtidas e as variações observadas entre a primeira e a última questão estão abarcadas pelo seguinte tema: g) noção sobre trabalho doméstico.

7.2.1 Quem trabalha mais tempo fora de casa, trabalha menos nas tarefas domésticas

Todas as mulheres entrevistadas se referiram à divisão das tarefas como atrelada aos compromissos com o trabalho remunerado. Os homens, também, em sua totalidade, trataram da execução dos afazeres domésticos como vinculada ao tempo disponível deixado pelo trabalho remunerado. Apenas uma das participantes relata não cumprir o acordo, apesar de se referir espontaneamente a ele, legitimando sua existência:

Eu acho que é responsabilidade minha, mas, ao mesmo tempo, eu me isento de certas responsabilidades, sabe? É responsabilidade minha por conta do tempo. Por eu ter mais tempo, eu deveria zelar mais... já que tenho tempo, né, então, nesse sentido. Mas me isento, porque não sou obrigada. (Andressa)

O acordo, como “regra” que embasa as decisões dos casais entrevistados, estabelece uma relação direta entre o trabalho dentro da casa e o trabalho remunerado. Desse modo, na compreensão dos entrevistados, a rotina profissional influencia a divisão das responsabilidades relativas ao cuidado com a casa. Assim, para todos os consultados, as tarefas domésticas caberiam prioritariamente àquele que, no casal, tem mais tempo disponível.

Me vejo normal. Acho tem que ser dividido porque os dois trabalham. [...]Então, meu combinado com ela é assim: estuda e deixa o resto para mim. [...] Quando ela ‘tá sem tempo, que nem agora, ela ‘tá estudando para concurso, então, ela ‘tá mais sem tempo ainda, então me viro mais um pouco. (Luciano)

Ultimamente, desde que comecei a fazer faculdade, é mais o Luciano que faz, porque não dá tempo de eu fazer nada. (Célia)

Acho que, hoje, eu faço mais coisas até que a Rose. Mas, também, por outro lado, eu procuro relevar que o meu trabalho é mais estável que o dela. Então, eu, quando saio do trabalho, meu trabalho ‘tá encerrado. (Sérgio)

Na realidade, hoje, mais fica para o Raul do que pra mim. [...]Então, eu chego já quase 2h da tarde. E eu chego já está praticamente tudo limpo. [...] O horário dele é mais flexível. Ele sai mais cedo do trabalho, trabalha de segunda a sexta. Como é mais flexível, então, para me manter menos cansada, ele acaba optando por fazer tudo sozinho, a faxina geral. (Laura)

Então, ‘tou ali fazendo meu serviço de ganhar dinheiro e, quando sobra um tempinho, dá pra fazer o serviço doméstico. (Márcio)

7.2.2 Emoções desencadeadas pelos trabalhos domésticos

As emoções desencadeadas pelos trabalhos domésticos foram consideradas como “reações intensas de prazer ou desprazer” (DORIN, 2016) associadas à execução das tarefas de cuidado com o lar. Todas as mulheres entrevistadas declararam não gostar dos afazeres domésticos, utilizando expressões como “peso”,

“sofrimento”, “tortura” e “cansativo”. Em particular, Andressa, Célia e Laura afirmaram “odiar” os trabalhos domésticos. Carmem, Célia e Rose apontaram, ainda, o fato de essa ser uma tarefa interminável: “[...] você está fazendo aqui, está sujando lá.” (Carmem). Somente Andressa manifestou encontrar algum prazer nesse tipo de atividade, mas apenas quando se encontra sozinha na casa: “Às vezes consigo ter prazer lavando uma louça, porque geralmente ‘tou sozinha em casa quando faço isso”. Essa reação, todavia, parece ser eventual, não se aplicando às demais tarefas da rotina doméstica, uma vez que essa participante também afirmou:

Tenho muita preguiça de fazer trabalho doméstico. Só faço o básico, sabe? E, aí... tanto que, tipo agora em janeiro, me deu um negócio ruim assim porque ‘tava tendo de faxinar. (Andressa)

Rose e Célia acrescentam outro aspecto que torna o cuidar da casa altamente desagradável: o fato de terem que ainda que se dedicar à rotina doméstica depois do horário de trabalho remunerado ou aos finais de semana, momentos em que, supostamente, mereceriam descansar:

“O que podemos fazer para não ficar trabalhando na casa no final de semana?”, “Ai, tem que... Puxa! Tem que lavar roupa! Mas tem que ser de sábado e domingo?” [...] “Será que tem como a gente programar para fazer isso e descansar quando tem que descansar? Senão, a gente só fica trabalhando o fim de semana inteiro.” Porque, às vezes, dá impressão disso também. (Rose)

Os homens entrevistados mostraram menos aversão às tarefas domésticas, quando comparados às mulheres, que expressaram seu desprazer enfaticamente. Apenas Raul, para quem “é um pé no saco ter que fazer trabalho doméstico!” e Samuel, que definiu esse trabalho como um “penar”, demonstraram claras emoções negativas. Luciano e Samuel, assim como Rose e Célia, também se referiram ao fardo que é ter que cuidar da casa nos momentos que seriam de descanso do trabalho remunerado.

Quadro 2 – Emoções desencadeadas pelos trabalhos domésticos: respostas comparativas por casal

	Participante	Mulher	Homem
Casal 1	Carmem	desprazer	
	Márcio		indiferente
Casal 2	Laura	desprazer	
	Raul		desprazer
Casal 3	Andressa	desprazer	
	Samuel		desprazer
Casal 4	Célia	desprazer	
	Luciano		indiferente
Casal 5	Rose	desprazer	
	Sérgio		indiferente

O Quadro 2 permitem notar que, nos casos do Casal 2 e do Casal 3, ambos, homem e mulher, partilham emoções negativas relacionadas à execução das tarefas domésticas. Nos demais, apenas a mulher expressou com maior veemência seu desagrado.

Das emoções vinculadas ao trabalho doméstico, também temos aquelas que se referem ao resultado deste, dizendo respeito à percepção do estado em que encontram o lar.

7.2.3 Emoções desencadeadas pela percepção do lar

Em termos das emoções desencadeadas pelo estado em que encontram o ambiente doméstico, observa-se maior variação do que nos temas anteriores. Três das entrevistadas – Andressa, Célia e Rose – e dois dos entrevistados – Sérgio e Samuel - expressaram seu desagrado em relação à desordem no lar.

A impressão que eu tenho sempre é que eu ‘tou sempre bagunçada, a casa, sabe? Isso tem incomodado bastante! (Rose)

[...] cenário caótico, muita coisa fora do lugar. Então, quando eu penso na casa, é uma coisa que me chateia, que me causa dor... Putz! Nossa! (Sérgio)

Sérgio e Andressa, em especial, demonstraram-se incomodados com a maneira com que os parceiros agem, ainda que tenham tomado certo cuidado ao julgá-los, uma vez que não sabem como avaliar o próprio comportamento.

Mas, geralmente, eu levo no humor... Senão fica muito insuportável... Às vezes, eu sei que sou bem grossa... Porque, daí, às vezes, eu relevo até porque eu... Sei lá o que eu também costumo fazer... Mas eu sinto que o meu é mais focado, sabe, ali. E não é espalhado pela casa. (Andressa)

Ela tem alguns hábitos que, assim, não que eu não tenha, mas é que eu acho que o dela... Ou eu posso também 'tá sentando no meu rabo e falando do dela [risos]. Mas eu acho que ela tem assim... Por exemplo, ela vai trocar o (filho), ela pega as roupas do (filho) no quarto, troca o (filho) na sala e pega mais de uma opção de troca, e fica na sala aquilo que não usou e a roupa que ele 'tava usando antes. Isso vai acumulando, vai ficando aquela coisa medonha, né? (Sérgio)

Esses mesmos entrevistados relatam que, depois de muito tolerar, expressaram seu desagrado de alguma forma, considerando ter obtido resultados que os satisfazem provisoriamente:

Daí, eu brigo um pouquinho... Quando fico assim, eu brigo um pouquinho... Levo no humor um tempão, mas, daí... Ai! Não dá mais! Brigo, e tudo se ajeita por um tempo. (Andressa)

Eu fico cansado do cenário caótico e, aí, eu começo a reclamar. Começo a evidenciar as coisas que estão me incomodando e, aí, dá atrito. Normalmente é assim, daí melhora, mas passa o tempo, os hábitos ainda não mudaram, os resultados se repetem. (Sérgio)

Deve-se notar que, especificamente nesses casos, aqueles que expressam desconforto em relação às atitudes do parceiro são os elementos do casal que mais tempo teriam disponível para os cuidados com o lar – Sérgio, por ter um horário fixo, e Andressa, cujo horário de trabalho é menor do que o do marido. Pode-se argumentar que tal incômodo não é condizente com o acordo firmado sobre a divisão de tarefas. É possível também supor que a diferença de percepção sobre o que seria um ambiente doméstico organizado não foi incluída no estabelecimento de tal acordo.

O fato de três das entrevistadas e dois dos entrevistados expressarem emoções relacionadas à percepção do lar parece corroborar a noção de que o cuidado com o lar não é prerrogativa natural da mulher.

Quadro 3 – Emoções desencadeadas pela percepção do lar: respostas comparativas por casal

	Participante	Mulher	Homem
Casal 1	Carmem	indiferente	
	Márcio		indiferente
Casal 2	Laura	indiferente	
	Raul		indiferente
Casal 3	Andressa	desprazer	
	Samuel		desprazer
Casal 4	Célia	desprazer	
	Luciano		indiferente
Casal 5	Rose	desprazer	
	Sérgio		desprazer

Ambos os membros de dois casais (Casal 1 e Casal 2) parecem não se afetar com o estado em que se encontra o lar, enquanto que, no caso do Casal 4, apenas a mulher expressou insatisfação com a desordem no ambiente doméstico. Chama a atenção os dois casais (Casal 3 e Casal 5) em que tanto homem quanto mulher demonstraram se importar com um ambiente desorganizado, mas não parecem ter encontrado uma solução viável para essa situação. Pode-se, nesses casos, levantar a dúvida: esses casais não têm sabido como lidar com esse desagrado ou não consideram relevantes as emoções provocadas pela desorganização do lar?

Vale lembrar que um acordo pressupõe expectativas em relação aos direitos e deveres das partes envolvidas. Quanto mais claramente tais expectativas forem explicitadas, ponderadas e negociadas, maiores as chances de que os termos do acordo final sejam viáveis e que os resultados venham a ser satisfatórios para todos. Todavia, quando direitos e deveres ficam subentendidos, há o risco de desentendimentos. É possível que essa seja a situação em que se encontram os casais 3, 4 e 5, cujos membros expressaram ressentimentos em razão de reiteradas

frustrações na rotina diária do cuidado com o lar. Essa será uma questão a ser aprofundada na categoria que se segue.

7.2.4. Expectativas

Considerando expectativa como a condição de quem espera que algo aconteça², nesta categoria procurou-se agrupar as respostas referentes à questão “Como você vê seu(sua) parceiro(a) diante do trabalho doméstico?”

Luciano e Sérgio demonstraram sua insatisfação com a parceira, com Sérgio se dividindo entre o incômodo causado pelo lar – “eu fico cansado do cenário caótico” –, a dificuldade que ela tem em organizar o ambiente – “não consegue manter arrumado” – e o horário de trabalho dela, que é irregular. Os demais entrevistados – Márcio, Raul e Samuel – demonstraram estar satisfeitos com as atitudes e comportamentos das parceiras. Assim, por exemplo, Raul assume a maioria das atividades dentro de casa, afirmando que sempre soube que, se não pudesse pagar por uma ajuda profissional, caberia a ele a responsabilidade pelo cuidado com o lar, embora não sinta prazer nisso.

É, eu queria que ela fizesse tudo [risos]. Já que não tem jeito, né? Assim... É, a gente acha ruim de fazer, mas não tem opção. Tem que fazer, vamos fazer. (Raul)

Três das entrevistadas – Carmem, Laura e Rose – mostraram-se satisfeitas com o parceiro nesse aspecto, seja porque, para ele uma opção, ou porque apesar de considerar difícil, ele ainda assim realiza as tarefas domésticas, ou, ainda, porque ele é o mais organizado entre os dois componentes do casal. Carmem assim se referiu à disposição do parceiro com relação ao cuidado com o lar: “Se de repente eu não conseguir dar conta, se ele ‘tá disponível, ele vai e começa”, e ressalta que “agora, parece que ‘tá mais tranquilo, ele tá mais colaborativo, mas eu também estou mais flexível”. Nesse caso específico, aparentemente uma mudança nas expectativas e atitudes dos parceiros trouxe mais harmonia para o relacionamento do casal.

Célia e Andressa, por sua vez, expressaram claramente sua insatisfação. Andressa, por exemplo, ressalta que se incomoda com o comportamento do

² Dicionário Online de Português, www.dicio.com.br

parceiro, além de ter que suportar as cobranças dele já que ela passa mais tempo em casa.

Quando (ele) fala:..."Por que que 'tá lá ainda?" Nossa! Me irrita! [Respondo] assim: "já que você 'tá falando, já que 'tá te incomodando, faça! Hora que tiver me incomodando, eu faço." Não. Mas ele faz isso e eu fico brava. Quando ele faz, eu sinto que é responsabilidade minha, mas, ao mesmo tempo, me irrita muito ser cobrada disso porque... É responsabilidade minha por [...] eu ter mais tempo, eu deveria zelar mais [...] nesse sentido. Mas me isento porque não sou obrigada. (Andressa)

Note-se que, nesse exemplo, está claro o acordo que estabelece que quem trabalha mais horas fora de casa tem menos responsabilidades em termos dos afazeres domésticos. Andressa denota conhecer os termos do compromisso, mas nem aceita cumpri-lo nem informa o parceiro de sua recusa. Ele, por sua vez, continua se comportando como se ela tivesse concordado com o que foi combinado.

Dentre as entrevistadas, Rose utiliza o termo "ajuda" tanto para ele quanto para si mesma: "O Sérgio me ajuda muito. Eu tento ajudar bastante". Carmem e Andressa o utilizam para o parceiro: "[...] e quando vai algum amigo daí ele super ajuda" (Andressa)

O tema da ajuda, com a conotação que tem sido discutida atualmente, aparece nos discursos dos homens como algo já conhecido. Sérgio e Luciano afirmam que são as esposas que ajudam: "Eu acabo sendo o responsável, e ela ajuda" (Sérgio). Márcio surpreende a pesquisadora ao dizer que já aprendeu que não pode usar a palavra "ajuda" por causa do que se subentende com ela:

A gente ajuda aquela pessoa e não é responsável. Minha esposa também é psicóloga, né? Então ela pega pesado em relação ao termo ajuda. Assim, [risos] eu falo: "Eu te ajudo, né?" E ela fala: "Você não tem que ajudar. Você tem de ser responsável também por aqui" [risos] (Márcio)

Quadro 4 – Expectativas: respostas comparativas por casal

	Participante	Mulher	Homem
Casal 1	Carmem	satisfeita	
	Márcio		satisfeito
Casal 2	Laura	satisfeita	
	Raul		satisfeito
Casal 3	Andressa	insatisfeita	
	Samuel		satisfeito
Casal 4	Célia	insatisfeita	
	Luciano		insatisfeito
Casal 5	Rose	satisfeita	
	Sérgio		insatisfeito

A insatisfação relacionada à falta de reciprocidade no cumprimento das expectativas apareceu em três dos casais entrevistados. Assim, por exemplo, Luciano, ainda que tenha salientado que a parceira o ajuda, já que ele assumiu as tarefas por causa das exigências profissionais e de estudo da parceira, afirmou, em outro momento, precisar brigar para que ela se desincumbia das tarefas que lhe cabem: “Para ser sincero ela é preguiçosa, é bem preguiçosa. Às vezes tem que ter uma briga pra ela dar uma acordada, sabe?”. Desse modo, seu depoimento se mostrou ambíguo, o que parece indicar conflito. Célia, sua esposa, também apresentou indícios de não ter resolvido alguns conflitos relacionados à divisão de responsabilidades, conflitos esses que acabam interferindo no relacionamento. Assim, apesar de aparentemente confirmar o acordo estabelecido (“Ultimamente é mais o Luciano que faz, porque não dá tempo”), relatou que o parceiro não realiza as tarefas até o fim (“Ele faz tudo pela metade. Sempre fica alguma coisa [por fazer]”) e deu mostras de se incomodar com o fato de, eventualmente, ele se recusar a cuidar da casa (“Sábado, eu acordo de manhã e já estudo. Aí, ele não faz [o que precisa ser feito]. Aí, já ‘tou nervosa. Ele está deitado no sofá.”). A entrevistada reclamou, também, da maneira pela qual Luciano realiza as tarefas domésticas e do fato de ele insistir em fazer alguma coisa que ela não quer que ele faça.

A gente briga porque eu quero que ele faça do meu jeito. [...] Para mim é óbvio. Eu sei que para ele não é óbvio, mas ter de falar o óbvio? [...] Ele, às vezes, é até um pouco invasivo de querer fazer, sabe? De querer fazer demais... Só que o jeito que faz, tem hora que falo: “Ai senhor, antes não tivesse feito”. (Célia)

Célia opta por não realizar as tarefas domésticas junto com a filha para não fazer como sua mãe, que considera ter sido cruel (vide item 7.2.6 Padrões familiares), mas não percebe que também age assim com o parceiro, ao mesmo tempo em que interpreta a atitude dele como sendo a de alguém que se propõe apenas a “ajudar”:

Então, assim, o que me dói, me irrita e acaba sempre sendo assunto de discussão é assim que, por mais que ele faça, sempre parece que é um favor que ele está fazendo pra mim. (Célia)

Nas expectativas de homens e mulheres apareceram frustrações devido a divergências, não verbalizadas, entre percepções da situação e possibilidades dos parceiros, divergências essas que se traduzem em conflitos nos relacionamentos.

7.2.5. Atitudes

Considera-se atitude como sendo uma orientação interna ou predisposição para reagir em relação a pessoas, ideias, fatos ou objetos³. As atitudes em relação às atividades domésticas transparecem no modo como os entrevistados se veem diante de tais tarefas.

Todas as entrevistadas mostraram insatisfação com seu desempenho no cuidado com o lar. Andressa afirmou incomodar-se com as cobranças do parceiro, apesar de saber que estaria faltando com suas responsabilidades. Avaliou-se negativamente: “Ai... Me vejo... muito, muito falha. Assim, meio bosta, sabe? Meio incapaz.” Parecem serem conflitantes seu senso de livre arbítrio (“eu me isento”) e sua noção de responsabilidade, que se manifesta por meio de cobranças internas persistentes.

Laura considera-se desorganizada: “[...] dentro da minha casa, quando eu pego para organizar, sou aquela louca que começa de manhã e vai terminar de madrugada. É difícil eu ter essa loucura também. Faço na marra”. Só se preocupa

³ DORIN, L. Dicionário de Psicologia. Curitiba: Editora Juruá, 1. ed., 2016.

com a possibilidade de suas atitudes estarem desagradando o parceiro já que ele realiza muitas tarefas a mais que ela, cumprindo o acordo:

Eu fico preocupada porque ele faz muito dentro de casa. Tenho a preocupação de estar falhando nesse momento. A gente nunca conversou sobre isso. Eu tenho isso na minha cabeça: “Será que eu sou a pessoa que ele escolheu?” Então, na minha cabeça neurótica, existe isso. (Laura)

Carmem se vê dependente dos ciclos lunares por causa dos períodos menstruais: “Eu me vejo às vezes instável. Uma instabilidade de que (*sic*), às vezes, eu termino rápido, consigo dar conta e, algumas vezes, não. Vou fazendo toda enrolada”.

Célia e Rose deixaram claro que apenas fazem as tarefas domésticas por ser uma obrigação: “Eu faço o que eu tenho de fazer...” (Rose).

Rose também não avaliou sua atitude diante do trabalho doméstico de forma positiva. Considera-se lenta e, com isso, o trabalho se torna ainda mais cansativo, uma vez que não consegue dar cabo dele: “Às vezes eu olho e falo: ‘Nossa, vou ficar de manhã aqui em casa, vai dar para organizar tudo’. Eu não organizo metade”.

Célia relatou ter muita dificuldade em fazer o serviço doméstico básico, afirmando que sempre se exige perfeccionismo, o que a desgasta muito: “Por exemplo, chega em casa, arruma a cama, varre a casa e lava a louça. Eu não consigo ser assim... Eu quero passar pano, eu quero aspirar... Isso me tortura, porque daí eu perco o dia todo e daí eu fico irritada, porque eu odeio. E daí eu brigo com todo mundo”. Acrescentou que, apesar de gostar da casa limpa, sente-se invadida se delegar essas tarefas a uma pessoa estranha: “Uma pessoa vendo o que eu como, [...] sabendo o que tenho no meu armário. Não suporto! Me causa mais sofrimento do que ter de fazer”. Vale lembrar que essa mesma atitude, de certa forma, aparece diante do parceiro: “[...] porque ele, às vezes, é até um pouco invasivo de querer fazer”. Célia destacou ainda o quanto privilegia os recursos tecnológicos que possam facilitar a execução das tarefas diárias: “Tudo que eu posso fazer pra facilitar, eu faço. Então, se dá pra comprar uma lava louça, eu compro”. Se o acordo do casal for levado em conta, Célia trabalharia menos dentro de casa já que tem um emprego e faz faculdade. Todavia, seu discurso revela que existem dificuldades de sua parte em cumprir tal acordo.

Enquanto as mulheres foram mais críticas em suas autoavaliações, os homens entrevistados se creditam o cumprimento de uma obrigação. Apenas Luciano, que se disse acostumado aos afazeres por ter perdido os pais muito cedo, almeja melhorar. Comentou, assim, não se importa de cumprir com as obrigações domésticas, apenas “[...] queria fazer melhor”.

Samuel e Márcio relacionaram, sem qualquer conflito, seu desempenho com as tarefas domésticas como dependendo de seus horários de trabalho. Assim, Samuel se considera mais organizado atualmente, apesar de os trabalhos extras o deixarem menos participativo nas tarefas da casa. Acredita que dá “mais importância para casa arrumada do que ela”, a parceira. Márcio, por sua vez, ressaltou que, como trabalha em casa, precisa atender aos clientes quando é chamado, abandonando, assim, os compromissos domésticos: “Sou chamado qualquer hora do dia.” Então, em seu acordo com a parceira, existe uma divisão, “mas, se não der pra fazer, o outro supre.” Considera-se responsável pelas tarefas domésticas, mas tal responsabilidade está vinculada ao tempo de seu serviço remunerado e, assim, “tem que fazer e pronto!”.

Raul e Sérgio se autoavaliaram como adequados no cumprimento das tarefas. Raul executa mais os afazeres domésticos, já que trabalha menos tempo fora de casa. Possui um trabalho estável de poucas horas e, assim como Sérgio, disse considerar o trabalho doméstico uma obrigação que precisa ser realizada, agradável ou não: “Não tem muito que discutir ou pensar, existe trabalho doméstico e precisa ser feito” (Raul).

Quadro 5 – Atitudes: respostas comparativas por casal

	Participante	Mulher	Homem
Casal 1	Carmem	insatisfeita	
	Márcio		satisfeito
Casal 2	Laura	insatisfeita	
	Raul		satisfeito
Casal 3	Andressa	insatisfeita	
	Samuel		satisfeito
Casal 4	Célia	insatisfeita	
	Luciano		satisfeito
Casal 5	Rose	insatisfeita	
	Sérgio		satisfeito

Em todos os casais, as mulheres se avaliaram negativamente enquanto os homens demonstraram aceitação do próprio comportamento. Mesmo as mulheres que trabalham mais que seus parceiros e aquelas que disseram não assumir a obrigação dos afazeres domésticos avaliaram negativamente suas atitudes.

Como a origem de uma série de modos de se relacionar e de se entender como participante de um grupo, os padrões familiares ocupam uma posição nessa dinâmica. Veremos a seguir como os padrões familiares foram vividos pelos entrevistados.

7.2.6. Padrões familiares

Entende-se que, ao atuar no núcleo familiar, o indivíduo sofre a influência dos pais, em razão de uma transmissão intergeracional de atitudes e comportamentos (FASANG & RAAB, 2014). Neste trabalho, interessa saber como a influência do lar de origem pode interferir na experiência dos entrevistados em relação aos cuidados com a casa.

Atitudes extremamente exigentes da família apareceram nas respostas de três das entrevistadas. Carmem, Célia e Laura, quando viviam com os pais, sofreram com as demandas de realização do trabalho doméstico, incluindo-se aí relatos de violência física, como no caso de Célia:

Minha mãe já chegou a tacar uma faca em mim por causa de uma louça. [...] que tinha de limpar a casa, que tinha de fazer e tinha do jeito dela e... Se eu não fizesse, ela brigava porque não fiz; se eu fizesse, ela brigava porque não fiz do jeito dela; se eu fizesse do jeito dela, mas deixasse um pano sem lavar, ela brigava por causa do pano. [...] Apanhava quase todo dia, apanhava mesmo! Com doze anos, eu tinha de ir para casa dele [do pai biológico]. E a casa dele era enorme. Morava sozinho e era um porco. Daí eu tinha de ir às 7h da manhã, limpar a casa dele até as 9h, porque eu tinha de ir para casa, limpar a minha, para almoçar e ir para o colégio. (Célia)

Laura, por sua vez, disse ter tido que assumir responsabilidades em excesso. Atualmente, recusa-se a ter “bibelôs” ou “toalhinhas” como sua mãe tinha e ela era obrigada a limpar:

Acho que por isso que eu peguei paúra de limpeza, porque minha mãe era muito chata. [...] Estantes cheias de bibelozinhos, [...] um ódio que me dava de limpar aquilo! [...] Meu irmão engravidou a minha ex-cunhada e vieram morar com a gente e com o nenê. Então, eu cuidava de toda a casa, cuidava do bebê. Então, eu peguei um ódio tremendo por ser dona de casa. Desde muito nova, eu tinha uma responsabilidade que não era minha. (Laura)

Carmem relatou ter enfrentado um duplo padrão de tratamento relacionado a questões de gênero:

Eu fazia também as coisas e sentia muito peso nisso. Minha mãe saía para trabalhar, e eu e meu irmão ficávamos, pequenos, em casa. Eu tinha de deixar a casa limpa e, aí, eu ficava querendo brincar, mas eu não podia. Meu irmão nem ligava para essas coisas. Eu ficava bem brava com isso! Ele não era cobrado. Eu era cobrada por ser mais velha e mulher. (Carmem)

Essas três entrevistadas expressaram emoções negativas relacionadas às atividades domésticas atuais. Lembrando que, ao passo que Carmem não é favorecida pelo acordo de divisão de tarefas, Laura e Célia podem, em razão do acordo estabelecido, assumir menos responsabilidades no cuidado com o lar. Ainda assim, Célia é a que demonstrou viver maiores conflitos que parecem se acentuar diante do ideal que sua tia e madrinha representa:

E eu tenho uma tia que eu me espelho muito (*sic*). E ela fala até hoje: “Nós somos seres livres”. Então, eu falava assim: “Essa é a vida que eu quero para mim”. Tem dia que você chega lá e ela não lavou nem a louça. Ela fala assim: “Ai ‘fia’, hoje é meu dia de fazer nada. Vamo (*sic*) fazer nada com a madrinha?” [...] Não entra na minha cabeça trabalhar a semana inteira e no sábado... e eu passar o sábado todo limpando a casa. (Célia)

Contudo, ao executar algum afazer ou ao olhar para o trabalho doméstico feito pelo marido, exige de si e dele como sua mãe exigia dela, como se, em alguma instância em sua psique, sua mãe ainda os estivesse cobrando: “Aí, se vou lavar o banheiro, eu quero lavar o box... e isso me tortura, porque, daí, eu perco o dia todo e, daí, eu fico irritada porque eu odeio! [...] E ele faz tudo pela metade”. Essa atitude se repete em relação à própria filha:

Às vezes, eu peço para ele (Luciano) ajudar ela [a filha], porque, muitas vezes, eu acabo reproduzindo minha mãe. Eu vejo minha mãe, sabe? [Por]que aí eu começo a limpar, já começo a me irritar e, daí, já vem aquela queimação dentro de mim. Às vezes tenho vontade de esganar ela. (Célia)

As experiências das duas entrevistadas restantes não carregam a marca do sofrimento, uma vez que, no caso de Rose, o trabalho doméstico era executado por sua mãe, que raramente pedia algo aos filhos e, na casa de Andressa, havia funcionários que executavam as tarefas.

No grupo dos homens, Luciano precisou se desenvolver por ter-se visto sozinho diante do falecimento dos pais: “Tou acostumado a fazer tudo, porque perdi meu pai e minha mãe já tem um certo tempo e fiquei sozinho e sou filho único e fazia tudo que tinha que fazer dentro da casa”. Seu relato, todavia, enfatizou mais a conquista diante da dificuldade do que eventual tristeza por ter sido obrigado a dar conta de si sozinho: “Aprendi com a falta!”.

Raul foi ensinado a participar das tarefas domésticas: “Desde solteiro, já fui meio que criado pra ajudar em casa. Então, que ir jogar bola que nada! Antes tem que passar escovão na casa. Já vem lá de trás, né?”. Sua experiência parece ter favorecido o cumprimento do acordo atual do casal.

Márcio precisou participar das tarefas domésticas para ajudar a mãe quando seus pais se separaram, ao passo que Samuel e Sérgio não participavam das tarefas domésticas em suas famílias de origem.

Quadro 6 – Padrões familiares: respostas comparativas por casal

	Participante	Mulher	Homem
Casal 1	Carmem	extrema exigência	
	Márcio		participativo
Casal 2	Laura	extrema exigência	
	Raul		participativo
Casal 3	Andressa	não participativa	
	Samuel		não participativo
Casal 4	Célia	extrema exigência	
	Luciano		participativo
Casal 5	Rose	não participativa	
	Sérgio		não participativo

Apenas no grupo das mulheres encontramos exemplos de famílias em que havia exigências extremas com relação à realização das tarefas domésticas. As três entrevistadas, que viveram esse tipo de experiência, atualmente estão casadas com homens que participavam dos afazeres domésticos no lar de origem. Dois dos casais participantes na pesquisa são compostos por pessoas que não tiveram a vivência de participar dos cuidados com o lar na casa paterna.

A seguir, veremos se responder à entrevista ampliou a reflexão dos entrevistados sobre o tema.

7.2.7 Noção sobre trabalho doméstico

No intuito de avaliar o grau de reflexão dos entrevistados referente ao tema sob análise, a partir da sua participação na pesquisa, a mesma pergunta foi feita no início e no final da entrevista: “Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete)”.

Célia e Rose mantiveram suas respostas; Laura, que de início respondeu objetivamente, adicionou ao final que “É sofrimento para mim...”; Carmem intensificou emoções já expressas ao afirmar, na segunda vez, que o trabalho doméstico, para ela, é um “peso!”; e, Andressa inseriu a informação de que, eventualmente, tem prazer em fazer algumas atividades.

Márcio e Raul mantiveram suas respostas; Luciano respondeu na primeira vez com a enumeração das atividades: “[...] faxina, assim, acho que todos os afazeres: cozinhar, lavar, passar ‘geralção’. Tudo que é limpeza, comida e tudo isso”. Ao responder pela segunda vez, tratou mais do que está implicado no relacionamento do casal “[...] Assim... o normal, seja num casal, duas pessoas que moram juntas... Sei lá... Amigos têm de dividir pra aliviar o outro, né?”. Samuel e Sérgio intensificaram emoções já expressas. Sérgio indicou pensar em melhora organização da casa: “Eu não gosto de pensar nisso [na bagunça], mas isso é um dos planos de mudança para vida em 2018”. Samuel, por sua vez, enfatizou, mais do que na primeira vez em que a pergunta foi feita, o quanto o trabalho doméstico é, para ele, cansativo, roubando-lhe o descanso.

Quadro 7 – Noções sobre o trabalho doméstico: respostas comparativas por casal

	Participante	Mulher	Homem
Casal 1	Carmem	mudou	
	Márcio		manteve
Casal 2	Laura	mudou	
	Raul		manteve
Casal 3	Andressa	mudou	
	Samuel		mudou
Casal 4	Célia	manteve	
	Luciano		mudou
Casal 5	Rose	manteve	
	Sérgio		mudou

Em razão das mudanças ocorridas, é possível supor que a pesquisa tenha favorecido algum tipo de reflexão em pelo menos um dos componentes de cada casal.

7.3 Síntese

Os casais demonstraram estar cientes das mudanças nos papéis de homens e mulheres. Relataram a existência de um acordo – “quem trabalha mais tempo fora de casa, trabalha menos nas tarefas domésticas” – com o qual convivem e constroem suas rotinas. Os relatos sugerem, todavia, que os desdobramentos desse acordo nem sempre são conscientes ou explicitados entre o casal. Na prática cotidiana do cuidado com o lar, surgem conflitos, possivelmente em razão das emoções desencadeadas pelos afazeres e daquelas provenientes da percepção sobre a organização do ambiente doméstico. Há que se considerar, também, que algumas expectativas e atitudes, em boa parte moduladas pelas histórias pessoais, parecem opor-se ao modelo de divisão de tarefas proposto pelo acordo estabelecido. Além disso, essa nova forma de encarar as responsabilidades domésticas talvez ainda não esteja tão enraizada a ponto de responder às demandas dos relacionamentos nos tempos atuais.

O serviço doméstico se mostrou um incômodo para a maioria dos entrevistados, mas um incômodo que parece irrelevante como tema de discussão quando comparado aos desafios do trabalho remunerado, detentor de maior

atenção. Como consequência, os casais aparentemente não se empenham em refletir como o modo com que lidam com a divisão de tarefas interfere no relacionamento. Em decorrência de ressentimentos não adequadamente explicitados, surgem contradições e conflitos que tendem a comprometer o vínculo entre o casal. No capítulo Discussão, a seguir, buscaremos compreender, em maior profundidade, os fatores que podem estar interferindo no cumprimento do acordo estabelecido.

8 DISCUSSÃO

Este capítulo discutirá os resultados obtidos com a pesquisa, utilizando a revisão da literatura e inserindo novas leituras necessárias para a análise.

Segundo Rodrigues et al. (2015), os papéis desempenhados por homens e mulheres eram claros na sociedade tradicional, o que facilitava as decisões sobre o que cabia a cada um, como obrigação, na rotina do casal. O homem era responsável por prover as necessidades da família e a mulher assumia as tarefas domésticas. Na atualidade, essa divisão não dá conta da realidade e homens e mulheres se percebem diante de novos desafios, sem a antiga clareza quanto ao desempenho de suas atribuições. As mulheres conquistaram o direito a ocupar um lugar no mercado de trabalho e muitas podem, hoje, perseguir carreiras profissionais e desenvolver qualidades potenciais antes não associadas ao mundo feminino.

A pesquisa realizada identificou que os casais participantes estabeleceram um acordo que tende a substituir a antiga divisão de tarefas fundada em papéis de gênero. Segundo os relatos, as decisões rotineiras relacionadas aos afazeres domésticos dependem de arranjos particulares, o que não confirmou as conclusões de Jablonski (2010) que postula que a mulher vive uma desigualdade no âmbito das tarefas domésticas em razão da concepção tradicional dos papéis de gênero. Esse acordo, citado espontaneamente por todos os entrevistados, será a primeira categoria a ser examinada neste capítulo.

O acordo: quem trabalha mais tempo fora de casa, trabalha menos nas tarefas domésticas.

Kergoat (2000), tratando da divisão sexual do trabalho, ressalta que a antiga definição de papéis seguia dois princípios. O primeiro determinava *loci* separados para o trabalho dos homens (mercado formal de trabalho) e para o das mulheres (doméstico). O segundo estabelecia uma hierarquia na qual o trabalho do homem possuía valor superior ao da mulher. No acordo exposto pelos casais participantes da pesquisa, foi possível identificar a existência de uma hierarquia entre atividades remuneradas e atividades domésticas, mas o campo do trabalho formal não aparece mais como uma prerrogativa masculina. O valor do trabalho profissional continua sendo visto como superior ao do trabalho doméstico, porque são as exigências da

atividade remunerada que ditam o investimento de tempo que será feito nos afazeres do lar. Vale notar que os entrevistados não fizeram referência direta ao ganho monetário com o trabalho formal e sim ao tempo a ele dedicado.

Segundo Jung (1930/2000d), a atividade profissional é um dos requisitos da adaptação do sujeito à sociedade, fundamental para o desenvolvimento adulto não apenas por proporcionar o ganho monetário necessário à subsistência, mas também por poder se constituir em importante vetor de desenvolvimento criativo e de realização pessoal. Complementando essa ideia, Barcellos (2017) elucida que a qualidade da experiência do trabalho depende das fantasias a ele associadas. O trabalho é visto, assim, como envolvido por uma rede de significados e sua finalidade principal seria o aproveitamento das habilidades mentais do indivíduo. Pode ser considerado realização e prazer, desde que tenha um significado pessoal e seja um estímulo à imaginação, ou prisão e tortura, quando reduzido a seus aspectos econômicos e de utilidade social.

O trabalho doméstico, em geral, tem menos destaque do que o trabalho remunerado. Como sua importância reside em proporcionar conforto e satisfação à família, torna-se menos visível para o restante da sociedade. Bruschini (2006) destaca que até o ano de 2002 nem mesmo as estatísticas do IBGE apresentavam informações referentes às tarefas domésticas - aqueles que se dedicavam exclusivamente aos cuidados com o lar eram tratados como parte do grupo de inativos. Em contraposição à pouca visibilidade do trabalho doméstico, os relatos obtidos na pesquisa dão conta de que o estado do ambiente doméstico é um ponto importante para os entrevistados. Quando a limpeza e a organização são descuidadas, isso tende a causar grande desconforto.

Além disso, as próprias tarefas domésticas, em razão do esforço e do tempo que requerem, podem desencadear emoções conflituosas, que nem sempre favorecem o cumprimento do acordo firmado. Este, por sua vez, parece não abarcar a variedade de circunstâncias vividas pelos casais, ainda que seja considerado, em princípio, uma medida necessária para uma mais justa distribuição de tarefas.

Emoções desencadeadas pelos trabalhos domésticos

A julgar pelos depoimentos colhidos, as emoções despertadas pelos afazeres domésticos nem sempre são do conhecimento do parceiro ou se tornam tema a ser

examinado pelo casal. Desse modo, não entram na composição dos termos do acordo, o que tende a gerar insatisfações.

Jung elucida que emprega afeto como sinônimo de emoção: “Por afeto entendo um estado de sentimento, caracterizado, de um lado, por inervações perceptíveis do corpo e, de outro, por uma perturbação peculiar do curso das ideias” (JUNG, 1921/2011, par. 751). O autor relaciona afeto com complexos – quanto maior a autonomia do complexo ativado, maior será a intensidade da emoção desencadeada.

Segundo López-Pedraza (2010), as emoções são mobilizadoras da psique e, por isso, essenciais à vida. Ampliar o entendimento sobre as próprias emoções possibilita uma melhor apreciação do mundo e uma maior compreensão das relações, contribuindo para a qualidade da comunicação com as demais pessoas. Na esteira de López-Pedraza, Barcellos as considera como via de aproximação aos aspectos potenciais da psique, já que “muito mais que as ideias, as emoções nos levam aos extremos da existência, às reinvenções e revoluções pessoais e coletivas” (BARCELLOS, 2017, p. 34). Esse autor ainda salienta que as emoções qualificam “modos de ser”, ainda que não estejam plenamente conscientes.

Todas as mulheres entrevistadas declararam experimentar emoções de desprazer diante das atividades domésticas. Os cuidados com o lar, vistos como intermináveis, promovem, para elas, sofrimento e ódio. E, mesmo Andressa, que afirmou ter prazer em realizar algumas tarefas, esclareceu que se trata de um momento esporádico, em circunstâncias específicas que fogem à rotina diária, essa sim vista como desgastante.

Por muito tempo o trabalho doméstico foi atribuição da mulher e visto como condizente com sua “natureza feminina” (LIPOVESTSKY, 2000). Sob essa perspectiva, não se constituía uma “imposição”, mas antes uma decorrência natural das inclinações e habilidades da mulher e, nesse sentido, não deveria despertar emoções negativas. A experiência emocional que surge dos relatos das entrevistadas contradiz essa visão e corrobora o entendimento de que um feminino necessariamente cuidador, abnegado, dócil está referido a um discurso datado, que visava atender a necessidades socioculturais específicas (ROCHA-COUTINHO, 1994).

Os homens entrevistados relataram poucas emoções relacionadas ao serviço doméstico, e estas se referem ao desagrado pelo esforço adicional incluído em suas

rotinas, independentemente da quantidade de trabalho que assumem. Hollis (2008) aponta que os homens também ficam limitados pela imposição dos papéis que devem seguir. Alguns entrevistados parecem romper tal limitação ao assumir mais tarefas do que suas esposas sem demonstrar ressentimentos, encarando os afazeres domésticos tão somente como uma obrigação que precisa ser cumprida.

Tanto os homens quanto as mulheres participantes da pesquisa indicam que um dos motivos de desagrado com a rotina doméstica é que as tarefas comprometem os períodos que poderiam ser dedicados ao descanso. Essas observações não conferem com a conclusão de Jablonski (2010) de que apenas as mulheres se ressentem por estarem solitárias na dupla jornada de trabalho. Os dados desta pesquisa indicam que ambos têm uma vida profissional fora do lar e ambos se ocupam das tarefas domésticas, ainda que na medida do tempo que tenham disponível após a jornada de trabalho formal, como estabelecido pelo acordo. A sobrecarga de trabalho não parece, portanto, limitada ao gênero, afetando os dois integrantes do casal. Vale lembrar que o estresse causado pela dupla jornada pode resultar em adoecimento físico, insatisfação, baixos níveis de desempenho, nervosismo, ansiedade e violência, em nada favorecendo a criação dos filhos e/ou os investimentos necessários ao relacionamento amoroso. (LIMA et al., 2013).

Uma vida tão atarefada, em que ambos estão sempre atrasados e com algo por fazer, dificulta que os casais compartilhem a intimidade. Segundo Benedito (2014), o excesso de trabalho também pode ser usado como uma desculpa para a falta de diálogo. Assim, ressentimentos se acumulam e a comunicação se deteriora a ponto de levar os parceiros a sentirem que não mais se conhecem. Barcellos (2017) ressalta que sentir é o início de um processo que envolve reflexão bem como o manejo e a comunicação das emoções. Os relatos colhidos sugerem que o não compartilhamento das emoções decorrentes da rotina doméstica pode comprometer o acordo, agravar as dificuldades e minar os relacionamentos. Assim, ainda que comunicar emoções seja muito difícil para alguns, necessitando de coerência e linguagem apropriada, parece ser especialmente importante para que o novo acordo não se transforme em uma prisão e proporcione espaços para que peculiaridades individuais possam coexistir e compromissos possam ser negociados.

Os esforços feitos para a execução das tarefas domésticas suscitam emoções em relação ao lar. Entretanto, a percepção do lar varia de entrevistado para entrevistado.

Emoções desencadeadas pela percepção do lar

A vivência dos momentos passados dentro de casa envolve as reações de prazer e/ou desprazer relativas ao ambiente doméstico. Os entrevistados apontam que tais emoções estão associadas ao investimento feito nos cuidados com o lar.

Jung explana a simbologia da casa da seguinte maneira: “a casa é o mundo da própria consciência, o espaço psíquico onde ela se encontra” (JUNG, 1936/2011b, p. 84). Henderson (1990), analisando sonhos em que o símbolo da casa aparece, compara-a com a vida pessoal, vendo-a como uma imagem da psique em toda sua amplitude. Esse autor entende, ainda, que a casa também representar uma adaptação a mudanças vividas pela personalidade, “um investimento de interesse” na própria vida para a realização do ser total. (HENDERSON, op. cit., p. 82). A partir de tais ampliações, pode-se supor que, para alguns, o ambiente da casa significa mais do que para outros: é sentido como “lar”.

A moradia, vivida ou sonhada, comunica um estado psíquico íntimo e, para alguns dos entrevistados, o ambiente desorganizado provoca incômodo, como se representasse um reflexo, uma projeção de uma necessidade de amparo. Sérgio, por exemplo, percebe a desorganização do ambiente com tamanha intensidade que afirma lhe causar dor. Já sua esposa, Rose, que também relatou incômodo semelhante, ressalta que o parceiro é quem mais sofre com esse estado de coisas.

Percepções e necessidades podem ser diversas – ou seja, aquilo que está bom para um pode não estar para o outro – o que requer que concessões sejam feitas. Um dos parceiros pode ter uma percepção da desordem do lar mais forte que o outro e, se isso não for considerado no acordo, pode sentir que não vale a pena se manifestar. Assim, dois dos entrevistados afirmam tolerar a bagunça do parceiro durante muito tempo por não se acharem em posição de reclamar, em razão da própria desorganização. Só reagem e se expressam, desencadeando discussões, quando o incômodo se torna insustentável.

Vargas (2004) trata do dormir juntos, um momento de vulnerabilidade e intimidade do casal, sem personas, e do ambiente do lar como situações e espaços

onde é possível descansar das demandas sociais. Configuram-se, assim, momentos em que o casal constrói, em conjunto, possibilidades de abertura, intimidade e conforto. Alguns entrevistados mostraram não ter, especificamente em relação ao ambiente doméstico, esses cuidados, investindo na organização da casa apenas quando recebem visitas, ou seja, privilegiando o aspecto social da moradia.

É de se notar em relação a Andressa e Samuel que os parceiros sentem incômodo com o ambiente desorganizado, mas parecem não se propor a resolver essa questão, como se não soubessem como resolvê-la ou não a considerassem, de fato, relevante.

A falta de comunicação das emoções sentidas pode promover angústia e ressentimentos, minando o relacionamento. O acordo é como uma promessa recíproca de cumprimento de certos compromissos. Todavia, quando não há clareza quanto à disponibilidade emocional em assumir tais compromissos e quando as condições particulares de cada parceiro não são levadas em conta nos termos do acordo, tendem a surgir expectativas que não podem ser plenamente atendidas.

Expectativas

As expectativas identificadas neste estudo não se correlacionam com as conclusões de alguns dos autores pesquisados, como, por exemplo, Pinheiro (2009), para quem o lar é ainda visto culturalmente como “um lugar de mulher”, sendo o espaço público o “lugar do homem”, e Albrecht e Lisboa (2011), que afirmam que nossa sociedade determina algumas obrigações como pertencentes às mulheres, como o cuidar da casa e do marido. Os depoimentos levantados sugerem que as questões de gênero deixam de ser relevantes na definição dos espaços de atuação e dos comportamentos esperados com relação aos cuidados com o espaço doméstico. Prevaecem as expectativas resultantes do acordo de trabalho que determina que ambos os integrantes do casal se dedicarão às atividades domésticas na medida do tempo que têm disponível após o exercício da jornada de trabalho formal. O acordo define, assim, um conjunto genérico das expectativas aplicáveis a cada parceiro. Caso essas expectativas gerais fiquem apenas subentendidas, tendem a fomentar frustrações que se reiteram na rotina diária, provocando ressentimentos. Todavia, se forem verbalizadas, confrontadas e pensadas, de modo a levar em conta não apenas o tempo disponível, mas também o modo como cada

um se vincula aos afazeres e ambiente domésticos, podem ser adaptadas às possibilidades de ambos.

Os casais entrevistados deram mostras de não confrontarem as expectativas mútuas. Como exemplo, uma das entrevistadas relatou passar mais tempo livre dentro da casa, enquanto seu parceiro trabalha pelo menos oito horas diárias no emprego. Se o acordo fosse cumprido, seria ela a cuidar mais da casa, o que não acontece. Ao ser cobrada pelo que deixou de fazer, ela se zanga, já que, em sua opinião, o fato de ser ele quem mais se incomoda com o estado das coisas deveria ser motivo para que ele mesmo procurasse resolvê-las. Duas expectativas se confrontam nessa situação. A dele, de que ela faça mais tarefas já que fica mais tempo em casa, e a dela, de não ser cobrada por algo de que não gosta de fazer, ainda que tenha se comprometido pelo acordo estabelecido. De acordo com o entendimento proposto por Byington (2013), essa participante parece fixada na posição insular dos desejos, e não deixando claro para o parceiro que não pretende seguir o combinado nos termos atuais.

Segundo Benedito (2014), conflitos oriundos de expectativas frustradas se referem a uma desunião interna dificilmente reconhecível, comumente projetada no parceiro que se torna o responsável pelo sofrimento. As antigas projeções da paixão vão declinando e o outro começa a receber novas, que o desabonam: será visto como fonte de frustrações. A atitude típica dos casais em tais situações é se desviar de possíveis confrontos. Entretanto, na medida em que não se assume que o comodismo da fuga é uma atitude contraproducente, a culpabilização do outro se intensifica e a compreensão fica impossibilitada.

O “não dialogar” sobre as mútuas expectativas também apareceu em outros casais entrevistados, sinalizando a existência de conflitos. Segundo Byington (2011), nos relacionamentos, na experiência do amor ou do ódio, a percepção do outro não é fruto apenas de projeções, sendo composta por aspectos tanto subjetivos quanto objetivos. Todavia, o outro é afetado pelos aspectos subjetivos nele projetados, podendo, eventualmente, introjetá-los, de modo a se ver como o(a) parceiro(a) o vê. A falta de diálogo impede que as percepções de ambos os parceiros possam ser explicitadas e confrontadas com a visão que cada um tem de si, além de impossibilitar que o acordo seja reexaminado e eventualmente renegociado a partir da reflexão conjunta.

Segundo Byington (2008) um dos prejuízos que o amor pode sofrer no relacionamento conjugal é a automação do convívio provocada pelas exigências da rotina e da criação dos filhos. A experiência conjugal fica, assim, limitada aos dinamismos matriarcal (desejo) e patriarcal (deveres). Ainda de acordo com esse autor, no apaixonar-se, homens e mulheres passam por três posições até a posição dialética de alteridade (retirada parcial de projeções de anima e animus). O desenvolvimento na direção da elaboração das diferenças favorece a posição de alteridade (BYINGTON, 2013). Quando há estagnação, ocorre uma fixação da persona e se consolida uma decepção entre os parceiros. A partir daí, o relacionamento deixa de se desenvolver e as diferenças se tornam mais visíveis e incômodas.

Vargas (2004) esclarece que anima e animus, ao oferecerem ao casamento uma dimensão de alteridade, possibilitam que as diferenças sejam vivenciadas de modo dinâmico, com uma busca criativa pelo desenvolvimento. Há falas dos casais que mostraram posições polarizadas como, por exemplo, Célia, que afirma ter muitos contratempos com o parceiro por ele não fazer as tarefas como ela gostaria. Todavia, se a tarefa doméstica não é uma atribuição essencialmente feminina, cabe perguntar por que seria a mulher a decidir como as tarefas da casa são realizadas. Sob essa ótica, as expectativas de Celia parecem refletir uma posição polarizada – que, para Byington (2013), estaria ancorada no estágio patriarcal – ancoragem essa que compromete o movimento em direção à alteridade.

Byington ressalta que poderia ser útil para que os amantes ajustassem suas expectativas, informa-los, antes do casamento, que “os Arquétipos da Anima, do Animus e da Alteridade raramente se constelam entre pessoas parecidas e, muito menos, iguais” (BYINGTON, 2013, p. 140). Faz-se necessário a consciência da sombra no relacionamento, para que se possa investir com interesse, cuidado e dedicação na construção de detalhes que compõem o dia-a-dia da conjugalidade. Alguns relatos apontaram para uma atitude tolerante em relação às diferenças, quando, por exemplo, o parceiro reclama da dificuldade de organização da parceira, e de como isso o incomoda, e ela, por sua vez, reconhece que ele sofre mais com a desorganização do ambiente, mas informa que ambos estão tentando encontrar soluções. Apesar de suas diferenças não estarem totalmente claras, eles já possuem certo grau de consciência da realidade do outro.

Uma das discussões atuais sobre a divisão das tarefas refere-se à “ajuda”. Jablonski (2010) descreve que, pela falta de experiência, os homens foram vistos como ajudando suas parceiras, o que indicava que não assumiam responsabilidade pelas tarefas domésticas. Nas entrevistas, tal ideia não se comprovou, já que dois homens afirmaram que eram as parceiras que os ajudavam por trabalharem formalmente mais horas que eles. E um deles disse ter aprendido com a parceira que não seria correto usar o termo “ajuda” já que deveria assumir sua responsabilidade na casa. Outra entrevistada utilizou o termo tanto para si como para o parceiro. Posto que alguns dos homens entrevistados declararam assumir as tarefas mais que suas parceiras, pode-se aventar como hipótese que a antiga “ajuda”, pelo menos em alguns casos, pode ter representado uma fase de aprendizagem e não, necessariamente, uma atitude de exploração da mulher pelo homem.

Houve dois casais satisfeitos com o comportamento do parceiro em relação ao acordo. Nesses casos, os resultados parecem diferir do artigo de Silva, Jorge e Queiroz (2012), pois não se comprovou a existência de incoerência entre aquilo que os homens dizem e o que fazem. Tanto eles quanto suas esposas afirmam que ambos estão assumindo e cumprindo os compromissos estabelecidos em relação às tarefas domésticas.

Atitudes

Segundo Jung (1921/2011) a atitude trata da disposição para agir em uma determinada direção, mesmo se o motivo for inconsciente. A pesquisa focalizou as atitudes relacionadas às tarefas domésticas: como o entrevistado vê a si mesmo diante do trabalho doméstico.

As mulheres se mostraram insatisfeitas, avaliando negativamente o modo como se dedicam aos afazeres domésticos e os resultados que alcançam. É possível, nesse caso, levantar a hipótese de que essa autocrítica predominantemente negativa signifique que, em algum nível, as participantes ainda se consideram as principais responsáveis pelo trabalho doméstico que, assim, representaria uma carga. Vale lembrar que Albrecht e Lisboa (2011) afirmam que muitas mulheres se veem como as responsáveis pelo trabalho doméstico por se tratar de “tarefas femininas”.

Os homens, pelo contrário, mostraram-se todos satisfeitos, talvez por se sentirem menos pressionados socialmente a assumirem os cuidados com o lar, o que estaria de acordo com a conclusão de Filgueiras (2008) apontando que o homem não se vê cumprindo uma obrigação ao executar as tarefas domésticas. A satisfação demonstrada pelos entrevistados parece indicar que, para eles, tais afazeres não têm o mesmo significado que para suas parceiras.

Quando a presente discussão estava em preparo, o IBGE lançou, no dia 18 de abril de 2018, o resultado da PNAD Contínua 2017, que afirma que a “realização de afazeres domésticos e cuidados de pessoas cresce entre os homens”, o que corrobora parcialmente os resultados aqui obtidos:

Entre 2016 e 2017, o percentual de pessoas que realizavam afazeres domésticos e cuidados de pessoas cresceu de 82,7% para 86,0%, chegando a 145 milhões de pessoas. Esta taxa cresceu mais entre os homens (4,6 p.p.) do que entre as mulheres (2,0 p.p.), mas ainda mostra grande discrepância entre homens e mulheres: enquanto a taxa de realização foi de 92,6% para as mulheres, entre os homens foi de 78,7%. (IBGE, 2018)

O crescimento na dedicação dos homens aos cuidados com o lar mostra um avanço em direção a uma paridade, que ainda é inexistente. Há de se considerar que os dados menos díspares da presente pesquisa foram coletados em cidade de médio porte do estado de São Paulo (ao contrário dos dados do IBGE, coletados em âmbito nacional) e podem resultar da atualização cultural que se inicia nas cidades, como salienta Jung (1927/1993a).

O compromisso com o acordo, em termos de persona, parece bem configurado já que todos sabem o que e como fazer. Mas, em termos do inconsciente há a interferência das transmissões culturais e geracionais (complexos), de repressões (sombra) assim como o efeito de conteúdos contrassexuais da anima e do animus (Jung, 1928/2001; Byington, 2013). O acordo pode ficar restrito a um nível superficial, sabotado por atitudes oriundas de projeções que se mantêm por não serem reconhecidas.

Uma condição defensiva nas mulheres diria respeito ao fato de o surgimento do novo, que as liberta da obrigatoriedade com as tarefas domésticas, ter produzido um conflito com valores antigos que, segundo Young-Eisendrath (1995), estabelecem que a responsabilidade pelo cuidado da casa e da família é papel

feminino. Seriam prerrogativas associadas ao destino da mulher, em razão de características biológicas relacionadas ao materno, que acabam se tornando deveres psicológicos. Segundo Wahba (2016), a mulher atual ainda possui noções antigas associadas ao feminino que a confundem, apesar de toda sua busca por uma identidade mais autônoma. Em algumas situações, ela não legitima o próprio direito de se negar ao que a desagrada. Assim, as mulheres estariam vivendo um conflito entre uma visão social conservadora e suas possibilidades de independência e autonomia atuais.

Padrões de relacionamento, hábitos e valores tendem a sofrer a influência das famílias de origem, que passa a ser analisada a seguir.

Padrões familiares

A análise dos “padrões familiares” visou compreender as ações do indivíduo que são influenciadas pelos pais em uma transmissão intergeracional (FASANG & RAAB, 2014). Especificamente, buscou-se entender como a experiência dos entrevistados no lar de origem pode ter interferido no modo como executam e se relacionam com os afazeres domésticos.

Três mulheres entrevistadas viveram, em seus lares de origem, situações de extrema exigência com relação ao trabalho doméstico, incluindo relatos de violência física, abusos e excesso de responsabilidade. Em decorrência, atualmente, tais tarefas são fonte de emoções negativas.

Jung (1907/2012b), ao comparar os resultados do Teste de Associação de mãe e filha, percebeu que a filha compartilhava aspectos da experiência da mãe, como um padrão familiar. A influência familiar é capaz de atingir até mesmo ideias superficiais, atuando como moduladora de emoções, desejos, esperanças e intenções. Nesta pesquisa, o caso de Célia é exemplar. A participante prefere abster-se de ensinar à filha as tarefas domésticas. Para isso, conta com a ajuda do parceiro, já que teme repetir atitudes da mãe por perceber que perde a paciência facilmente, o que não está de acordo com as necessidades da criança. Com o parceiro, todavia, Célia parece não agir com tal cautela, criticando-o enfaticamente por aquilo que ele deixa de fazer, comportamento de sua mãe que a repreendia por qualquer descuido.

Segundo Fernandes (2012), o inconsciente familiar pode ser constelado por complexos que, na falta de uma maior conscientização, acabam fazendo parte da “tradição” da família. De acordo com Byington (2011), um complexo é formado por um conglomerado de símbolos e por funções estruturantes. O autor considera a família como um sistema estruturante no qual existe um conjunto de complexos. Os membros da família, no desempenho de seus respectivos papéis, podem desencadear atitudes defensivas quando os símbolos ou funções estruturantes estagnam em fixações, sem elaboração. No caso citado, Célia atua o complexo familiar originado da experiência com uma mãe extremamente autoritária e exigente. Seu parceiro, por sua vez, está acostumado a agir com independência, atitude que desenvolveu a partir da morte dos pais. O confronto entre esses dois padrões é motivo de desavenças entre o casal.

Os símbolos e funções estruturantes estão sempre em elaboração no processo de individuação dos membros da família e a qualquer momento podem influenciar a individuação dos demais membros no Self familiar, seja através da elaboração normal, seja através da Sombra. (BYINGTON, 2011, p. 3)

O relato de Célia dá conta que ela associa esse padrão familiar ao seu desprazer com o trabalho doméstico e à sua impaciência com a própria filha. Todavia, a participante não deu mostras de ter consciência que é esse mesmo padrão que se interpõe entre ela e seu parceiro, levando-a a acumular ressentimentos. Para López-Pedraza (2010), o ressentimento é proveniente de alguma experiência passada que se torna um complexo autônomo, fixando a psique. No grupo familiar, com as crenças e os valores sendo transmitidos, algumas atitudes repetitivas e padronizadas se tornam dívidas não pagas que, como uma herança, vão seguindo pelas gerações (Baptista, 2014).

No grupo dos homens alguns foram ensinados em casa, outros aprenderam com a falta de alguém que fizesse por eles, outros não participavam das tarefas domésticas em suas famílias de origem. O entrevistado que adquiriu independência pela perda dos pais, mantém tal atitude e tem, atualmente, dificuldade de ceder aos pedidos da parceira.

Noções sobre trabalho doméstico

Ao participar da pesquisa, os casais se dispuseram a responder perguntas referentes ao trabalho doméstico. Com o objetivo de perceber se a entrevista promoveu uma oportunidade de reflexão aos entrevistados, a primeira pergunta foi repetida ao final: “Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete)”.

O instinto da reflexão, apresentado por Jung (1936/2000c) como inerente ao ser humano, proporciona ao indivíduo um olhar sobre si mesmo. É o responsável pela possibilidade de ampliação da consciência ao libertar o indivíduo da opressão do desconhecido ou do impensado. As relações interpessoais promovem conflitos que, ao desestabilizar aspectos psicológicos enrijecidos, podem ser aproveitados como estímulo à reflexão. Fraser e Gondim (2004), em um artigo sobre o método qualitativo em pesquisa, salientam que se busca uma compreensão individual visando uma transformação social, que já se inicia nos participantes da pesquisa por meio da autorreflexão. A comunicação com outras pessoas proporciona a oportunidade de avaliar aspectos das próprias concepções antes não percebidos, favorecendo a tomada de consciência.

Na pesquisa, três homens e três mulheres modificaram sua resposta ao final, intensificando emoções já apresentadas ou adicionando emoções e aspectos subjetivos, o que sugere a possibilidade de um início de reflexão.

A partir da discussão apresentada, é possível inferir que os casais buscaram uma solução que lhes permitisse modificar antigos papéis que determinavam como homens e mulheres deviam distribuir suas obrigações no dia-a-dia. A solução foi um acordo que estabelece uma relação entre o trabalho remunerado e o trabalho doméstico. Entretanto, tal acordo parece não abarcar todos os aspectos psicológicos envolvidos nos afazeres domésticos e na superação dos papéis de gênero, gerando descontentamento.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo do tema relacionado à divisão das responsabilidades pelo trabalho doméstico entre mulheres e homens em situação de conjugalidade mostrou-se atual e capaz de ampliar a reflexão sobre as vivências de casais em seu ambiente privado. A disponibilidade dos participantes da pesquisa possibilitou a devida aplicação do instrumento escolhido e o alcance dos objetivos propostos que se referiam à investigação do discurso de casais relativo à distribuição dos afazeres domésticos em suas rotinas diárias.

Foi possível elucidar, por exemplo, a maneira encontrada pelos casais para substituir a antiga divisão de afazeres – rigidamente determinada por expectativas relacionadas ao gênero – por um acordo que leva em conta o período empregado no desempenho das atividades remuneradas: quem trabalha mais tempo fora de casa, trabalha menos nas tarefas domésticas. Esse acordo funciona como uma regra que orienta as decisões do casal, estabelecendo uma relação entre o trabalho doméstico e o profissional: o compromisso com aquele depende diretamente do tempo disponível após a jornada de trabalho remunerado. Contudo, os relatos obtidos sugerem que se trata de uma solução ditada mais por necessidades práticas – tempo disponível após o horário dedicado ao trabalho remunerado – e menos por considerações sobre a igualdade entre gêneros no que se refere a direitos e deveres.

A forma encontrada para estabelecer a divisão das tarefas domésticas acaba por implicar que tanto mulheres como homens têm que se submeter a uma dupla jornada de trabalho. O dispêndio de energia envolvido e o comprometimento de períodos que poderiam ser dedicados ao descanso parecem justificar, ao menos parcialmente, as emoções negativas associadas ao trabalho doméstico. Assim, ainda que um ambiente adequadamente organizado tenha sido apontado como um fator importante para o conforto do casal, o necessário investimento de tempo e energia para que isso aconteça é motivo de frustração. Pode-se dizer que o desagrado é igualmente compartilhado por homens e mulheres, o que não vai de encontro à noção tradicional de que os afazeres do lar seriam mais naturais e proporcionam mais satisfação às mulheres.

A investigação das concordâncias e discordâncias entre os integrantes de cada casal sugere haver expectativas em relação ao parceiro que não são expostas.

Algumas vezes também deixa de ser explicitado, no relacionamento, o comprometimento de cada um com o acordo proposto. Levanta-se a hipótese de que, por não ser o trabalho doméstico tão valorizado quanto a atuação remunerada, não haveria um empenho maior em torná-lo objeto de reflexão conjunta. Todavia, os relatos fazem entrever que a falta de comunicação adequada tende a gerar ressentimentos que se acumulam, promovendo conflitos. Em síntese, os ajustes individuais necessários, assim como expectativas em relação ao outro e as próprias atitudes diante do acordo não são comunicadas claramente entre parceiros. A identificação dessa situação auxilia a compreender algumas das dificuldades expostas na clínica.

A pesquisa possibilitou também investigar a distribuição dos afazeres domésticos nas famílias de origem e alguns de seus desdobramentos na vida dos casais atualmente. Uma maior compreensão da influência da história pessoal sobre as atitudes em relação ao trabalho doméstico pode ser objeto de futuros estudos, pois foram identificados indícios de que ali residem fatores relevantes na determinação dos complexos do casal.

Considerando o caráter qualitativo e o número de participantes da atual pesquisa, não é possível generalizar os resultados encontrados. Todavia, a riqueza das informações obtidas revelou a importância do diálogo e da comunicação, o que se mostra como um desafio para os casais. O trabalho doméstico, visto como de pouco valor, é deixado no escuro, mas nele veem-se aspectos muito relevantes da relação que constituem os complexos do casal. Futuras pesquisas podem, assim, dedicar-se a investigar os diversos aspectos psicológicos que dificultam um entendimento dos parceiros e os entraves e complexos psíquicos que impedem uma maior adesão a um novo padrão de relacionamento, no que diz respeito à divisão das atividades de cuidado com o lar. Tais estudos podem ter um caráter quantitativo, abrangendo um número maior de participantes, de modo a permitir análises comparativas em termos de nível de instrução, classe socioeconômica, tempo de conjugalidade e número de filhos, dentre outras variáveis. Pesquisas qualitativas podem aprofundar a compreensão da vivência simbólica relacionada ao trabalho doméstico por meio da utilização de técnicas projetivas. Por fim, apesar de não ter surgido nenhuma questão quanto ao fato de a entrevistadora ser mulher, novas pesquisas podem considerar a utilização de casais como entrevistadores.

REFERÊNCIAS

ALBERT, S. C. A conjugalidade na psicologia analítica. In: BENEDITO, V. L. D. Y (Org.). **Terapia de casal e de família na clínica junguiana**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2015.

ALBRECHT, M. S.; LISBOA, T. K. Decifrando a divisão do trabalho doméstico nas unidades familiares do balneário ingleses: cotidiano e relações de gênero. **Revista Grifos**, Chapecó: Unochapecó, n. 30/31, p. 103-126, 2011.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. *Snowball* (Bola de Neve): uma técnica metodológica para pesquisa em educação ambiental comunitária. In: **X Congresso de educação – EDUCERE**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2011.

BAPTISTA, M. C. V. D. A contabilidade afetiva das histórias familiares: influências e desígnios. In: REIS, M. T. R.; SPACCAQUERCHE, M. E. (Org.) **A família em foco, sob as lentes do cinema**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

BARCELLOS, G. **Psique e imagem**: estudos de psicologia arquetípica. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017. (livro digital)

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BENEDITO, V. L. D. Y. O casal no divã: conflitos conjugais e terapia de casal. In: REIS, M. T. R.; SPACCAQUERCHE, M. E. (Org.) **A família em foco, sob as lentes do cinema**. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2014.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? *Rev. Bras. Est. Pop.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006.

BRUSCHINI, M. C. A.; RICOLDI, A. M. Revendo estereótipos: o papel dos homens no trabalho doméstico. **Revista Estudos Feministas**, Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, v.20, n.1, p. 259-287, jan/abr.2012.

BYINGTON, C. A. B. **Psicologia simbólica junguiana**: a viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação. 1. ed. São Paulo: Linear B, 2008.

_____. **A família como sistema estruturante do self**: um estudo da psicologia simbólica junguiana. Artigo preparado para os seminários de formação de analistas da SBPA, IX Turma, 4º Semestre, março de 2011. Disponível em: <http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/familia_como_sistema_estruturante_do_self.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

_____. **A viagem do ser em busca da eternidade e do infinito**: as sete etapas arquetípicas da vida pela psicologia simbólica junguiana. 1. ed. São Paulo: Editora do Autor, 2013

CARDOSO, L. F. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre: 2008, v. 42, n. 1. p. 69-79, abr.2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-96902008000100008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 2 out. 2017.

COLMAN, W. Controsexuality and the Unknown Soul. In: ALISTER, I.; HAUKE, C. (Ed.) **Contemporary Jungian Analysis**. London: Routledge, 1998. p. 198-207.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DORIN, L. Dicionário de Psicologia. Curitiba: Editora Juruá. 1. ed., 2016.

FASANG, A. E.; RAAB, M. Beyond Transmission: Intergenerational Patterns of Family Formation Among Middle-Class American Families. **Demography**, v. 51, n. 5, p. 1703-1728, October, 2014. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1007/s13524-014-0322-9>>. Acesso em: 2 out. 2017.

FERNANDES, R. R. **Narcisismo e espiritualidade: o desenvolvimento da consciência pela elaboração simbólica**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2012.

FILLUS, M. A. Anima e animus na contemporaneidade. **Junguiana**, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 39-46, 2012.

FILGUEIRAS, R. **Amélia, a mulher de verdade, ainda vive e sofre calada**. Rio de Janeiro: Faperj, 2008. Disponível em: <<http://www.faperj.br/?id=1161.2.9>>. Acesso em: 24 jan. 2017.

FRASER, M. T. D.; GONDIM, S. M. G. Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. **Paidéia**, 2004, v. 14, n. 28, p. 139-152.

GOSS, P. **Men, women and relationships: a post-jungian approach, gender electrics and magic beans**. London and New York: Routledge, 2010.

GUGGENBÜHL-CRAIG, A. **O casamento está morto, viva o casamento!** São Paulo: Símbolo, 1980.

HENDERSON, J. L. **Shadow and Self: selected papers in analytical psychology**. 1. Ed. Wilmette: Chiron Publications, 1990.

HOLLIS, J. **Sob a sombra de saturno**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

HOPCKE, R. H. **Persona: where sacred meets profane**. Boston: Shambala, 1995.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2017: Estatísticas sociais**, 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/20911-pnad-continua-2017-realizacao-de-afazeres-domesticos-e-cuidados-de-pessoas-cresce-entre-os-homens-mas-mulheres-ainda-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo.html>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

JABLONSKI, B. A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Rio de Janeiro: PUC/RJ, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JUNG, C. G. **Aion**: Estudos sobre o simbolismo do si-mesmo. O.C., v. 9/2, 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1950/1982.

_____. A mulher na Europa. [1927] In: JUNG, C. G. **Civilização em transição**. O.C., v.10/3, 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1993a.

_____. O problema amoroso do estudante. [1924] In: JUNG, C. G. **Civilização em transição**. OC, v. 10/3, 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1993b.

_____. Considerações gerais sobre a teoria dos complexos [1934]. In: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C., v. 8/2, 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000a.

_____. Aspectos gerais da psicologia do sonho [1928]. In: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C., v. 8/2, 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000b.

_____. Determinantes psicológicas do comportamento humano [1936]. In: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C., v. 8/2, 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000c.

_____. As etapas da vida humana [1930]. In: JUNG, C. G. **A natureza da psique**. O. C., v. 8/2, 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000d.

_____. **O eu e o inconsciente**. O.C., v. 7/2, 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1928/2001.

_____. **Tipos Psicológicos**, O.C., v. 6, 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1921/2011a.

_____. **Seminários sobre sonhos de crianças**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1936/2011b.

_____. O casamento como relacionamento psíquico [1925]. In: JUNG, C. G. **O desenvolvimento da personalidade**. O. C., v. 17, 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

_____. A constelação familiar [1907]. In: JUNG, C. G. Estudos Experimentais, O.C., v..2, 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. ; LABORIE, F. ; LE DOARÉ, H. ; SENOTIER, D. (Org.) **Dictionnaire critique du féminisme**. Paris : Presses Universitaires, 2000. Traduzido por Miriam Nobre em agosto de 2003.

LAKATOS, E. V.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIMA, M. B. et al. Agentes estressores em trabalhadores de enfermagem com dupla ou mais jornada de trabalho. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal**, v. 5, n. 1, p. 3259-3266, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/5057/505750897010/>>. Acesso em: 8 abr. 2018.

LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LÓPEZ-PEDRAZA, R. **As emoções no processo terapêutico**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MCGUIRRE, W.; HULL, R. F. C. Homens, mulheres e Deus [1955]. In: C. G. Jung: entrevistas e encontros, 1. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

PEREIRA, C. S.; BLANES, M. L. B. **Choque de gerações no ambiente de trabalho: Geração Baby Boomers, X, Y, Z**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Administração de Empresas da Faculdade de Pindamonhagaba. Pindamonhagaba, 2014. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/11182245/choque-de-geracoes-no-ambiente-de-trabalho-geracao-baby-boomers-x-y-z>>. Acesso em: 21 nov. 2017.

PINHEIRO, Z. A. C. **O gênero da casa: vivências masculinas no espaço doméstico**. Minas Gerais: 2009. 177 p. Dissertação. (Mestrado em Economia Familiar; Estudo da Família; Teoria Econômica e Educação do Consumidor) - Universidade Federal de Viçosa, 2009.

REIS, M. R. Crises conjugais: riscos e oportunidades. **Junguiana**, São Paulo, n. 25, p. 93-101, 2007.

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

RODRIGUES, P. J.; MILANI, D. R. C.; CASTRO, L. L. O.; CELESTE FILHO, M. O trabalho feminino durante a Revolução Industrial. In: **XII Semana da Mulher - Mulheres, Gênero, Violência e Educação**, 2015, Marília. São Paulo: Oficina Universitária, 2015. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2017.

SABOIA, A. L.; SOARES, C. **Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Rio de Janeiro, 2007.

SAMUELS, A. Gênero, sexo e casamento. In: SAMUELS, A. **Jung e os pós-junguianos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____. Além do princípio feminino. In: SAMUELS, A. **A psique plural, personalidade, moralidade e o pai**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SCHIAVERIN, Joy. Gender and Sexuality. Imaginal, Erotic Encounters. In: STEIN, M. (Ed.) **Jungian Psychoanalysis**. Chicago: Open Court, 2010. p. 223-233.

SILVA, M. C.; JORGE A. R.; QUEIROZ, A. Divisão sexual do trabalho doméstico: entre representações e práticas. **Configurações**, v. 9, 2012. Disponível em: <<http://configuracoes.revues.org/1158>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

SPIZZIRRI, G.; PEREIRA, C. M. A.; ABDO, C. H. N. O termo gênero e suas contextualizações. **Diagn Tratamento**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017

VARGAS, N. S. Descasamento, recasamento e a adolescência conjugal. **Junguiana**, São Paulo, v.15 p. 8-16, 1997.

_____. **Terapia de casais: uma visão junguiana**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2004.

VENTURA, M. A dança da sombra no palco do casamento. In: ZWEIG, C. e ABRAMS, J. (Org.) **Ao encontro da sombra**. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

YOUNG-EISENDRATH, P. **Bruxas e Heróis: uma abordagem feminista na terapia junguiana de casais**. 1. ed. São Paulo: Summus, 1995.

_____. Controsexuality and the Dialectic of Desire. In: CASEMENT, A. (Ed.) **Post-Jungians Today**. London: Routledge, 1998.

WAHBA, L. L. Snow White took a bite of the poisoned apple... but what about today? **Journal of Analytical Psychology**, v. 61, n. 2, p. 255–262, 2016.

ANEXO A - Termo de Compromisso do Pesquisador Responsável

Título: Jornada e parceria do casal no trabalho doméstico: um enfoque da Psicologia Analítica

A pesquisadora, abaixo nomeada, assina e se compromete a:

- Respeitar e cumprir a Teoria Principlista que visa salvaguardar a autonomia, beneficência, não maleficência, justiça, privacidade e confidencialidade (Res. 196/96 CONEP/CNS/MS);
- Não violar as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido;
- Comunicar ao sujeito da pesquisa todas as informações necessárias para um adequado “consentimento livre e esclarecido” e solicitar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, apenas, quando o sujeito da pesquisa tenha conhecimento adequado dos fatos e das consequências de sua participação e tenha tido oportunidade para considerar livremente se quer participar da pesquisa ou não;
- Obter de cada sujeito de pesquisa um documento assinado ou com impressão datiloscópica como evidência do consentimento livre e esclarecido;
- Renovar o consentimento livre e esclarecido de cada sujeito se houver alterações nas condições ou procedimentos da pesquisa, informando o procedimento ao CEP;
- Manter absoluto e total sigilo e confidencialidade em relação à identificação do sujeito da pesquisa e dados constantes em prontuários ou banco de dados;
- Respeitar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana e derivados;
- Não prejudicar o meio ambiente em sua totalidade (fauna e a flora) para execução da pesquisa;
- Cumprir na integralidade todas as resoluções do Conselho Nacional de Saúde CNS/MS, bem como todos os diplomas legais referentes ao tema da ética em pesquisa, dos quais declaro ter pleno conhecimento;
- Desta forma, como pesquisadora abaixo subscrita, comprometo-me, em caráter irrevogável e irretratável, por prazo indeterminado, a cumprir toda legislação vigente, bem como as disposições deste Termo de Compromisso.

São Paulo, 12 de setembro de 2017.

Nome do Pesquisadora/Aluna: Julieta Maria Haical Haddad

Assinatura: _____

Nome da Orientadora: Liliana Liviano Wahba

Assinatura da Orientadora: _____

Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Rua Ministro Godói, 969 – Perdizes – São Paulo – SP – CEP: 05015-001 Edifício Reitor

Bandeira de Mello, sala 63-C. Telefones: (11) 3670-8466 E-mail: cometica@pucsp.br

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

PUC-SP

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Programa de Estudos Pós-Graduados em
Psicologia Clínica**

Os objetivos deste trabalho são: investigar o discurso do casal em relação à distribuição dos afazeres domésticos, investigar a divisão de tarefas domésticas na rotina diária do casal, observar as concordâncias e discordâncias no discurso do homem e da mulher sobre os afazeres domésticos, investigar a participação nos afazeres domésticos nas famílias de origem.

Ao participar deste estudo você pode se sentir incomodado com as perguntas por se tratar de suas rotinas familiares. Nossos encontros serão gravados e registrados pelos pesquisadores e guardados sob total sigilo, de modo a assegurar sua privacidade, quanto aos dados confidenciais envolvidos neste trabalho. Seu nome e quaisquer dados que possam identificá-lo(a) serão devidamente retirados do material que vier a se tornar público.

Em qualquer etapa deste estudo, você terá acesso aos profissionais responsáveis pela assistência e pesquisa para esclarecimento de eventuais dúvidas. A investigadora responsável pela pesquisa é a Prof.^a Dr.^a Líliliana Liviano Wahba, que pode ser encontrada no endereço Rua Ministro de Godoy, 969 Telefone(s): (11)3670-8521. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – Rua Ministro de Godoy, 969, e-mail; cometica@pucsp.br.

Será garantido a você e a qualquer participante deste trabalho a liberdade de se recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer momento, sem penalização alguma e sem qualquer prejuízo.

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, incluindo exames e consultas. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Se houver necessidade de atendimento psicológico, em função de sua participação neste estudo, será feito encaminhamento a uma Clínica Psicológica.

Estamos à disposição para qualquer esclarecimento antes, durante e após o atendimento. Ao final do trabalho disponibilizaremos os resultados.

CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Declaro que, após ter sido convenientemente esclarecido, consinto em participar, na qualidade de participante do estudo a ser desenvolvido referido neste termo, o qual inclui o registro dos encontros e a possível publicação dos resultados, garantindo-se o sigilo e o anonimato dos participantes.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: Jornada e parceria do casal no trabalho doméstico: um enfoque da psicologia analítica.

Eu discuti com Julieta Maria Haical Haddad sobre a minha decisão de participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de sigilo e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido, ou no meu atendimento neste Serviço.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE

Nome: _____

Sexo: M F Nascimento: ____/____/____

Estado Civil: _____

Escolaridade Completa: _____ Profissão: _____

Endereço: Rua: _____ No. _____

Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____

Telefones: _____

e-mail _____

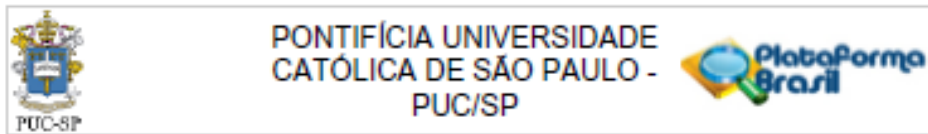
Assinatura do paciente/representante legal Data ____/____/____

Assinatura do responsável pelo estudo Data ____/____/____

Rua Ministro Godói, 969 - 4º andar - sala 4E-05 - São Paulo - SP - CEP: 05015-001

Fone: 3670-8521 - e-mail: psiclini@pucsp.br

ANEXO C – Parecer consubstanciado do CEP – PUC-SP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: JORNADA E PARCERIA DO CASAL NO TRABALHO DOMÉSTICO: UM ENFOQUE DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

Pesquisador: JULIETA MARIA HAICAL HADDAD

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 78531617.0.0000.5482

Instituição Proponente: pontificia universidade católica

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.352.028

Apresentação do Projeto:

Dissertação de mestrado que procura compreender como homens e mulheres casados estão lidando com os afazeres domésticos, com a divisão de papéis de gênero. Os participantes da pesquisa serão cinco casais entrevistados, convidados mediante indicação de profissionais conhecidos.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar:

O discurso do casal em relação à distribuição dos afazeres domésticos.

A divisão de tarefas domésticas na rotina diária do casal.

As concordâncias e discordâncias no discurso do homem e da mulher sobre os afazeres domésticos.

A participação nos afazeres domésticos nas famílias de origem.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisadora assim define os riscos e benefícios da pesquisa:

Riscos:

Os participantes da entrevista podem se sentir incomodados com as perguntas por se tratar de suas rotinas familiares.

Benefícios:

Endereço: Rua Ministro Godói, 960 - sala 63 C
 Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
 UF: SP Município: SAO PAULO
 Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: comlca@pucsp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 2.302.028

A reflexão necessária para responder a entrevista sobre a divisão de tarefas pode ajudar os casais em uma maior equidade dentro de casa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Não há comentários ou considerações específicas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

NO TCLE está escrito que: "Ao participar deste estudo você não está sujeito a nenhum tipo de risco e incômodo mínimo". A frase é semelhante mas não exatamente equivalente à que consta nas informações básicas do projeto, no item de avaliação de riscos acima transcrito.

Recomendações:

Aconselha-se que a frase "Ao participar deste estudo você não está sujeito a nenhum tipo de risco e incômodo mínimo" seja reítrada do TCLE ou substituída por "Ao participar deste estudo você pode se sentir incomodados com as perguntas por se tratar de suas rotinas familiares".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

A pesquisa pode ser realizada, mas recomenda-se a alteração acima sugerida no TCLE.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_945568.pdf	18/09/2017 11:55:28		Aceito
Outros	parecerDeMeritoAcademico.pdf	18/09/2017 09:47:44	JULIETA MARIA HAICAL HADDAD	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoDePesquisa.docx	18/09/2017 09:45:39	JULIETA MARIA HAICAL HADDAD	Aceito
Outros	oficioDeApresentacao.docx	18/09/2017 09:44:52	JULIETA MARIA HAICAL HADDAD	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	12/09/2017 10:57:51	JULIETA MARIA HAICAL HADDAD	Aceito
Folha de Rosto	folhadeRosto.pdf	12/09/2017 10:51:03	JULIETA MARIA HAICAL HADDAD	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: cometica@puosp.br



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DE SÃO PAULO -
PUC/SP



Continuação do Parecer: 2.302.028

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO PAULO, 26 de Outubro de 2017

Assinado por:
Edgard de Assis Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua Ministro Godói, 969 - sala 63 C
Bairro: Perdizes CEP: 05.015-001
UF: SP Município: SAO PAULO
Telefone: (11)3670-8466 Fax: (11)3670-8466 E-mail: comarca@puosp.br

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1) Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).
- 2) Existe divisão de tarefas em sua casa?
 - De que tipo?
- 3) Como você se vê diante do trabalho doméstico?
- 4) Como você vê seu(sua) parceiro(a) diante do trabalho doméstico?
- 5) A divisão de tarefas é um assunto entre você e seu(sua) parceiro(a)?
 - Como assim?
 - Gera conflito? (se sim, de que tipo; se não, como se decide a divisão das tarefas).
- 6) Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?
- 7) Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

APÊNDICE B – Entrevista – Célia, 28 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Tortura. Eu acho um saco serviço doméstico, porque é uma coisa que não acaba. Você faz, dali a pouco 'tá sujo de novo, você acabou de fazer. E eu, se eu pudesse... **Tudo que eu posso fazer pra facilitar, eu faço. Então, se dá pra comprar uma lava-louça, eu compro. Se dá pra comprar uma máquina que lava roupa e seca, eu compro... Se eu tiver condições. Se não tiver, eu fico sonhando e guardando dinheiro até ter.** Porque eu odeio fazer serviço de casa! Eu acho a coisa assim... Ai, uma tortura! Pra mim é uma tortura. É horrível! E, também, um problema que eu... Eu tenho esse problema... Eu não sei fazer nada... É... Por exemplo, que nem... Minha mãe usa um termo... Minha mãe fala assim: "Ai, passa um pano onde o padre passa", "Benze onde o padre passa". Eu não consigo. Então, se eu for limpar casa, eu quero limpar os vidros, eu quero tirar a teia de aranha.

P: Qual a expressão que sua mãe usa?

"Benze onde o padre passa".

P: O que significa isso?

O padre, quando ele faz a missa, ele passa aspergindo, ele passa só no meio da igreja. Por exemplo, nos bancos onde as pessoas sentam, ele não passa. O padre só passa no meio. Então, ela fala assim que é para, por exemplo, chegar em casa, **por exemplo, arrumar a cama, varrer a casa e lavar a louça. Eu não consigo ser assim. Não consigo. Eu quero passar pano, eu quero aspirar... Eu tenho muito gato. Então, tem de ficar aspirando. Ai, se vou lavar o banheiro,** ela fala: "O banheiro, durante a semana, você só lava o vaso, lava a pia, tira as coisas, o lixo e acabou". Não! **Eu quero lavar o box, eu quero que fica limpo e isso me tortura porque, daí, eu perco o dia todo e, daí, eu fico irritada porque eu odeio e, daí, eu brigo com todo mundo. Nossa! Eu viro o capeta. Detesto! Odeio!**

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Existe

P: De que tipo?

Quem chega primeiro faz. Então... **Ultimamente, desde que comecei a fazer faculdade, é mais o Luciano que faz, porque não dá tempo de eu fazer nada.** Então, mais no sábado. Só que, eu confesso, toda vez que a gente vai limpar a casa junto a gente briga porque... A gente, não. Eu brigo. Ele não briga, coitado. **A gente briga porque eu quero que ele faça do meu jeito e...** A gente foi criado (*sic*) diferente, e eu quero que ele faça daquele jeito que eu 'tou falando para ele fazer e ele não faz. Ele nem sabe como que faz. E dá encrenca. Então, às vezes, eu prefiro que ele saia e eu faça tudo, do que fazer junto, porque me irrita, me estressa, sabe? Eu ter de ficar falando para ele como fazer me irrita muito, me desgasta, me desgasta mais do que eu fazer. **Eu ter de falar assim... Para mim é obvio. Eu sei que para ele não é óbvio. Mas ter de falar o óbvio,** por exemplo, "Luciano, quando você lava o banheiro, você tem de enxugar o banheiro porque, senão, fica mancha de água no box. Não adianta nada você lavar". Para mim é uma coisa tão óbvia que me irrita. Então, eu prefiro ir lá, lavar o box e eu secar do que ficar falando para ele.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Como me vejo? Vejo que não nasci para isso, não. Vejo que eu faço, que é necessário como muitas coisas na vida que a gente tem de fazer porque é necessário, mas eu não gosto. Se fosse assim, se ele chegasse em mim (*sic*) e falasse assim: "Não precisa mais trabalhar, você fica em casa, cuidando", eu não ia querer. Não gosto. Não gosto daquela coisa de ter de... Não sei se é porque minha mãe judiava... Porque minha mãe ensinou muito bem, mas ensinou também na base do: "Ou faz ou apanha!", "Ou faz ou fica de castigo!". De acordar domingo, seis horas da manhã para limpar a casa. O meu irmão pegou muito isso. Eu não peguei não. Eu peguei meio asco, sabe? Eu acho assim, eu... Como que posso explicar? Eu acho que a vida da gente é muito curta para você ficar só atrás de limpar casa, limpar casa, limpar casa. Sabe? Tipo assim, **não entra na minha cabeça trabalhar a**

semana inteira e, no sábado, eu passar o sábado todo limpando a casa, sendo que a noite a gente vai fazer janta e vai sujar a casa. E a gente vai deitar e vai sujar, vai coisar (*sic*) a roupa, entendeu. Então, eu prefiro sair, passear do que ficar atrás de casa. Não gosto, não gosto mesmo! Eu faço obrigada. E, se você falar com ele, ele vai dizer: “Ela faz xingando”. Porque eu faço xingando mesmo. Nossa, eu despeito, eu brigo com todo mundo. Até os gatos correm de mim. Eu não gosto.

P: Como você vê seu parceiro diante do trabalho doméstico?

Eu acho que ele faz por obrigação também, que ele não gosta. E **ele faz tudo pela metade**. Tudo. Qualquer coisa em casa. Por exemplo, se eu peço para ele... Se eu peço, não. Ele faz, porque ele mesmo já começou a tomar a iniciativa: tem a roupa lá para dobrar, ele dobra, mas ele não guarda, ou ele guarda tudo, menos calcinha e meia. **Sempre fica alguma coisa**. Se ele lava louça... Agora ele comprou uma lava-louça, mas quando a gente não tinha lava-louça, ele lavava tudo, mas não lavava os talher (*sic*). Aí, ele pegava os talher (*sic*), botava dentro de uma jarra, botava água e detergente, e lá ficava. Se eu não lavasse... Tanto que a gente tem um jogo de talher enorme [que] ele escondeu. Acho que nem ele sabe onde ele pôs. E deixo só três: três garfo (*sic*), três faca (*sic*) e três colher (*sic*), para ser obrigado a lavar. Porque, senão, ele não lavava. Ia acumulando, acumulando, acumulando... Então, assim, ele limpa... Se ele limpa... Ele é muito invocado com o chão. Então, tem dia que eu estou cochilando lá ou ‘tou no quarto, estudando... Hora que eu vejo, ele está lavando a casa. Ele lava tudo. Só que ele lava... Só que ele não limpa o balcão, ele não limpa o fogão, não limpa a... É tudo pela metade. Tudo! E, muitas vezes, ele limpa, mas ele não organiza... Ele não organiza. Ele só faz... Tipo assim: o chão ‘tá sujo, aí ele limpa o chão. Aí, você olha assim no balcão (eu tenho um balcão em “L” na cozinha)... Você olha no balcão, ‘tá cheio de sujeira, ‘tá com farelo de pão e é coisa que eu fico assim... Ai, meu Deus, que cansa, sabe? Será que ele não entende que tem de ir até o fim? Os armário (*sic*), ele não enxuga, passa o rodinho. E homem é bruto, né? Passa o rodinho assim e os armário (*sic*) de MDF... Aí, eu fico: “Ai, Jesus! Vai estragar tudo, vai estufar essas bosta (*sic*), vai enferrujar geladeira... Meu Deus! Que vontade de morrer!” E, muitas vezes, muitas vezes, a gente já discutiu de quase [se] largar por causa disso e eu falo assim: “Se for para eu ter outro filho...”

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e seu parceiro?

É. Recorrente.

P: Gera conflito?

Gera conflito. Direto e reto, nós ‘tá (*sic*) trocando farpa. Principalmente, por exemplo, agora é... Normalmente, ele pega e faz. Por exemplo, de sábado, ele acorda, a gente acorda e a gente faz o serviço. Agora, estou estudando para um concurso. Estou estudando para esse concurso. Então, minha vida está sendo estudar. Mais do que na faculdade ainda. Então, de **sábado, eu acordo de manhã e já estudo** até na hora do almoço. Na hora do almoço, eu paro como se ‘tivesse no trabalho... **Aí, ele não faz. Aí, já ‘tou nervosa**, já ‘tou tensa, tensíssima, porque, assim... Estou estudando para um concurso que não é da área da faculdade, que é da área de direito, tentando sair da empresa que estou. E eu saio do quarto, **ele está deitado no sofá**, e ‘tá lá. **Então, assim, o que me dói, me irrita e acaba sempre sendo assunto de discussão é assim que, por mais que ele faça, sempre parece que é um favor que ele está fazendo pra mim**. E direto! A maioria das discussões era assim: “Mas eu ajudo você”, sabe? “Você reclama de barriga cheia, porque eu te ajudo”. Aí, fia (*sic*)... Você imagina, né? Baixa o capeta em mim mesmo e falo assim: “Você acha que me ajuda por quê? Por que você acha que me ajuda? Você não me ajuda! Você mora aqui e você usa o mesmo banheiro, você suja talher, você suja geladeira, você suja fogão, você suja roupa. Você não ‘tá me ajudando. Você ‘tá convivendo. É uma sociedade. Vamos fazer. Porque, se for assim, então só vou fazer o meu, vou lavar o meu prato, o meu copo e vou lavar o da (filha) e o seu vai ficar. E direto! E já teve muita discussão por isso. E, assim, se ele acorda e ele acha que ele não tem que fazer, ele não faz e lá fica. E isso me angustia

muito, me angustia demais, porque eu não 'tou com tempo de fazer e, se eu cobro, ele fica bravo.

Uma coisa também que já deu muito pé de briga em casa é que, [n]a empresa em que trabalho, o funcionário acabou, pode ir embora. Na nossa filial, que é menor, nós dividimos: um dia sai mais cedo, outro dia, não. Somos em quatro (*sic*). Um dia sai (*sic*) dois e, no outro dia, sai (*sic*) os outros dois. E o que que acontecia? Muitos dias dos dias que eu saía mais cedo, eu saía mais ou menos 13:30h, 14h. Eu chegava em casa, eu tomava um banho e descansava. Ele chegava do serviço, ele brigava comigo porque eu não tinha limpado a casa, ou porque eu não tinha lavado a louça. Aí, eu falava assim: “Calma! Mas e se eu ‘tivesse trabalhando? Esse horário que estou em casa descansando era pra mim (*sic*) estar trabalhando. Se eu ‘tivesse no trabalho, não ia ter lavado a louça”. Agora, só [o] fato de eu estar em casa e não fazer incomoda ele. Agora, o que acontecia, que foi uma vez que a gente quase [se] largou mesmo. Ele trabalhava em um serviço. Agora ele mudou, mas ele trabalhava em um serviço que ele trabalhava das 2h às 10h. E, de sábado, ele trabalhava, mas de domingo e segunda, não. Aí, de sábado que ele estava no trabalho, eu fazia faxina. No domingo, ficava todo mundo em casa. Na segunda, ele sujava. Eu chegava em casa à tarde, parecia que havia passado um furacão em casa e aquilo me corroía por dentro, porque eu tinha perdido meu sábado inteiro fazendo faxina e, na segunda, ele não tinha respeito, sabe? Aquela coisa de respeitar o que eu tinha feito. E me irritava muito, também, porque ele saía pra trabalhar [às] duas horas da tarde, ele saía uma e meia de dentro de casa, e ele chegava às 10h. E ele é uma pessoa, que ele é noturno. Então, a vida toda de casado, ele sempre dormiu depois da meia-noite. Ele chegava [às] 10h, ele tomava banho, ele deitava e ficava até uma hora da manhã acordado e dormia. No serviço anterior, ele acordava às 7. Nesse, que ele saía [à] 1h para trabalhar, ele acordava [às] 10h da manhã. Aí, ele não fazia nada em casa. Pelo contrário, ele bagunçava. Eu chegava para almoçar, ele tinha feito almoço. Aí, eu falava assim: “Luciano, é tão fácil! Você acorda umas 8h, você arruma a cama, arruma a cama da (filha), aspira a casa pra tirar os pelo (*sic*) do gato e faz o almoço”. “Mas eu fiz almoço para você!” Fazia arroz, salada e um bife, vamos supor, coisa que nós mulheres faríamos em [estalou os dedos] 15 minutos. E isso era discussão recorrente, discussão recorrente, discussão recorrente, porque eu falava assim para ele: “E se fosse eu, né? E se fosse eu que trabalhava das 2h às 10h? Você ia gostar de chegar em casa e a casa não estar limpa?”. Aí, ele ficava assim: “Ah! Eu não ia brigar”. Mas ele briga. Quando eu saio mais cedo do serviço e ele chega e não tem nada feito... E direto e reto eu faço esse teste, sabe? Às vezes, eu faço de propósito: não limpo para ver a reação dele, e ele fica emburrado. Ele pode até não falar, mas ele emburra. Porque ele fala assim: “Ah! Você sai mais cedo pra quê?” Sabe? “Pra quê que você sai mais cedo? Você sai mais cedo, você fica no sofá assistindo [à] televisão?”. Eu falo: “Eu fico. Eu fico, porque eu ‘tava no meu horário de serviço”. E é discussão recorrente. Limpar a casa é discussão recorrente.

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

No cacete. Se não fazia, apanhava. É verdade! Minha mãe me batia de verdade. Nossa! Minha mãe... Misericórdia daquela mulher lá! Coitada! Coitada, não! Coitada de mim! Mas era assim. Com a minha irmã mais nova, não. Minha irmã mais nova, acho que nunca apanhou. Agora, eu e meu irmão mais velho apanhou (*sic*) até “véio”. Meu irmão, com 18 anos, apanhava. Ela era assim, é... Acho que é por isso também que tenho muito ranço de limpar casa. **Minha mãe já chegou a tacar uma faca em mim por causa de uma louça.** Uma faca de verdade, faca, faca! Porque eu... Nossa! **Ela era muito assim: que tinha de limpar a casa, que tinha de fazer e tinha do jeito dela** e... e... Uma coisa que falo para o Luciano, que eu não faço com a (filha) hoje. A minha mãe, não importa o que você fizesse, ela ia brigar à tarde. **Se eu não fizesse, ela brigava porque não fiz; se eu fizesse, ela brigava porque não fiz do jeito dela; se eu fizesse do jeito dela, mas deixasse um pano sem lavar, ela brigava por causa do pano.** Então, chegou uma hora que eu cagava para ela. Eu fazia e falava: “Aí, se foda, vai brigar mesmo, vai se foder, não vou fazer. Não quero fazer, não vou fazer”. **Apanhava quase todo dia, apanhava mesmo!** E eu tenho essa lembrança, desde pequenininha, de domingo ter de acordar [às] 6h da manhã para limpar a

casa, para lavar a casa, para fazer faxina. Meu irmão lavava o forro com uma maquininha e eu odiava. Odiava até meu irmão: “Vai, lazarento, fica dando corda para a mãe, ainda. Faz o que tem de fazer, mas fica inventando moda”. Quando reformou a casa, toda noite o pedreiro ia embora e nós tinha (*sic*) de lavar a casa pra dormir. Aí, o pedreiro sujava no outro dia. Eu chegava da escola, tinha de lavar a casa pra dormir. Aí, era um inferno, inferno, inferno, inferno. Deus que me perdoe! Que inferno que era! E ela era separada do meu pai. Quando eu tinha 12 anos, ela obrigava... tipo assim... só fui entender isso com meus 23 anos, quando descobri que meu pai, que me criou e me registrou, não era meu pai de verdade. Que eu tinha outro pai biológico. Que ela traiu meu pai. E ela sempre fez eu achar que eu devia um favor. Eu sempre cresci devendo um favor. Não sabia que favor que era, mas eu sempre cresci escutando assim que eu devia um favor, que eu devia um favor, e esse favor eu pagava limpando a casa dele. Eles eram separados e, aí, de quinta-feira, eu tinha de limpar a casa dele. Só que eu tinha de limpar a casa dele de quinta-feira e a nossa. **Com 12 anos! Eu tinha de ir para casa dele, e a casa dele era assim, era enorme: uma sala imensa, três quartos, dois banheiros e uma cozinha imensa. E ele morava sozinho e era um porco.** Até hoje ele é um pouco porco. Mas ele era muito porco. Então eu digo assim... Eu chegava, tinha aquelas panelas cheia (*sic*) de comida que já estava até azedando, o banheiro tudo nojento, e eu tinha de lavar. **Daí, eu tinha de ir às 7h da manhã, limpar a casa dele até as 9h, porque eu tinha de ir para casa, limpar a minha para ir para o colégio meio-dia. Para almoçar e ir para o colégio.** E – foi o dia da faca que eu lembro até hoje –, tinha a pia que era bem na janela. Aí, tinha um balcão e, aí, eu não tinha essa noção... Isso que ela fala que faz onde o padre passa foi nessa época, porque eu nunca consegui fazer o serviço por onde o padre passa. Então, mesmo no dia que eu tinha de limpar a casa do meu pai, eu fazia o serviço no esqueminha que era para fazer: eu lavava os banheiro (*sic*), eu arrumava a cama e passava o pano. Nesse dia, não deu tempo de eu lavar a louça. Aí, ela chegou. Ela nunca vinha almoçar em casa, ela nunca vinha almoçar em casa. Nesse dia, ela veio almoçar em casa. Só que ela já estava brigando com o pai da minha irmã – porque em casa cada um é de um pai. Ela ‘tava brigando com o pai da minha irmã e ela chegou e eu tinha feito tudo, menos lavado a louça, porque era a última parte. Eu não tinha passado o pano no chão da cozinha e não tinha lavado a louça. Ela chegou brigando, não sei o quê, não sei o que lá. Já me pegou pelos cabelos, já me deu uns tapas e, na hora que ela foi sair, ela pegou uma faca da pia e mandou. A faca pegou no meu pé, o dedinho. E eu fiquei horrorizada com aquilo, sabe? E isso foi uma coisa que, assim, eu pus na minha cabeça: se um dia eu tiver uma filha, eu nunca vou falar para ela que é obrigação dela limpar a casa; se um dia eu tiver um filho, eu nunca vou falar para ele que é obrigação dele. Porque eu acho, assim, que todo mundo tem de fazer, todo mundo tem de fazer. E, então, eu cresci muito com isso, sabe? Eu detesto limpar a casa e eu falo para a (filha), falo assim: “Filha, o quarto é seu, o quarto é seu Vamos dar uma ajeitadinha? Não ‘tá muito sujo? O que você acha?”, “Ai, mãe, eu acho que ‘tá bagunçado”. E ela ‘tá com 9 anos. Ela lembra... Tem dia que ela lembra e fala assim: “Mãe, tem um saco de lixo? Vou dar uma ajeitada no meu quarto, ‘tá com muita bagunça”. Ela mesmo (*sic*) fala e ela limpa. Mas, se ela também não quiser limpar, fica lá. Eu falo: “Deixa aí, você não vai levar: você não vai levar a cama, você não vai levar nada, não vai levar nada da vida”. Ela tem um porquinho no jogo dela que chama Midas, daí eu falo assim: “Midas, você não vai limpar esse quarto?” Daí, ela fala assim: “Ai, mãe, acho que estou precisando limpar”. Às vezes, ela chama o Luciano e pede ajuda. Às vezes, eu peço para ele ajudar ela porque, muitas vezes, eu acabo reproduzindo minha mãe. Eu vejo minha mãe, sabe? Que aí eu começo a limpar, já começo a me irritar e, daí, já vem aquela queimação dentro de mim. Às vezes, tenho vontade de esganar ela. Falo assim: “Meu Deus, por que você está guardando farinha molhada, embolorando dentro do pote, inferno!” Aí, eu respiro fundo, saio e peço para ele assumir pra não ser a minha mãe. Eu não quero ser a minha mãe. E eu vou tomar banho. **E eu tenho uma tia que eu me espelho muito** nessa tia, que é minha madrinha. Porque minha mãe sempre foi muito atrapalhada, porque, como ela teve meu irmão, depois teve eu, nós vivia (*sic*) meio que jogado. Então, eu ficava muito nessa minha madrinha. E essa minha madrinha... Eu lembro até hoje dessa fala que ela falava para minha prima, mas na

adolescência já, morria de inveja, ela falava assim para minha prima: “Ai, você é solteira, se você não quiser limpar seu quarto, você não limpa. Você é livre, livre. Nós somos livres”. **E ela fala até hoje: “Nós somos seres livres.** Se a gente acordar um belo sábado e falar assim que não vou escovar meu dente, você não precisa escovar seu dente. Se o marido te disser que não vai beijar sua boca porque você não escovou seu dente, azar o dele, não beija na boca. Você é livre. Se você disser que hoje não vai tomar banho para dormir, não tome. Se você falar assim... Ó, a gente... você é obrigada a trabalhar, pobre tem de trabalhar, pobre tem de trabalhar, mas do resto você é livre. Se você acordar no sábado e disser ‘hoje eu vou fazer nada, vou ficar na minha cama, vou ler esse livro’, que se dane o mundo. Você é livre para fazer isso, ninguém pode te obrigar a nada”. Então, eu peguei muito dela, sabe? Porque eu peguei os parâmetros, quem é minha mãe, como minha mãe está hoje e como ela está. Então, minha mãe é depressiva. Minha mãe toma um monte de remédio. E minha mãe é uma pessoa que ninguém vai na casa dela. Já essa minha tia, não. Você chega na casa dela, ela já pega edredom, já joga pro chão: “Vamo (*sic*) ficá aqui, vamo comê” (*sic*), sabe? **Então, eu falava assim: “Essa é a vida que eu quero para mim”.** Então, eu absorvi muito. Tem dia que eu chego na casa da minha tia e ela tá fazendo faxina, tá lavando tudo. A gente mesmo já pega rodinho e já vai ajudando ela. **Tem dia que você chega lá e ela não lavou nem a louça. Ela fala assim: “Ai fia, hoje é meu dia de fazer nada. Vamo fazer nada com a madrinha?”** (*sic*) E nós faz nada (*sic*). Fica lá, deitada. Então eu sou... Eu acho que... Eu peguei muito dessa parte que minha mãe sempre falou que era vagabundagem, preguiça da minha tia. Só que eu prefiro ser assim, sabe, do que ficar me desgastando, justamente por causa de muito problema que deu com o Luciano.

P: Você disse antes que vocês foram criados de forma diferente. Como assim?

Eu fui criada em um... Minha mãe sempre foi sozinha né? Teve três filhos e ela sempre foi sozinha. Então, sempre a tarefa em casa foi dividida, inclusive com meu irmão. Nunca a gente, menina – porque eu sou a do meio e tenho a minha irmã mais nova –, nunca a gente teve de fazer para ele. Sempre foi tudo dividido. E o meu irmão, por exemplo, [por]que eu fui criada com ele... Meu irmão, você não precisa falar o que é para fazer. Ele sabe, porque minha mãe criou ele assim. Minha mãe ensinou ele a lavar banheiro, ensinou ele a fazer comida, ensinou tudo. O Luciano é o terceiro filho... Só que, assim, o terceiro filho porque teve dois abortos. A mãe dele foi mãe muito mais velha. Então, ela foi aquela mãe que fazia tudo para ele. Eu acho que, se ele tivesse 18 anos e ela pudesse amassar a papinha e dar na boca, ela dava. Só que ela morreu e ele era muito novo. Ele tinha 21 anos mais ou menos quando ela faleceu. Aí, ele teve de aprender.

Quando a gente começou a namorar, ó o que ele fazia... Eu chegava e comecei a observar ele. Ele limpava a casa, mas, por exemplo, primeiro ele passava o pano para depois ele arrumar a cama. Então era assim: a casa dele era de taco na época. Ele passava o pano no taco e depois ele chacoalhava o lençol. Aí, eu que falei para ele: “Bem, se você fizer isso cai toda poeira, pelinho, cai tudo no chão de novo. Então, primeiro, você tem de arrumar a cama. Depois, você tem de tirar o pó dos móveis e passar o aspirador. Se você for varrer, primeiro você tem de varrer para depois limpar os móveis”. Fui fazendo assim. Só que ele é teimoso que nem uma porta. Ele é muito teimoso. Se ele encafifar que é daquele jeito, ele faz do jeito que falei na minha frente, [mas] longe de mim, ele faz diferente, ele faz de outro jeito. Aí, ele chega e fala assim para mim: “Ficou bom (*sic*) a casa?” Aí, eu falo assim: “Ficou”. Porque eu não me acho no direito de reclamar do jeito que ele limpou se eu não pude ajudar. Então, eu evito reclamar. Às vezes, eu reclamo, porque, às vezes, é mais forte que eu. Aí, ele fala assim: “Ai! Eu não fiz do jeito que você...”. Ele não fala com essas palavras, mas ele insinua que ele não fez do jeito que eu falei para ele fazer e deu certo. Produto... Produto de limpeza... Eu tenho de vigiar ele 24 horas por dia. O nosso banheiro, a gente pagou acho que 90 conto (*sic*) no metro do piso e agora tá poroso. Ele jura de pé junto que ele não passou produto no chão, mas eu tenho certeza que ele passou produto forte no chão, produto químico forte, sabe? Mas ele jura de pé junto que não foi ele, que ele não fez isso. Só que só naquele banheiro deu problema. E ele é cheio de querer passar produto, passar “Qboa”, passar uns negócio (*sic*), sabe? Lavar a cozinha... Eu tenho de sair o dia que ele resolve lavar. Enche dois dedos de água. A cozinha fica... E ele passa pano e

ele molha os armário (*sic*). Aquilo vai me dando bateadeira assim ó... Respinga o fogão de inox... E nada ele termina. Nada ele termina [risos]. Um dia, ele falou assim para mim: “Vem ver a lavanderia”. Ele tinha arrumado a lavanderia. ‘Tava linda. Nossa! Fiquei tão feliz [rindo muito]! Aí, deu uma semana de chuva. Hora que eu fui no fundo de casa, tem aquelas coisinhas de guardar gás, tinha uma bacia com um monte de pano e sapato que ele foi catando no meio da casa e pôs na bacia e largou lá. Embolorou tudo [risos], embolorou tudo, embolorou. E eu dando falta de um tênis, falei: “Cacete, onde ‘tá esse tênis?” O tênis na bacia, verde, porque choveu uma semana. Eu falei, “Luciano, que que é isso?” E ele: “Ah, o dia que limpei a lavanderia eu tirei, mas eu esqueci de pôr para lavar”. Eu falei: “Deus!”.

P: Por que você acha engraçado?

Não sei [risos]. Porque me deu tanto ódio na hora! Eu fiquei com vontade de me divorciar, juro por Deus! Naquele dia, fiquei com vontade de largar dele. Eu fiquei. Eu falei: “Eu ‘tou com vontade de ir embora. Eu ‘tou com vontade de catar as minhas malas e ir para casa da minha mãe até achar um canto para mim”. Meu Deus, como pode?

P: Como pode?

Como pode ser tão desligado? Não saber que é óbvio? Como pode não saber? Porque tem coisa que você até pensa: “Poxa, realmente ele não sabe que se misturar...” Por exemplo, macete que a gente aprende: para limpar a mesa de vidro passa água com vinagre e bicarbonato e, depois, passa um pano bem sequinho que fica brilhando. E, talvez, ele não saiba. Agora, gente, você não saber que limpar, organizar, não é você catar daqui e esconder lá... É óbvio, sabe? E ele parece criança, porque nós temos a (filha). Às vezes, eu falo para ele que é mais fácil explicar para a (filha) do que para ele. Ele me suga, me cansa mais do que ela. Eu falo assim: “Luciano, tem hora que eu desisto de você, porque parece que eu tenho dois filho (*sic*)”. Então, para mim, às vezes... Apesar dele (*sic*) querer muito ajudar, porque **ele, às vezes, é até um pouco invasivo de querer fazer, sabe? De querer fazer demais, demais, demais. Só que o jeito que faz, tem hora que falo: “Ai senhor, antes não tivesse feito”**. Roupa... Quanta blusinha minha encardiu, meia estragou, porque ele usa roupa antichama e tem velcro, e a roupa dele suja muito. Aí, eu explico: “Luciano, lavar roupa é assim ó: você cata tudo as nossas roupas, joga no chão. Aí, você separa o que é roupa branca, você separa o que é roupa escura, você separa o que é roupa de sair e você separa o que é roupa de serviço e vai lavando. A máquina tem ciclo. A máquina, você pode por pouquinho água, pode por mais água”. Não. Ele cata o cesto, ele joga. Hora que eu chego... Quanta blusinha branca perdi, porque encardiu lavando. Porque, aí, como tem a roupa dele de serviço, ele põe no pesado sujo, que fica aquele molho duas horas na coisa e eu não tenho como ficar vigiando, porque eu saio para trabalhar às 7:30h da manhã, venho meio-dia. Volto uma hora. Da (*sic*) meio-dia a uma hora eu tenho de almoçar, descansar entre aspas, ajudar a (filha) a fazer tarefa, dar atenção para a (filha). Aí, vou trabalhar. Aí, chego [às] 5h. Dez para seis estou pegando ônibus para faculdade. Chego onze e meia da noite, sabe? Tem coisa assim que não dá para ficar vigiando. Isso que eu falei para você, se for para mim (*sic*) ficar vigiando, eu prefiro fazer. Só que ele, nesse ímpeto de me ajudar – que eu sei que tem muita boa vontade de me ajudar –, ele atropela. Então, já falei mil vezes, falei: “Luciano, deixa a roupa que eu lavo de sábado”. Ai! Hora que eu chego já ‘tá lavada. Aí, eu tenho de relavar, ou tenho de usar suja, encardida, sabe? Não tem o que eu fazer. Só se eu matar.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Encheção de saco. Martírio ter de fazer aquilo. Martírio ter de fazer. Não gosto. Não gosto mesmo, de jeito nenhum! Eu gosto da casa limpa e, às vezes, eu nem consigo me entender porque já tentei pagar faxineira. Só que eu também não gosto da ideia de alguém mexer nas minhas coisas. Não gosto da ideia de uma pessoa entrando no meu quarto, de uma pessoa abrindo meu guarda-roupa, limpando, sabe, as minha papelada (*sic*). Tipo, nos meus papéis, não mexe. Eu sei onde ‘tá tudo. Eu olho na minha mesa assim e sei onde ‘tá tudo. A minha bagunça é organizada. Não mexe. E eu tentei, mas eu não consigo ter faxineira, não

consigo, sabe? **Uma pessoa vendo o que eu como, abrindo minha geladeira, sabendo o que tenho no meu armário, sabe? Não suporto, não consigo, me causa mais sofrimento do que ter de fazer. Causa mais sofrimento.** Às vezes, eu falo assim: “Ai, eu queria mudar de serviço”. Aí, eu brinco com o Luciano: “Se eu passar no concurso, vou botar uma faxineira”. Ele fala: “Você vai botar por um mês, porque a pessoa começou a fuçar na sua vida e você já não vai querer mais”, sabe? Não gosto, não gosto! Acho muito invasivo. Porque eu já fiz faxina. Lá atrás, eu já fui faxineira e sei que você vê muita coisa. Sem querer ver, você vê. Você querendo ser imparcial, você vê. Você sabe o que a pessoa come, você sabe se a pessoa transou porque tem coisa no lixo, você sabe tudo, sabe? Daí você fica: “Ai que droga! Não quero ter uma pessoa assim”. Eu não consigo, não consigo, de jeito nenhum.

APÊNDICE C – Entrevista – Andressa, 35 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Odeio. Preguiça. É... [silêncio] Não nasci pra isso, não gosto, detesto, odeio! **Tenho muita preguiça de fazer trabalho doméstico. Só faço o básico, sabe e aí... Tanto que, tipo agora em janeiro, me deu um negócio ruim assim porque ‘tava tendo de faxinar.** É uma coisa assim: tem de baixar um santo forte, e acontece muito raramente. Então, que que (sic) aconteceu: nesse janeiro, foi uma moça, que inclusive faz a limpeza do lugar onde trabalho. Chamei ela pra falar: “Olha... Preciso!” Porque minhas janelas estavam imundas... Fazia três anos que não ia ninguém me ajudar, então, acumulo e eu, sozinha, janela, nunca limpei. Então, foram três anos juntando poeira. ‘Tá construindo do lado de casa. Então, ‘tava argh! Agonia. Então, assim, pra eu arrumar a casa tem que ‘tá agonia, sabe? Quando chamo a faxineira, sinto até vergonha dela. O que eu mantenho é louça, roupa... E esses dias que estava chovendo, foi acumulando, acumulando. Então, assim, é meio caótico (sic), sabe, a situação. O Samuel às vezes dá aquela catança e eu mantenho esse básico para funcionar, mesmo, mas arrumação não é uma coisa assim, prioridade na vida. Então, é assim... Vai indo. Agora, uma coisa que é muito legal é, tipo, pelo menos uma vez por mês, a gente convida os amigos para jantar, para fazer alguma coisa e rola aquela maquiada, aquele “pá”, aquela revoluçãozinha. Mas, assim, acho ótimo quando alguém vai, porque, daí, meio que pode, é um motivo. Tipo: “Nossa, né, vamos dar uma organizada na bagunça”.

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

[Respiração profunda e longa] Então... Eu acabo sempre com a questão da louça e da roupa... É... E faço o almoço, porque o Samuel trabalha em horário normal. Eu, como trabalho alguns períodos em alguns dias da semana, eu acabo ficando responsável, mas eu não me responsabilizo, entende? Assim: eu faço... Funciona. Eu faço. Funciona, mas não sou aquela pessoa que vai deixar sempre limpinho, organizado, como é a maioria, imagino, não sei, das pessoas. Parte dele... [silêncio] Parte dele tinha quando, esses tempos atrás abandonaram, uma cachorra lá em casa, e a gente ficou limpando tudo. Ele tinha ficado responsável pela limpeza da garagem. Ali, que era onde ela ficava... É... Diria assim, a maioria das vezes, tipo 60%, foi ele que limpou ali, ele manteve organizado. Ele mantém o escritório mais organizado. [Da casa?] É, que é onde ele fica trabalhando mais assim. Isso. Acho que ele mantém o escritório... É... E **quando vai algum amigo, daí ele super ajuda.** Às vezes, ele faz comida também... [pausa] É. Comida também. Mas não é sempre.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Ai! **Me vejo... Muito, muito falha. Assim, meio bosta sabe? Meio incapaz assim. Não!... Não!... Né? Tenho uma grande resistência.** Grande resistência. Acho, também, porque... Ah, não é por causa disso, não. É porque não gosto mesmo. Mesmo! Mas, assim, desde pequena eu sempre tive empregada doméstica em casa. Então, nunca tive que fazer nada. E, aí, quando morei sozinha, na época de faculdade, era uma bagunça, mas organizada, eu acho... Eu acho, eu acho que era uma bagunça mais organizada na época. Porque era sozinha que eu morava. Então, às vezes, eu jogava água de cima em baixo, jogava os baldão (sic) e já saía de cima. Era tipo um sobradinho e já ia descendo as escadas e, de lá, já ia embora. Então, era gostoso fazer isso de vez em quando. Eu gostava de fazer isso. Na casa [em] que eu moro agora, é piso de taco, então, meu! Não dá! Ainda que, em novembro, a gente deu uma reformada, porque antes ficava tudo solto e tal. Aí, tinha que... Pra limpar... Também acho que isso colaborava com a minha irritação na hora de limpar, porque tinha que passar de fresta por fresta, aspirador. Isso [respiração profunda] tinha que ter muito saco. Então, por isso. E a casa, como é antiga, sabe, aquele... taco, eu amo, acho lindo. Mas a parte do fundo assim, que é tipo a copa, cozinha, banheiro, ela é toda escura, aqueles azulejos escuros. Então, dá uma sensação muito ruim assim. Então! Ah, com o tempo, reformaremos o ambiente.

P: Como você vê seu parceiro diante do trabalho doméstico?

Olha, lá em casa, somos todos muito bagunceiros, né? Eu vejo assim: eu entendo que ele trabalha o dia inteiro e tudo, mas, assim, às vezes, ele reclama, já que eu seria a responsável [faz aspas com as mãos] pela casa. Aí, ele reclama que ‘tá bagunçado. Eu falo: “Meu! Então pega”. Então, eu acho ele meio... também... deixando a desejar, sabe, nesse sentido aí de arrumar a casa. Afazeres domésticos em casa, nós dois deixamos a desejar, sabe? Me irrita! **Nossa! Quando fala:** “Pega alguma coisa” ou **“Porque que ‘tá lá ainda?”** **Nossa! Me irrita!** Sobe o sangue assim, sabe? **Assim... Já que você ‘tá falando, já que ‘tá te incomodando, faça! Hora que tiver (sic) me incomodando, eu faço. Não. Mas ele faz isso e eu fico brava. Quando ele faz, eu sinto que é responsabilidade minha, mas, ao mesmo tempo, me irrita muito ser cobrada disso, porque... Eu acho que é responsabilidade minha, mas, ao mesmo tempo, eu me isento de certas responsabilidades, sabe? É responsabilidade minha por conta do tempo. Por eu ter mais tempo, eu deveria zelar mais... já que tenho tempo, né, então, nesse sentido. Mas me isento, porque não sou obrigada.**

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e seu parceiro?

É! Então, de tempos em tempos, quando a coisa fica muito caótica, vem o “precisamos”. Daí, a gente faz os combinados, mas nunca se cumpre, né? Vai passando um dia e outro e nunca se cumpre. Mas os combinados, geralmente assim: “Ah, eu vou tirar a roupa e colocar em determinado lugar”, por exemplo, e acaba não acontecendo, sabe? A roupa vai ficar em cima da cama, ou vai ficar em cima de alguma coisa que não era lá. Geralmente, os combinados são sobre colocar as coisas nos lugar (sic) das coisas. E, geralmente, são as roupas, né? Sapatos... Mas acabam ficando na sala, na copa. Chega do trabalho, tira a camiseta e põe na cadeira que tá na copa, e ali fica. Vai tomar banho, tira a roupa e pendura. Isso me mata! Pendura a camiseta no lugar da toalinha de rosto... Não! Sabe, assim? Isso nãooooo!

P: Gera conflito?

Olha! É que, assim... Às vezes, sim... Depende, acho, que da época do mês meu. Tipo, agora eu ando atacada, irritada. Então, eu não ‘tou numa fase boa. **Mas, geralmente, eu levo no humor, sabe?** Com um certo humor, porque **senão fica muito insuportável.** Eu tento ser bem-humorada. Mas, **às vezes, eu sei que sou bem grossa,** eu sou, também porque é muito irritante. E não que eu não faça, entendeu? **Porque, daí, às vezes, eu relevo até porque eu... Sei lá o que eu também costumo fazer...** Eu tenho um cesto de roupa suja que fica no quarto e que eu costumo deixar em cima. Em vez de abrir a tampa e por dentro, eu deixo em cima. Lá é o meu, **mas eu sinto que o meu é mais focado, sabe, ali. E não é espalhado pela casa.** Então, às vezes isso me irrita. Fora a manta do sofá que vai caindo, e fica lá “dispingolada” (sic), sabe, assim, essas coisas. Às vezes, eu olho e meio que abstraio. Teve uma época [em] que eu comecei a tirar foto e olhar para foto, porque era mais chocante olhar para foto do que para realidade. Olha que louco! **Daí, eu brigo um pouquinho... Quando fico assim, eu brigo um pouquinho... Levo no humor um tempão, mas, daí... Ai! Não dá mais! Brigo, e tudo se ajeita por um tempo.**

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Na minha família tem empregada doméstica até hoje. E, aí, minha mãe fica responsável pela papelada, que, daí, é uma montanha toda vez. Papelada de banco, de coisas assim que vai chegando e vai se acumulando. Aí, ela sempre fala que tem que arrumar também. Minha mãe é um pouco acumuladora. Então, tem muito cacareco em casa, e sempre ela fala: “Ai, preciso arrumar!”. E ‘tá sempre arrumando, mas nunca ‘tá arrumado também, nesse sentido de tirar o excesso. Meu pai gosta de fazer o churrasco, mas eu nunca vi ele lavar um copo na vida. Só, assim, na hora do churrasco, se tiver de passar uma água na faca... É o máximo que vi ele fazendo. Nunca vi ele fazer nada. Meu pai é descendente de japonês. Na casa do meu ‘vô e da minha ‘vó, também é só minha vó que fica responsável pelos afazeres domésticos. Mas, agora que ela ‘tá mais velha, ‘tá com 84 anos, tem uma faxineira que vai uma vez por semana. Mas é bem caótica a casa dos meus avós, e

moramos com eles por uns quatro ou cinco anos na minha infância. Eles fazem feira, eles vendem abacaxi, melancia, amendoim e coisas assim. E eles torram na casa deles. Então, assim, é muita bagunça. E é muito... Sabe aquele tipo de japonês? Tem uns tipos de japonês de “cacareto” (*sic*), que vai juntando umas velharias, umas coisas. Eles são desse tipo. Eles são pessoas simples, sempre foram. Na casa com meus pais... Éramos três irmãos e, de final de semana, às vezes, rolava de a gente ter de lavar uma louça. Se fosse gente em casa, arrumar a cama. Só assim. Não tinha nenhuma coisa fixa. Porque, assim, acordava de manhã, ia para escola e já tinha empregada ali. Era muito esporádico ter de fazer alguma coisa. Não tinha uma faxina, nunca teve. A gente cresceu muito assim, sem ter que fazer nada.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Não quero. Meu sonho de consumo é poder pagar alguém para ir uma vez por semana em casa, me ajudar. Demoro para chamar e, quando chamo, sinto vergonha. Gosto de manter assim... Até sinto prazer de varrer uma calçada. **Às vezes, consigo ter prazer lavando uma louça, porque geralmente ‘tou sozinha em casa quando faço isso.** Então, para mim, é até um momento gostosinho. Mas tirar poeira, varrer, passar pano, já não. É isso! Não dá!

APÊNDICE D – Entrevista – Rose, 37 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Cansaço. Muito cansaço! Trabalho doméstico me cansa, me cansa pra caramba!

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Sim.

P: De que tipo?

Aí ele ajuda muito. **O Sérgio me ajuda muito.** Graças a Deus! Ele me ajuda com o (filho). Se precisar fazer uma janta, ele faz. Ele se vira em tudo. [longo silêncio] Eu tento até não folgar. **Eu tento ajudar bastante em tudo que eu posso.** Mas, às vezes, eu vou chegar mais tarde, como, por exemplo, de terça, que chego mais tarde e ele, às vezes, já está com a janta pronta. Mercado, eu procuro fazer, mas, quando eu não consigo, ele entende e ele faz. Banho no (filho), ultimamente, ele quem dá. Então, assim, ele me ajuda bastante, sim. Todo o resto é dos dois.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Como eu me vejo... Ai, eu falo que a gente nasce, cresce, lava a louça, lava a louça e morre, sabe? Porque, toda hora que olho para minha casa, ela está bagunçada. Não sei se... Ah... Não acho que é só o (filho). 'Tadinho, ele é criança. E ele bagunça o espaço dele, que é o espaço de... Onde ele joga o brinquedo todo. Então, você entra e a casa está bagunçada sempre. Mas ele é bonzinho. Você pede para ele arrumar, ele arruma. Então, ele ajuda também na parte dele. É que, às vezes, fica alguma coisa. Aí, que nem esses dias, a gente lavou roupa... Aí, eu vou sair e eu não deixo lá fora. Coloco em uns varalzinho (*sic*) para dentro. Daí, fica tudo bagunçado. Então, **a impressão que eu tenho sempre é que eu 'tou sempre bagunçada. A casa, sabe? Isso tem incomodado bastante eu e o Sérgio.** A gente fala: "Ah, talvez, se tivesse uma área de serviço diferente, não precisava ficar essa bagunça aqui". Então, eu vejo assim: o serviço doméstico meio que... Parece que não damos conta total do negócio, sabe? Eu lavo a louça e, depois, quando você vai ver, já tem a louça de novo. Aí, eu não sei...

P: Como você vê seu parceiro diante do trabalho doméstico?

Eu acho que ele é mais organizado que eu. Mas, ao mesmo tempo, ele é mais desesperado do que eu, porque eu consigo olhar para o que eu fiz: eu lavei três, quatro máquinas, não sei quantas roupas. E ele vê pela bagunça que ficou o ambiente, entendeu? Acho que eu consigo ver que a coisa 'tá andando e 'tamo (*sic*) fazendo e... Até que chega uma hora que organiza. Ele, nesse momento de fazer, que ainda está fora de ordem, ele fica nervoso. Ele estressa mais do que eu. Ele é mais organizado, mais ordeiro do que eu. Eu já sou mais bagunceira, então, vai.

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e seu parceiro?

Sim.

P: Gera conflito?

Não gera conflito, mas eu peço, bem assim: "Ah, eu vou lavar a louça, você..." Mais é dele olhar o (filho) para mim, ou "O (filho) pediu para jogar esse jogo, você joga o jogo com ele para eu fazer tal coisa". É... Que nem agora, né, que eu 'tou grávida e vou estender a roupa: "Para eu não fazer cinco viagens e ir buscar um pouco e trazer, buscar um pouco e trazer, você traz lá pra para mim que eu vou estender". Ele traz. Eu não deixo muito ele lavar a louça porque dói (*sic*) as costas dele. Então, eu evito ao máximo ele fazer isso, esse tipo de trabalho doméstico. E a casa, a gente tem agora uma pessoa que ajuda uma vez na semana, porque ela ia a cada 15 dias, agora vai uma vez na semana. Ela passa e dá uma faxinada na casa. Aí, eu lavo a roupa e cuido do resto. Então, é um assunto quando peço ajuda e quando assim: "**O que podemos fazer para não ficar trabalhando na casa no final de semana?**", "**Ai, tem que... Puxa! Tem que lavar roupa! Mas tem que ser de**

sábado e domingo? **Não teria como ser outro dia para gente poder descansar o fim de semana? Será que tem como a gente programar para fazer isso e descansar quando tem que descansar? Senão, a gente só fica trabalhando o fim de semana inteiro.”** Porque, às vezes, dá impressão disso também.

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Era minha mãe quem fazia tudo, porque, quando a gente... Quando ela casou e teve os filhos... Logo, já em seguida, ela casou e teve filho e ela parou de trabalhar fora. Então, era só ela que fazia tudo. Tudo era ela quem fazia: cuidava das crianças, cuidava da casa. Meu pai trabalhava fora, sabe? Bem aquilo, estilo de antigamente mesmo. Bem daquela época.

P: E os filhos?

Ah, depois que era um pouco maior, ela pedia para arrumar a cama, pedia para lavar uma louça, mas, também, se a gente desse uma perdida, ela fazia, sabe? Mas minha mãe sempre foi bacana, sempre foi boazinha assim. Às vezes, ela pedia: “Ah, arruma sua cama quando levantar”. É... “Ah, vem aqui, eu vou lavando e você vai enxaguando os pratos”. Eu sei fazer, ela me ensinou a fazer.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Ai, acho que o cansaço mesmo. Cansaço. Eu fico cansada, porque eu não sou rápida. Eu demoro para fazer as coisas. Então, que nem, pegar uma louça e lavar para mim não é dez minutos. É meia hora, sabe? Demoro. **Às vezes, eu olho e falo: “Nossa! Vou ficar de manhã aqui em casa, vai dar para organizar tudo”. Eu não organizo metade.** Então, isso, acho, que me cansa mais, não conseguir dar conta do negócio. Eu realmente acho uma coisa trabalhosa, cansativa, desgastante. **Eu faço o que eu tenho de fazer.** Eu faço. Tem de fazer, eu vou e faço. Mas eu acho cansativo.

APÊNDICE E – Entrevista – Carmem, 39 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

[Longo silêncio] Tempo. [silêncio]. Tem de fazer!

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Sim

P: De que tipo?

Eu já tentei fazer umas... Estabelecer mais sistematicamente, por dia, eu e meu marido, né? Mas não deu certo porque ele não seguiu. Mas ele é... Sempre que ele pode, ele vem pra ajudar. Então, 'tá lavando uma louça, ele vai guardando. **Se, de repente, eu não conseguir dar conta de começar a fazer a janta ou o almoço, se ele 'tá disponível, ele vai e começa. Se ele tem também disposição naquele dia, ele vai lá e arruma as camas.** Ele sai para atender o trabalho dele... Fica fora mais tempo que eu e, aí, eu faço. Mais ou menos isso. Tem coisa [em] que ele não põe a mão. Tem coisa que é pré-estabelecido (*sic*) que é minha função. E tem coisa [em] que eu também não ponho a mão, mas que tem a ver com a profissão dele. É isso!

P: Coisa pré-estabelecida como sua função?

É. Lavar banheiro.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Como me vejo... Como me vejo... Me vejo, às vezes, eficiente, às vezes, não. Porque é... Porque é... Quando eu 'tou bem, bem disposta, e as coisas estão correndo bem naquele dia... E isso varia, talvez de acordo com a lua, não sei, ciclo menstrual, sei lá o que é... Eu vejo que eu tenho... É... Eu rendo. Então, eu começo a fazer o trabalho e rapidinho eu dou conta de tudo e termino. Tem dias que não. Então, é... Como eu me vejo na frente (*sic*) do trabalho? **Eu me vejo, às vezes, instável. Uma instabilidade de que (*sic*), às vezes, eu termino rápido, consigo dar conta e, algumas vezes, não. Vou fazendo toda enrolada.**

P: Como você vê seu parceiro diante do trabalho doméstico?

[Longo silêncio] Vejo que é difícil para ele. Não é uma coisa tranquila. Ele faz mais porque tem de fazer e, às vezes, pesa bastante pra ele.

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e seu parceiro?

Sim. Às vezes no meio de estresse, né?

P: Gera conflito?

Já gerou bastante. Agora, está mais tranquilo.

P: Que tipo de conflito?

É... [silêncio] De sobrecargas mesmo. Então... É... Se... É... Se... Se a casa 'tá arrumada... Temos duas crianças, né? E elas já fazem bagunça suficiente, mas, às vezes, é... Ele poderia ter colaborado não deixando algumas coisas por cima. Guardando no lugar. É... É... Às vezes, é de tomar alguma atitude, fazer algo, é aí que gerava mais conflito antigamente. **Agora, parece que 'tá mais tranquilo. Ele 'tá mais colaborativo, mas eu também estou mais flexível. Não estou tão inflexível em relação ao trabalho doméstico.**

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Me lembro que meus pais trabalhavam fora. É... Mas tinha algumas coisas que eram função do meu pai, meio pré-estabelecido (*sic*). Era função do meu pai e algumas era função da minha mãe. É... E algumas, minhas. Eu me lembro desde muito pequena eu fazendo algumas coisas, assim, de função doméstica, assim, para a filha mais velha. Eu sou a filha mais velha. Então, minha mãe, por exemplo, não ia ao mercado de jeito nenhum. Quem ia ao mercado era meu pai. Meu pai era quem fazia o café da manhã. Minha mãe não fazia o café da manhã de jeito nenhum. Não que ela negasse, mas porque sempre foi assim. Desde

que me conheço por gente, mau pai faz o café da manhã. É... Ele se dispõe também a fazer o almoço, e ela, às vezes, também. Então, isso aí já não é muito bem dividido. Lavar o carro era meu pai. Limpar, às vezes, o quintal [também]. E, aí, eu me vejo sempre nesse meio, porque **eu fazia também as coisas e sentia muito peso nisso**, nesse sentido assim, **porque minha mãe saía para trabalhar e eu e meu irmão ficávamos pequenos em casa. E, aí, eu tinha de deixar a casa limpa. E, aí, eu ficava querendo brincar, mas eu não podia. E eu sentia toda aquela... aquela... Aquele peso de ter de ficar limpando a casa.** Minha mãe já conta que eu ficava o dia inteiro para varrer uma casa... É... Então, ela chegava à noite e eu 'tava lá ainda limpando a casa e... Eu lembro de eu pequenininha, em cima do banco, fazendo feijão, e ela diz que não. Mas eu me lembro que eu fazia feijão. Mas não sei dizer pra você. Eu lembro que, depois de um tempo, eu que era responsável pelo almoço mesmo. Se não tinha mistura, eu ia no mercado, que era pertinho, pegava mistura e comprava. Fazia. Então... Eu sempre ajudava na faxina, ou eu fazia a faxina, quer dizer, eu achava que eu fazia, né? Porque minha mãe diz que não. Então, eu não sei. Era sempre essa divisão assim, e eu me vejo bem participante desse processo todo. Já meu irmão, não. **Meu irmão nem ligava para essas coisas. Eu ficava bem brava com isso. Ele não era cobrado, quem cobrava ele era eu. Eu era cobrada por ser mais velha e mulher.**

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

[Silêncio] Se a gente for ver, com todo esse histórico, né, eu acho que talvez: peso! É... Algo infundável, que não tem fim. **Você está fazendo aqui, está sujando lá. Quando está sujando lá, está fazendo aqui. É isso!**

APÊNDICE F – Entrevista – Laura, 45 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Trabalho doméstico para mim é limpar a casa, lavar roupa, passar roupa, fazer comida... Isso tudo para mim é trabalho doméstico... Cuidar das crianças.

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Tem

P: De que tipo?

Na realidade, hoje, mais fica para o Raul do que pra mim, porque eu trabalho de segunda a sábado. Meu horário de trabalho no sábado é até 1h da tarde. Então, eu chego já quase 2h da tarde. E eu chego já está praticamente tudo limpo. **O horário dele é mais flexível. Ele sai mais cedo do trabalho, trabalha de segunda a sexta. Como é mais flexível, então, para me manter menos cansada, ele acaba optando por fazer tudo sozinho, a faxina geral.** Da minha parte, sobra roupa para lavar, para passar e, aí, cuidar das coisas das crianças, que é material escolar, escola, tarefa. Apesar [de] que ele ajuda também, durante a semana, com as tarefas das crianças, né? A gente divide a tarefa da criança: matemática e geografia é com ele, português... Então, assim, as matérias que a gente tem mais facilidade, a gente acaba dividindo para dar o apoio. Mas a gente... Hoje, hoje, mais ele, por conta do trabalho.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Odeio! Detesto trabalho doméstico. Detesto. Detesto, detesto, detesto! Não gosto de fazer nada. Eu faço na marra. Detesto, detesto. Tenho paúra, não gosto, sou **desorganizada dentro da minha casa**. Mas, também, **quando eu pego para organizar, sou aquela louca que começa de manhã e vai terminar de madrugada. Aquela louca... Mas é difícil eu ter essa loucura também. Mas eu não gosto. Detesto trabalho de casa. Faço na marra.**

P: Como você vê seu parceiro diante do trabalho doméstico?

Eu acho que ele leva mais de boa do que eu. Ele leva mais de boa do que eu, porque nunca vi ele ficar reclamando. Eu chego em casa, ele já limpou. Nunca escutei ele ficar reclamando. Às vezes... Várias e várias vezes, durante a semana, eu vou dormir e ele está lavando louça. Eu chego para almoçar, o almoço já está quente, ou ele já almoçou. Se ele já almoçou, ele está lavando a louça do almoço. Hoje, a gente está ensinando as crianças para estar lavando a louça, para estar ajudando também. As crianças estão participando mais também. Mas, eu... Pelo menos para mim, diretamente, ele nunca reclamou de "Ai, não aguento mais. Você não faz nada!". Nunca. Nunca falou nada desse tipo.

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e seu parceiro?

A divisão de tarefas é uma coisa meio natural que acontece em casa. A gente nunca entrou em acordo... Às vezes rola uns estressezinhos tipo: "ai, eu fiz isso, você podia ter feito aquilo"... Muito raro, muito raro. A gente meio que sabe a função do outro lá dentro, vamos dizer assim, né?

P: Gera conflito?

Eu acho que eu sou mais chata de ficar cobrando mais dele do que ele de mim. Na realidade, acho que eu: "Pô! Eu fiz isso e você não fez nada! Vamo (*sic*) levantar, vamo (*sic*) fazer não sei o quê". Esses dias mesmo, ele falou assim: "Eu não faço nada?!? Puta que pariu!" [risos]. Então, eu sou mais a chata, né, do que ele. Ele leva mais de boa. Só se não estiver levando, né? De repente, na cabeça dele, não está levando. Não vejo nenhum tipo de reclamação desse tipo. **Eu fico preocupada, porque ele faz muito dentro de casa. Ele faz demais. Então, eu tenho esse tipo de preocupação: "será que estou falhando em algum momento?"**. Tenho a preocupação de estar falhando nesse momento, de não estar sendo, como posso dizer... A pessoa que ele espera que eu seja, entendeu? Então, eu acho

que... Não sei, então... E a gente nunca conversou sobre isso também. Nunca cheguei a perguntar. Também vou chegar e perguntar: “Viu, tá rolando algum estresse?”. Porque como ele nunca falou... **Mas eu tenho isso na minha cabeça: “Será que eu sou a pessoa que ele escolheu? Que ele ‘tá pensando que é da vida dele?” Então, na minha cabeça neurótica, existe isso.** É uma coisa minha. Às vezes, sinto que ele está meio estressado, ele ‘tá meio nervoso. Daí, você tem de dar um tratinho, né? Você dá um agrado. Pronto, assim fica bom de novo [risos]. É mais ou menos assim que a gente vai levando [risos].

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Era tudo... É... Na época da minha ‘vó... Vou falar da época dos meus avós. A mulher sempre fazia tudo. Meu avô era o primeiro a sentar na mesa (*sic*). A primeira comida era ele que pegava. Minha avó era a última a comer. Isso a gente via quando a gente ia para casa do meu avô. Então, sempre meu avô foi o chefe. Então, tudo de bom e de melhor era para ele, e minha avó sempre cuidou dos afazeres.

P: Avô materno ou paterno?

Materno. Não tive muito contato com meu avô paterno.

Já com a minha mãe, meu pai ajudava um pouco nos finais de semana. Mas eu via que o mais pesado, realmente, ela era que fazia, porque ele também trabalhava no sábado, né? Quando ele voltou, quando ele passou a ser representante comercial, que ele trabalhava de segunda a sexta, no sábado, ele ajudava em casa. Mas, quando ele ‘tava no comércio e ele trabalhava no sábado, era tudo minha mãe.

P: E, para vocês, era passada alguma coisa?

Sempre. A gente tinha as nossas tarefas. Então, era uma semana eu, na outra semana, o meu irmão que lavava louça. Minha mãe também trabalhava. Minha mãe estudava. Então, a comida a gente fazia em casa. Os dois trabalhavam, mas a casa era dela, porque ela era professora e trabalhava de segunda a sexta. E a gente sempre estabeleceu de fazer a faxina no sábado. Mas, durante a semana, a organização da casa era tudo por conta dela... Mesmo os dois estando trabalhando, a organização era toda por conta dela, e a gente tinha as nossas tarefas, né? Então, cada um cuidava do seu quarto... É... Lavar louça, esquentar comida, enfim... Ela deixava a comida pronta, a gente fazia só um arrozinho, coisinha básica, mas o mais pesado ela deixava pronto, para a gente só esquentar. Eu e meu irmão, a gente se revezava, porque dava briga, né? Imagina. Dois anos e meio de diferença um do outro, você acha que não dava um pau? Ichi! Dava a “mor” guerra. Então, a gente se revezava. Só que minha mãe era muito chata. **Acho que por isso que eu peguei paúra de limpeza, porque minha mãe era muito chata, minha mãe era muito sistemática.** Então, eu odiava, sabe, aqueles balcão (*sic*) cheio de toalha. Não tenho toalha na minha casa. **Aquelas estantes cheio (*sic*) de bibelozinhos (*sic*) que junta um monte de poeira, não tenho nada disso. Eu detesto essas coisas, porque tinha um ódio que me dava de limpar aquilo. Dava um “nervo”.** E eu peguei uma época, também, depois que eu já ‘tava moça, que **meu irmão engravidou a minha ex-cunhada e vieram morar com a gente e com o nenê.** Então, meu irmão trabalhava, minha mãe trabalhava, meu pai trabalhava, minha cunhada trabalhava e o nenê quem cuidava era eu. **Então, eu cuidava de toda a casa, cuidava do bebê, e na época não era fralda descartável que tinha em casa, era fralda de pano. Então, eu peguei um ódio tremendo por ser dona de casa. Desde muito nova, eu tinha uma responsabilidade que não era minha.** Eu cuidava de uma casa, com um monte de gente, cuidava de uma criança que não era minha.

P: Quantos anos você tinha?

Eu tinha 15,16 anos. Era moleque, queria passear, queria me divertir. Eu acordava 5:30h da manhã para dar conta de limpar a casa, porque à tarde... Meu pai abriu uma tapeçaria pro meu irmão, em outra cidade... Então, eu acordava 5:30h da manhã, eu dava conta da casa, cuidava da nenê. Minha mãe dava aula de manhã. Aí, minha mãe chegava para o almoço, o almoço estava pronto, eu almoçava e ia para “outra cidade”, para a tapeçaria ajudar o meu irmão na parte administrativa da tapeçaria. Acabava o expediente lá, eu voltava para “minha cidade” e ia para faculdade. Eu saía da faculdade 23:30h, para, no outro dia, começar a 5:30h da manhã de novo. Então, ‘tava tendo uma responsabilidade que não era minha.

Então, fui ficando muito cansada e foi onde eu peguei um ódio mortal mesmo de ser dona de casa, né? Tanto que quando eu conheci o Raul... É... Eu já deixei bem claro o jeito que eu era. Eu já deixei bem claro. E a mãe dele ainda falou para mim uma vez – eu lembro perfeitamente – ela falou assim: “Ah, porque o Raul não come carne congelada, tá?” E eu falei assim: “Pode não comer na sua casa, mas na dele, na minha, ele vai comer. Ou ele vai comer carne congelada ou ele vai todo dia no açougue buscar carne, porque eu não vou”. Então, assim, desde o começo, ele já sabia onde ele estava se enfiando, ele já sabia qual era o naipe do negócio, né? Porque eu tive muito lá atrás, minha mãe me... Nossa! Tive muitos problemas com a minha mãe. Minha mãe, de sábado, se eu queria dormir, ela ligava o som alto e batia na porta, abria a porta, arrancava a roupa de cama para eu acordar cedo. Não podia dormir até tarde. Então, assim, quando eu tiver a minha casa, vai ser do meu jeito, vou limpar na hora que eu tiver vontade, vou fazer as coisas na hora que eu quiser, vai ter em cima do balcão o que eu quiser, toalhinha não vai existir mais. Porque eu sofri muito, muita pressão, minha mãe pegava muito pesado nessa parte.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Tudo isso: lavar, passar, cozinhar, limpar, cuidar dos filhos... É... É... Sofrido. É sofrimento para mim. Detesto fazer trabalho de casa. É sofrimento.

APÊNDICE G – Entrevista – Samuel, 36 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

É cansaço, é trabalho extra.

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Existe.

P: De que tipo?

[Aparenta responder pensativa e concentradamente.]

Agora, assim, como tenho pouco tempo livre... O tipo que cada um faz, né? Humm... agora que tenho pouco tempo livre, tenho ajudado menos, né? Mas nem sempre foi assim. No começo do casamento, era bem mais ativo porque [gagueja], logo no começo, perdi o emprego. Então, em casa, eu fazia bastante coisa enquanto a Andressa trabalhava. Então... Eu tinha mais tempo, participava bem mais. Agora, assim, tenho trabalho... Que chego em casa e ainda tenho que fazer os trabalhos extras também. Então, sobra tempo ou sobra pouco. Resta fim de semana assim, digo, para fazer, para ajudar, tipo uma faxina, arrumação da casa. Mas, arrumação da casa, faço durante semana também. Mas... É. Faxina, deixo para os fins de semana por causa da correria.

Tem uma parte que é dela. Por exemplo, nunca foi estipulado, mas é [pensativo]: lavar louça, assim, sempre ela acaba fazendo por conta que termino de almoçar e já tenho que sair correndo, porque meu horário de almoço é muito curto. Então, a louça acaba ficando para ela, e colocar as roupas na máquina também para ela... Por conta de ficar algumas tardes em casa, ela faz isso. Mais a arrumação da casa assim, colocar em ordem, recolher coisa que tá caído (*sic*)... Então, é mais é isso.

Porque tenho trabalhado oito horas na empresa e, chegando à noite em casa, eu, às vezes, tenho que continuar trabalhando com coisa assim, então, extra. Às vezes, pego uns *freelance*. Daí, não tem como fazer serviço em casa... Então, acabo não participando tanto mais, agora, nesse momento, assim.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Hoje me vejo menos participativo... Hoje... Mas, antes, eu era bem mais, bem mais ativo.

P: Como você vê sua parceira diante do trabalho doméstico?

Hoje, ela 'tá bem mais participativa. Acho que... Hoje, 'tou bem mais organizado do que sempre fui, né? 'Tou com uns... Acho que 'tou até meio com TOC em ver as coisas meio desorganizadas. Então, vou e arrumo. **Dou mais importância para casa arrumada do que ela.** Os períodos [em] que ela fica em casa, então, a gente divide. Como algumas tarde ela fica com o (filho), ela acaba tendo as coisas dela pra fazer em casa, e, quando chego, dou mais importância para arrumação da casa, para não ficar tão bagunçado... Tirar as coisas que estão caindo nos cômodos.

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e sua parceira?

[Silêncio] Eu vejo que não, não muito. Não falamos disso.

P: Gera conflito?

Às vezes, numa discussão, sim... Mas, no termo geral, não. Às vezes, quando ela esquece de colocar a roupas para lavar, sim... Mas acho que é bem pouco...

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Sempre minha mãe. Minha mãe não trabalhava. Meu pai era mesma coisa, chegava em casa e continuava trabalhando. Era advogado e administrador. Então, chegava em casa e continuava trabalhando. Minha mãe não trabalhava fora de casa, então ficava pra ela... Mas tinha empregada também pra ajudar.

P: Ela ensinava os filhos?

Não. Bem pouco. Ela assumia.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Ah! Acho que continuo... **Tem que penar, né?** Depois que você trabalha, você chega cansado e tem que fazer. No final de semana, hora que você queria descansar também. Acho que... Então, acho meio que cansativo.

APÊNDICE H – Entrevista – Luciano, 39 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Faxina... Faxina. Assim, acho que todos os afazeres: cozinhar, lavar, passar “geralção”. Tudo que é limpeza, comida e tudo isso. É isso!

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Tem. Tem divisões de tarefas, mas, assim... É... A gente, eu e a Célia, tem um acordo. Eu costumo falar assim para o pessoal que pergunta “Ah, mas você que faz tudo?”: **‘Tou acostumado a fazer tudo, porque perdi meu pai e minha mãe já tem um certo tempo e fiquei sozinho e sou filho único e fazia tudo que tinha que fazer dentro da casa.** Lógico que não fica aquela maravilha como se fosse uma faxineira profissional, mas vai levando.

Então, meu combinado com ela é assim: estuda e deixa o resto para mim. Ela briga comigo, às vezes, porque não fica bom, mas a gente leva assim. **Quando ela ‘tá sem tempo, que nem agora, ela ‘tá estudando para concurso, então, ela ‘tá mais sem tempo ainda, então me viro mais um pouco.** Ela faz, me ajuda a cozinhar, ajuda a lavar, a passar. E a (filha), ela tem as obrigaçõezinhas dela assim... pequenas, mas para a idade dela. Por exemplo, ela arrumou um cachorrinho... Falei: “então o cachorro é seu e você vai se virar”. Então, a limpeza do quintal, ela pega a sacolinha recolhe tudo. E “agora você vai começar a tirar a mesa”. Então, a gente come e já levanta e sai limpando. Ela tira, põe na pia. Aí, esses dias, falei para ela: “você raspa o prato senão junta formiga. Essas coiseras, (sic) raspa numa sacolinha, amarra, ou raspa e coloque pra aquele cachorro lá, você que vê”. E ela faz. As roupas delas, eu estendo no varal. Eu tiro, minha e da Célia, levo pro quarto dela (filha), coloco em cima da cama lá, de propósito, pra ela dobrar e guardar. Passar não, mas dobrar e guardar. Acho que deve ser assim... É... Um pouco de cada um, e assim vai.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Não me importo. Não me importo nem um pouco... Não importo. **Queria fazer melhor,** mas não importo. **Me vejo normal. Acho tem que ser dividido porque os dois trabalham.** Ela é carteiraira, e o serviço dela é terrível. O meu é eletricitista industrial. Então, pra mim, o que eu tenho que andar por dia, emagreci 14 kg em dois meses pra você ter uma ideia. Pessoal que trabalha em setor é uma coisa. Agora, a gente que trabalha na manutenção cobre todos os setores e a gente anda muito dentro da usina. Muita escada. Então você “camela”. Às vezes, eu chego cansado também. É duro, né? Arrumar cozinha ou... [gesto de dúvida com ambas as mãos] arrumar!

P: Como você vê sua parceira diante do trabalho doméstico?

Ela? **Para ser sincero ela é preguiçosa, é bem preguiçosa. Às vezes, tem que ter uma briga pra ela dar uma acordada, sabe?** Acho ela bem preguiçosa, e ela admite. Ela vai dizer pra você: “Sou preguiçosa”. Ela é preguiçosa para isso, mas ela faz. Agora, prefiro que ela nem faça. Vai estudar e fica lá, eu falo, se tranca lá no quarto que eu dou sossego.

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e sua parceira?

Sim, sim. Quando [pensando] ela não está estudando: “Ah! você faz isso, eu vou lavar roupa”, ou, “Quando você põe a roupa para lavar, eu vou fazer a comida”, por exemplo. Hoje é assim: “Ah, amanhã vou estender a roupa e você vai fazer outra coisa”. Então, é na hora, assim, que a gente divide e faz cada um, um pouco.

P: Gera conflito?

Já gerou... Já gerou por cansaço, porque tem dia que ela sai mais cedo do correio. Na hora, é duro de entender, mas, depois, você para pra pensar. Sai, por exemplo, meio dia e fica o resto da tarde deitada, e a casa tá de ponta cabeça. Aí, você chega moído e tem que continuar até nove ou dez horas da noite fazendo uma coisa que ela podia ter adiantado. Ih!

Aí, gera um conflito sim [tensão na voz]. Preguiçosa... Aí, sai um quebra pau de vez em quando, sim.

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Era assim... Não era dividido, não. Não era. Meu pai, ele bebia... É... [pensativo] Então, ele levantava cedo e fazia só o café e ia trabalhar. A minha mãe, ela cortava cabelo, né? Fez isso a vida inteira. Só que ela vinha e fazia todo o resto... É, todo o resto. Eu não tenho recordação assim dela mandar eu fazer alguma coisa ou limpar, arrumar, assim ó, filho único. Eu não tenho recordação de eu organizar meu quarto, por exemplo. Não lembro. Mas fazia todo o resto, inclusive até trabalhar e... Eu aprendi me virar depois que perdi eles, né? Tive que fazer tudo sozinho. Aprendi na marra. Mas não tinha, assim... Não tinha divisão não.

Fui criado sem alguém me ensinar, por exemplo, fazer um arroz. Na hora que minha mãe ficou doente, e meu pai ficou doente pouco tempo depois, aí, eu falei, agora tenho que comer. Então, fui forçado a aprender fazer um arroz. Por exemplo, uma coisa salgada, o que você quiser, eu cozinho... Não tem tempo ruim. Se é doce, não sei fazer nada.

Trabalhei numa fábrica de massa...fábrica DDDD em MMMM. Então, eu fazia massa, desde a massa até o molho e tudo... Aprendi fazer... Cozinho bem até [risos]. Se eu vou em churrasco, é eu que cozinho... Faz tempo que eu não cozinho em churrasco. Em casa, é eu que faço a janta, faço almoço – [baixou o tom da voz] mais janta, agora, por causa do meu horário – mas faço a janta, que já é o almoço deles no outro dia, né? Que ‘tou fora, né?

Aprendi com a falta! Eu precisei aprender, com a falta... Tive que aprender, porque eu fiquei sozinho. A irmã da minha mãe já é de idade. Ela não... Ela tem um filho dela também e... não ia lá pra cozinhar pra mim, né? Aí, eu falei: “Eu vou! E... me virei.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Uma divisão de tarefas. Acho que é isso, uma divisão de tarefas. Nem sempre é dividido, mas eu acho legal dividir. Não por obrigação: você tem que fazer isso. Eu acho que, assim, o normal, seja num casal, duas pessoas que moram juntas... sei lá... amigos, tem de dividir pra aliviar o outro, né? Acho isso!

APÊNDICE I – Entrevista – Márcio, 40 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Toda parte de limpeza, cuidados com a casa, alimentação do lar, esposa e filhos, arrumação da casa. Toda relação no âmbito doméstico... Da casa onde a gente vive.

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Existe

P: De que tipo?

A gente fez uma divisão sem falar. Em alguns dias, alguns fazeres, tipo almoço. Então, segunda, não, acho que terça e quinta, eu que faço o almoço, e segunda, quarta e sexta, minha esposa que faz... Acho que ficou assim ou mais ou menos assim. **Mas, assim como trabalho com... com... com informática e sou chamado qualquer hora do dia, existe essa divisão, mas se não der pra fazer o outro supre.** E... de final de semana, é faxina. Sábado que é limpeza pesada, né? Banheiros, quintal, dar uma geral...

Todo dia é (*sic*) os dois que fazem o (*sic*) que conseguem: arrumar as camas, passar vassoura... E hoje eu fico em casa, não tenho mais a farmácia. Trabalho com informática em casa. **Então 'tô ali fazendo meu serviço de ganhar dinheiro e, quando sobra um tempinho, dá pra fazer o serviço doméstico.**

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Responsável por ele, acho. Tem que... Quando consigo um tempo, tem que fazer e pronto.

P: Como você vê sua parceira diante do trabalho doméstico?

Parceira. A gente divide mesmo. Então, quando um precisa sair, o outro... Agora vai até piorar isso em relação a que ela ficava mais em casa. Com o trabalho dela fora aumentando, vai começar a ter mais atividades fora, mais pacientes... 'Tá aumentando... Vai ficar mais tempo fora do que já fica. [Pensando] Não sei como vamos fazer... Mas, então, agora que a gente vai ter que dividir mais ainda. Mas sempre foi bem dividido. Tem alguns momentos do mês [em] que tenho muito serviço e ela, menos. **Aí, acaba sobrando mais pra ela, mas, fora isso, é bem dividido isso.**

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e sua parceira?

É, a gente já discutiu sim.

P: Como assim?

Ah, a gente já discutiu sobre divisão de tarefas, sim. O que... Como que ela será dividida, né? Não só um pensando. Os dois tentando achar uma maneira de fazer.

P: Gera conflito?

Hã? Não, hoje não.

P: Como se decide a divisão das tarefas?

A gente vai fazendo o que precisa ser feito, de acordo com o que cada um vai vendo que precisa fazer.

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

[Gagueja para dizer "a minha família"] A minha família de origem era bem feminista. Minha mãe [era] que fazia tudo, meu pai não participava muito. [Silêncio] A gente não fazia muita coisa e, depois, que separaram, aí, a gente passou, como filho, a ajudar a mãe. Mais eu, porque meu irmão é bem masculino, assim, né? Hoje, ele lava a louça mais por causa da esposa. A mãe... Mãe faz tudo até hoje: faz almoço, ela limpa. Então, minha família de origem é assim. Ajudava ela porque ela pedia... Ela pedia... [pensando] Bem, pedido claro assim, não... Mas é que... Criança e adolescente é preguiçoso. É que eu não tinha essa de preguiça... Hoje, ensinamos nossos filhos que é importante ajudar em casa, porque a casa é deles, não é nossa. E [a] da minha mãe já não – ela fazia tudo. **Aí, a gente ajudava, então,**

porque ela pedia uma coisa ou outra, pedia ajuda... Esse termo que pega... A gente ajuda aquela pessoa e não é responsável.

Minha esposa também é psicóloga, né? Então, ela pega pesado em relação ao termo ajuda. Assim, [risos], eu falo: “eu te ajudo, né?” E ela fala: “você não tem que ajudar, você tem de ser responsável também por aqui”. [risos] A gente é hoje assim, e tá dando certo, né?

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Todo aquele trabalho, serviços, que a residência, a casa onde mora exige, né? É limpeza, arrumação, alimentação da esposa e dos filhos. É tudo aquilo que precisa ser feito.

APÊNDICE J – Entrevista – Sérgio, 40 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

A bagunça que 'tá em casa. Um monte de coisas pra descartar, para, assim... Pra reorganizar a vida. Hoje, nós estamos nessa... nesse momento, né? Abrir guarda-roupa, abrir armário, ver o que realmente a gente precisa e separar do que vai dar, vender ou descartar. Por isso 'tá uma bagunça... Uma consequência de hábitos ruins que a gente já trouxe até da casa anterior. Por outro lado, a gente, hoje, está morando na casa dos nossos irmãos, né? Então... Quando a gente comprou a nossa casa, a gente ainda morava com meu sogro e eles já tinham terreno, não tinham construído ainda, 'tavam pagando aluguel. Como a gente ainda 'tava com meu sogro, a gente cedeu a casa para eles, enquanto eles construíam. Daí, meu irmão foi transferido para outro estado e, daí, eles falaram: "Vocês querem ficar com nossa casa e colocar a de vocês à venda?". E foi o que a gente fez. Então, na casa tem algumas coisas que são deles, ficaram na casa e juntaram com as nossas, né? Mas, assim, eu acredito que, se a gente se organizar, melhorar um pouquinho os nossos hábitos, o trabalho doméstico vai ficar muito mais simples. A casa vai ficar mais agradável. Vai ficar um ambiente mais saudável, eu acho.

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Existe

P: De que tipo?

Ela é meio que automática assim. Não é uma coisa que a gente sentou e estabeleceu o que cada um vai fazer. Mas existe. É, no momento, eu acho que assim, tem um pouco de desequilíbrio. É... mais desfavorável pra mim, eu acho [fala muito vagarosamente]. **Acho que, hoje, eu faço mais coisas até que a Rose. Mas, também, por outro lado, eu procuro relevar que o meu trabalho é mais estável que o dela. Então, eu, quando saio do trabalho, meu trabalho 'tá encerrado.** O dela, não necessariamente: tem respostas pra dar, contatos pra fazer, coisas do tipo, né? Então... É... Assim... Basicamente, eu acho que **eu acabo sendo o responsável pelas tarefas domésticas, e ela ajuda.** Uma coisa que eu não faço, assim, que eu não aprendi, mas também ela 'tá dando conta é lavar roupa, cuidar da roupa. A gente tem uma funcionária que vai uma vez por semana, passa roupa e limpa casa. Mas, assim, eu que ponho o lixo para fora. Normalmente eu que cozinho. Muitas vezes, eu que lavo a louça também. Das tarefas básicas, é isso. O que a gente acaba não fazendo, por falta de tempo também e de organização, é passar um aspirador de pó na casa, fazer alguma coisa assim. Acaba ficando tudo para o dia que a moça vai lá, né? Mas, enfim, por enquanto, a gente 'tá sobrevivendo desse jeito. Ah! Uma outra coisa que ela faz é cuidar das coisas do (filho): trocar, escola, isso aí é ela que acompanha mais.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Ah, normal. Uma coisa que precisa ser feita, né? E, assim, é o lugar onde a gente vive. Se a gente pudesse ter uma pessoa que fizesse tudo, seria maravilhoso, né? Mas, pra mim, isso é natural.

P: Como você vê sua parceira diante do trabalho doméstico?

Eu acho que ela é mais desorganizada e, assim, indecisa no que fazer, como fazer e tal. Por outro lado, quando a gente combina de arrumar, a gente pega e arruma tudo, ela ajuda muito, faz bem feito. Às vezes...muitas vezes, ela mesma pega e faz. O problema é que ela não consegue manter organizado. **Ela tem alguns hábitos que, assim, não que eu não tenha, mas é que, eu acho que o dela...Ou eu posso também 'tá sentando no meu rabo e falando do dela [risos]. Mas eu acho que ela tem, assim, por exemplo, ela vai trocar o (filho), ela pega as roupas do (filho) no quarto, troca o (filho) na sala e pega mais de uma opção de troca, e fica na sala aquilo que não usou e a roupa que ele 'tava usando antes. Isso vai acumulando, vai ficando aquela coisa medonha, né? Mas, assim, ela**

sabe fazer. Ela... Ela... Se tiver de ficar na mão dela, ela vai fazer, só que eu acho que vai tirar tempo do trabalho dela. E ela tem essa questão assim, ela arruma, mas **não consegue manter arrumado**. Ela mesmo bagunça muito. Eu, com uma peça de roupa, um calçado, também deixo coisas fora do lugar, mas para mim é muito claro que a quantidade das minhas coisas fora do lugar é muito menor do que as dela. Mas, assim, as minhas coisas estão mais organizadas, as dela estão mais espalhadas.

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e sua parceira?

Raramente. Passa um tempo, **eu fico cansado do cenário caótico e, aí, eu começo a reclamar. Começo a evidenciar as coisas que estão me incomodando e, aí, dá atrito. Normalmente é assim. Daí, melhora, mas passa o tempo, os hábitos ainda não mudaram, os resultados se repetem.** Fica caótico, reclamo, melhora e assim vai... Então, tem sido assim.

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

É... Ficava tudo pra minha mãe. Minha mãe sempre fez tudo e meu pai nunca fez nada, assim, cuidar da casa... Mínimo, mínimo, mínimo eu vi meu pai ajudando. Nunca vi meu pai lavar uma louça. Era bem diferente. Minha mãe também não exigia que a gente fizesse nada pra ajudar. Então o que eu falo: eu não sou perfeito, assim, né, em termos de organização. Na casa da minha mãe mesmo, ela ficava brava várias vezes porque a gente, eu e meu irmão, deixava as coisas fora do lugar. Só que ela pegava e fazia, né? Ela brigava, chamava atenção, mas ela pegava e resolvia. Não falava: "Ó, cata sua roupa aqui e vai por no lugar, vai fazer isso aqui" Ela não fazia isso. Mas, desde o primeiro momento que eu fui para minha casa, que a gente saiu da casa do meu sogro, fomos primeiro para minha casa de (lugar) e hoje estamos na de (lugar), mas, desde que fomos para nossa primeira casa, sempre cuidei das coisas, né?

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

Olha, acho que eu repito a resposta: **cenário caótico, muita coisa fora do lugar. Então, quando eu penso na casa, é uma coisa que me chateia, que me causa dor, causa dor! Putz! Nossa!** Eu não gosto de pensar nisso. Mas isso é um dos planos de mudança para vida em 2018. Isso é uma coisa, assim, que estamos começando a criar uma visão de que, no final, no máximo no final desse ano, isso vai ter mudado completamente. A casa vai ter um aspecto de ambiente organizado, limpo... Limpo é, mas... Limpo e organizado. Talvez, depois desse cenário, minha resposta seja que, ao pensar em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é uma coisa natural, uma coisa do cotidiano. Mas hoje isso me incomoda muito e eu acabo repetindo a resposta anterior.

APÊNDICE K – Entrevista – Raul, 49 anos

P: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

É... Obrigação, encheção de saco, mas obrigação. A gente tem que fazer, já que não tem condição de pagar quem faça, a gente mesmo tem que fazer.

P: Existe divisão de tarefas em sua casa?

Sim. [Pensativo, em silêncio]

P: De que tipo?

Eu faço comida e parte da faxina. Roupa cada um mais ou menos passa a sua, porque o meu tempo em casa é maior que [o] da Laura. Eu trabalho até 4h da tarde. Ela chega do serviço sete e quinze, sete e meia. Sábado, ela trabalha. Então, cada um tem que fazer o seu. As crianças também já estão entrando na roda, né? Cada um tem o seu quarto e cuida dele e tal. [silêncio] Então, é isso.

P: Como você se vê diante do trabalho doméstico?

Humm... Não sei... Ah, temos que fazer. Se o trabalho 'tá ali, temos que fazer. Se não... Igual eu falei... A gente não tem condição de pagar uma pessoa, né? Então, vamos encarar. Tem que fazer. **Não tem muito que discutir ou pensar. Existe trabalho doméstico e precisa ser feito.**

P: Como você vê sua parceira diante do trabalho doméstico?

É, eu queria que ela fizesse tudo [risos]. Já que não tem jeito, né? Assim... **É, a gente acha ruim de fazer, mas não tem opção. Tem que fazer, vamos fazer.** Às vezes, ela fazia faxina da semana na sexta-feira. Normalmente, a gente faz de sexta-feira, à noitinha, final da tarde, começo da noite, mas, em alguns dias, ela dizia: “ah, mas hoje não vamos fazer não. Vamos deixar pra amanhã”, ou, “fazemos em um outro dia”. E, assim, vamos decidindo que dia fazer. E...cada um fazendo a sua parte. Eu cuido do quintal e dos banheiros, ela, o resto da casa. É isso!

P: A divisão de tarefas é um assunto entre você e sua parceira?

Ah... Hoje, não, mas, no começo do casamento, né, sim. Mas, hoje, cada um sabe o que tem que fazer, sabe que tem que fazer.

P: Gera conflito?

Não... [Pensativo. Longo silêncio] E nunca gerou, não... Nunca mesmo. Nas outras casas que a gente morou, cada um fazia uma parte de acordo com seu horário no trabalho. Essa parte de quintal, de banheiro... mexer com água e tal é mais comigo. E o trabalho mais chato, que eu acho, fica pra ela, ela que faz. Limpa, varre, passa pano e tal, que eu acho mais chato, mas acho que nunca teve problema. Até minha criação lá em casa, sempre ajudei minha mãe, também... Nunca teve conflito, não.

P: Como a rotina dos afazeres domésticos era resolvida em sua família de origem?

Como acabei de falar, em casa, quando eu era criança, eu tinha meu servicinho. Minha irmã, também o dela. Então... acho que é da criação de casa. Lá todo mundo ajudava. Supermercado hoje quem faz lá em casa sou eu porque eu com... pra 14 a 15 anos comecei a fazer supermercado...[Pensativo] Mamãe não ia, eu que ia... É... **Desde solteiro, já fui meio que criado pra ajudar em casa, então... que ir jogar bola que nada...** “Pode ir, mas antes tem que passar escovão na casa” – antigamente tinha escovão – **“Vai passar escovão na casa”**. Então, já vem lá de trás, né? **Sempre fui cobrado e acho que aprendi que tem de fazer.** A Laura não teve que me doutrinar para fazer, não. Entrei no casamento sabendo que teria que ajudar em casa ou pagar uma empregada... Não dá pra pagar, então, vamos ter de fazer.

P: Agora, farei uma pergunta que fiz antes: Quando penso em trabalho doméstico, o que me vem à cabeça é... (complete).

É encheção no saco, é um pé no saco ter que fazer trabalho doméstico, mas... tem que fazer, vamos fazer. Queria não ter a obrigação de fazer. Mas é obrigação? É! Então, vamos fazer.